



EMILLY SAMPAIO SILVA VELOSO

**MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NO PORTUGUÊS
DA ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE**

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) – Código de Financiamento 288/2021.

Feira de Santana-BA
2023

EMILLY SAMPAIO SILVA VELOSO

**MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NO PORTUGUÊS
DA ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador(a): Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araujo

Feira de Santana-BA
2023

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

V555

Veloso, Emilly Sampaio Silva

Marcadores discursivos interacionais no português da ilha de Santiago, Cabo Verde / Emilly Sampaio Silva Veloso. – 2023.

114 f.: il.

Orientadora: Silvana Silva de Farias Araujo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2023.

1. Língua Portuguesa – Cabo Verde. 2. Marcadores discursivos.

I. Título. II. Araujo, Silvana Silva de Farias, orient. IV. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDU 806.90-086

Daniela Machado Sampaio Costa - Bibliotecária - CRB-5/2077

TERMO DE APROVAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NO PORTUGUÊS DA ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE

EMILLY SAMPAIO SILVA VELOSO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Variação e mudança linguística no português, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 30 de março de 2023.

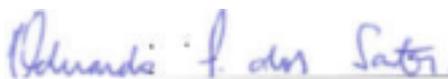
BANCA EXAMINADORA:



Dra. Silvana Silva de Farias Araújo
Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientadora



Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinador Interno



Dr. Eduardo Ferreira dos Santos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Examinador Externo

Dedico este trabalho às memórias de Clarice Maria (minha avó) e a vovó Gregória. E em homenagem à minha avó Vanderlita e ao meu avô Miguel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a todas as Deusas e aos orixás que me guiaram (guiam) e mantiveram firme até aqui, depois da COVID-19.

Aos meus familiares, em especial a minha mãe Marisa e ao meu pai Edilson. Que embora não tenham ideia do que é um mestrado, me apoiaram incondicionalmente e sempre trabalharam para que eu pudesse ter acesso a educação. O formato on-line possibilitou para que eles pudessem ver de perto o quanto eu fico nervosa com a “academia”.

Ao meu irmão e a minha cunhada por fazerem parte da minha vida.

Ao meu companheiro, por me dar a mão, caminhar comigo nesse processo e estar presente em todas as minhas crises acadêmicas e não só.

A minha família caboverdiana pela acolhida e por tudo, a saudade que sinto de vocês é enorme.

Aos meus amigos e amigas, que me acolheram com palavras de conforto, me aconselhando e ouvindo os meus desabafos, obrigada pela paciência.

A professora Dra. Caroline por ter me apresentado e ter me deixado apaixonada pela pesquisa de campo e a professora Dra. Ludmylla por ter me dado a oportunidade de fazer parte do seu grupo de pesquisa e por ter sido mais que uma professora, uma amiga.

Ao meu professor Dr. Eduardo (que carinhosamente chamo de *honey*), por ter me entregado esse tema e por ter sido meu primeiro orientador, tenho um carinho muito grande por você.

A minha orientadora Dra. Silvana e a professora Dra. Norma pelas contribuições ao longo do mestrado, que serão aprendizados que vou levar para a vida.

A todos os professores que tive a oportunidade de assistir uma aula, eles contribuíram para quem eu me tornei hoje.

Aos estudantes que entrevistei em Cabo Verde, em 2018, sem eles esse trabalho não seria possível.

Às professoras Adelice Freire e Anabela Moreno que me ajudaram no período em que estive no Liceu.

Ao professor Casimiro, que infelizmente não está mais entre nós, por ter me falado inúmeras vezes que poderia voltar quando quisesse.

Ao professor Dr. Luiz Miguel, que esteve disponível desde o primeiro contato.

Ao professor Dr. Fernando, que me ajudou no processo de ida a Cabo Verde.

À professora Dra. Amália, que sempre respondeu aos meus e-mails e se mostrou solícita em ajudar no que fosse necessário.

Ao professor Dr. Alexandre, pela leitura atenta que teve por este trabalho, sou eternamente grata.

E à FAPESB pela bolsa.

“Apesar de todas as línguas se equivalerem do ponto de vista sistêmico, elas são profundamente desiguais nas suas funções, em que estão submetidas a relação de força. O poder afeta o uso das línguas” (FIORIN, p. 58, 2014).

RESUMO

Os marcadores discursivos são elementos linguísticos que auxiliam no processo da construção do enunciado, destacando o que está implícito e explícito no texto oral e/ou escrito. Embora comprovado sua importância para o desenvolvimento do discurso e a vasta quantidade de trabalhos que tratam desses marcadores, essas formas linguísticas continuam sendo estigmatizadas e ausentes da gramática normativa como uma categoria. A maioria das pesquisas sobre o tema tem como foco principal o português brasileiro e o europeu, existindo poucos estudos sobre os marcadores discursivos no português falado no continente africano, especificamente no português falado em Cabo Verde. Com isso, esta pesquisa teve como objetivo analisar os marcadores discursivos interacionais presentes no discurso oral do português caboverdiano, especificamente na ilha de Santiago, em três grupos sociais: estudantes, professores e políticos. Para isso, tivemos como parâmetro os traços definidores propostos por Risso, Silva e Urbano (2015). Utilizamos os dados recolhidos a partir da pesquisa de campo, realizada durante a graduação, com 26 entrevistas e a transcrição de 08 entrevistas semiestruturadas da tese de Lopes (2011). Os resultados apontam para uma elevada ocorrência de marcadores discursivos interacionais no grupo de estudantes, sendo o grupo com a menor diversidade desses elementos e a menor ocorrência com os políticos sendo o grupo que utiliza a maior diversidade de marcadores.

Palavras-chave: Marcadores Discursivos; Língua Portuguesa; Cabo Verde.

ABSTRACT

The discourse markers are linguistic elements that assist in the process of construction of the utterance, highlighting what is implicit and explicit in the oral and/or written text. Although proven their importance for the development of discourse and the vast amount of works that deal with these markers, these linguistic forms continue to be stigmatized and absent from normative grammar as a category. Most research on the subject focuses mainly on Brazilian and European Portuguese, with few studies on discursive markers in Portuguese spoken on the African continent, specifically in Portuguese spoken in Cape Verde. With this, this dissertation aims to analyze and the interactional discursive markers present in the oral discourse of Cape Verdean Portuguese, specifically on the island of Santiago, in three social groups: students, teachers and politicians. For this, we had as a parameter the defining traits proposed by Risso, Silva and Urbano (2015). We used the data collected from the field research, carried out during graduation, with 26 interviews and the transcription of 08 semi-structured interviews of Lopes' thesis (2011). The results point to a high occurrence of interactive discursive markers in the group of students, being the group with the lowest diversity of these elements and the lowest occurrence with politicians being the group that uses the greatest diversity of markers.

Keywords: Discourse Markers; Portuguese Language; Cape Verde.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Localização de Cabo Verde	22
Figura 02 -	Artigo 9º	35
Figura 03 -	Descrição do que é considerado português padrão em Cabo Verde	40
Figura 04 -	Exemplos dos MDs no livro do 6º ano	49
Figura 05 -	Orientações do uso dos MDs no discurso oral	49
Figura 06 -	Funções específicas dos MDs	50
Figura 07 -	Mapa da localização dos PALOP	58
Figura 08 -	Localização do Município da Praia	66
Figura 09 -	Localização de São Lourenço dos Órgãos	67
Figura 10 -	Escola Secundária Luciano Garcia	67
Figura 11 -	Localização de Santa Catarina	68
Figura 12 -	Liceu Amílcar Cabral	69
Figura 13 -	Gráfico com a percentagem da posição na frase dos MDs interacionais em Veloso (2018)	82
Figura 14 -	Gráfico com a percentagem da posição na frase dos MDs interacionais em Lopes (2011)	92
Figura 15 -	Gráfico com a percentagem dos MDs interacionais utilizados de acordo com a ocupação social	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Modelo de transcrição	74
Quadro 02 - MDs interacionais na amostra de Veloso (2018)	81
Quadro 03 - Posição na frase dos MDs na amostra Veloso (2018)	82
Quadro 04 - MDs interacionais com a mesma função na amostra de Veloso (2018)	90
Quadro 05 - MDs interacionais na amostra de Lopes (2011)	90
Quadro 06 - Posição na frase dos MDs na amostra de Lopes (2011)	91
Quadro 07 - MDs interacionais com a mesma função na amostra de Lopes (2011)	99
Quadro 08 - Uso dos MDs interacionais de acordo com a ocupação social	100
Quadro 09 - MDs que desempenham a mesma função nas amostras analisadas	101
Quadro 10 - MDs sequenciadores nas duas amostras	105

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALUPEC	Alfabeto Unificado Para Escrita do Caboverdiano
CEI	Casa dos Estudantes do Império
CRPC	Corpus de Referência do Português Contemporâneo
DID	Diálogo entre Informante e Documentador
D2	Diálogo entre Dois Informantes
EF	Eloquções Formais
GTs	Grupos de Trabalhos
INE	Instituto Nacional de Estatísticas
LA	Língua alvo
L-AcT	Língua em Ato
LCV	Língua caboverdiana
L1	Língua materna
L2	Segunda língua
MC	Marcadores conversacionais
MDs	Marcadores discursivos
ONU	Organização das Nações Unidas
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PAIGC	Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde
PB	Português brasileiro
PCV	Português falado em Cabo Verde
PE	Português europeu
PGPF	Projeto de Gramática do Português Falado
PROFALA	Processamento da Fala e do Discurso Análise e Aplicações
QFF	Questionário Fonético e Fonológico
RAD	Requisitos de apoio discursivo
TCC	Trabalho de conclusão de curso
UFC	Universidade Federal do Ceará

UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Uni-CV	Universidade de Cabo Verde
US	Universidade de Santiago

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL E LINGUÍSTICA DE CABO VERDE	22
2.1	PROCESSOS HISTÓRICOS E SOCIAIS: QUESTÕES DE POVOAMENTO	22
2.2	CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE CABOVERDIANA	27
2.3	CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO DE CABO VERDE: HISTÓRIA DO CONTATO	31
2.4	CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO LINGUÍSTICO	37
2.5	O PORTUGUÊS NO CONTEXTO CABOVERDIANO	39
3	MARCADORES DISCURSIVOS	43
3.1	A PERSPECTIVA TEXTUAL-INTERATIVA	43
3.2	ESTIGMAS	47
3.3	A DIVERSIDADE DE PESQUISAS SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS	51
3.3.1	Marcadores discursivos no português brasileiro	53
3.3.2	Marcadores discursivos no português europeu	56
3.3.3	<i>Marcadores discursivos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa</i>	57
4	PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	62
4.1	SOCIOLINGUÍSTICA	62
4.1.1	Comunidade de fala	65
4.2	CORPUS AMÁLIA MELO LOPES (2011)	69

4.3	CORPUS VELOSO (2018)	72
4.4	DELIMITAÇÃO DOS DADOS E VARIÁVEIS CONSIDERADAS	75
5	ANÁLISE DOS MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NO PORTUGUÊS FALADO EM CABO VERDE	81
5.1	MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS VELOSO (2018)	81
5.1.1	O marcador discursivo “ãh?”	83
5.1.2	O marcador discursivo “ahh”	84
5.1.3	<i>Os marcadores discursivos “aham” e “uhum”</i>	85
5.1.4	<i>O marcador discursivo “né?”</i>	86
5.1.5	<i>O marcador discursivo “entendeu?”</i>	87
5.1.6	<i>Os marcadores discursivos “hmm” e “ahn”</i>	87
5.1.7	<i>O marcador discursivo “ya”</i>	89
5.2	MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS LOPES (2011)	90
5.2.1	Os marcadores “não é?”, “não?”, “ah é?”, “ahn?”, “está a ver?” e “está a compreender?”	93
5.2.2	<i>Os marcadores “olhe”, “olha”, “repare” e “veja”</i>	94
5.2.3	<i>O marcador “ah/a::”</i>	96
5.2.4	<i>Os marcadores “mhm” e “mhm mhm”</i>	97
5.2.5	<i>Os marcadores “oh pá!”, “ah não!” e “ah!”</i>	98
5.3	COMPARAÇÃO DOS MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NAS AMOSTRAS	99
5.4	OS MARCADORES DISCURSIVOS SEQUENCIADORES	104
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108

1 INTRODUÇÃO

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006) postula que a língua é um sistema heterogêneo e, por isso, ela sofre influência do contexto em que está inserido, ou seja, ela está sujeita à variação. Partindo desse pressuposto, a pesquisa analisou os marcadores discursivos (doravante MDs) no português falado em Cabo Verde em situações reais de comunicação, com dados obtidos num modelo básico, que é a gravação de entrevistas individuais. Segundo Labov (2008 [1972]), esse é um método eficaz para se obter dados linguísticos confiáveis.

Os MDs são estruturas responsáveis por auxiliar a construção dos discursos oral e escrito dos interlocutores na comunicação, podendo exercer a função tanto de conectores como a de gerenciadores da conversação. A presente pesquisa analisa as diferenças e semelhanças existentes nos MDs no discurso oral do português caboverdiano¹, que podem ser encontrados de acordo com três grupos sociais de falantes, o primeiro grupo composto por estudantes, o segundo grupo por professores e o terceiro grupo por políticos.

A análise é realizada a partir de dados recolhidos, em 2018, de um estudo anterior em uma disciplina na graduação, com 10 horas de duração, distribuídas em 57 arquivos, desses 26 arquivos foram transcritos e analisados com 08 das 29 entrevistas que foram transcritas por Lopes (2011), com média de duração de uma hora, realizadas no período de 2006-2007. As entrevistas das duas amostras foram realizadas na Ilha de Santiago, em Cabo Verde.

Por meio de um levantamento bibliográfico inicial sobre os MDs, constatamos uma concentração de pesquisas especificamente sobre os marcadores nas variedades do português brasileiro (PB), como Marcuschi (1989), (1997), Silva e Macedo (1996), Valle (2000), Freitag (2007), Penhavel (2012), Batista (2014) e Risso, Silva e Urbano (2015) e do português europeu (PE), como Macário Lopes (2014), Teixeira, Ribeiro e Salgado (2016) e Macário Lopes e Carapinha (2017). Nesse sentido, é necessário que sejam realizadas mais pesquisas que abordem os MDs nas variedades do português falado em diferentes contextos, como no continente africano, particularmente nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

¹ Em consonância com a tese de Veiga (2009), Miranda (2013) reafirma o posicionamento quanto ao uso do caboverdiano sem o hífen, pois refere-se a língua materna dos caboverdianos, com isso concorda-se com o posicionamento teórico e se estende não só para a língua, mas também para os indivíduos. Para um maior entendimento dessa questão, remetemos o leitor à Miranda (2013) e à Veiga (2004). Reforçamos que esse uso não é consensual entre os pesquisadores e foi emitido um parecer pela Comissão Nacional para as Línguas favorecendo a utilização do hífen, que foi homologado pelo Ministro da Cultura.

Do mesmo modo, para entender o funcionamento do português caboverdiano, é necessário que haja um levantamento dos estudos sociolinguísticos que forneça ferramentas explicativas sobre o funcionamento e as características dos MDs no processo de interação social no discurso oral. Nesse sentido, surgiu o seguinte questionamento: quais são e como encontram-se estruturados os MDs interacionais presentes no discurso oral do português caboverdiano na ilha de Santiago?

Com esta pesquisa, esperamos identificar os MDs interacionais presentes no discurso oral do português caboverdiano, especificamente na ilha de Santiago, de acordo com os traços definidores propostos por Risso, Silva e Urbano (2015), como podemos verificar nos exemplos (01) e (02), que trazem os marcadores com o maior número de ocorrências nas amostras.

(01)

AL17: ahn bom aqui em Órgãos eu gosto muito de frequentar São Jorge que é um lugar muito bonito verde tem muitas plantas... ahn também a:: na ilha de Santiago nos lugares mais incríveis e bonitos que existem é Tarrafal [...]

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 165)

(02)

INF9: a::: é uma coisa muito complicada - não é?

(CORPUS LOPES, 2011, p. 334)

Em síntese, essa proposta foi guiada pelos seguintes objetivos específicos: (i) Descrever e comparar os MDs interacionais encontrados no discurso oral do português caboverdiano, na ilha de Santiago de acordo com os três grupos sociais controlados na pesquisa e (ii) Contribuir para um melhor entendimento do uso dos MDs, apontando a necessidade de valorizar esses elementos linguísticos na gramática normativa e no processo educativo caboverdiano. Além disso, esperamos aprofundar nossa análise sobre os MDs que exercem a função de basicamente interacionais, de acordo com os traços definidores propostos por Risso, Silva e Urbano (2015).

Estamos cientes que estamos pesquisando um fenômeno pouco estudado no continente africano, especificamente em Cabo Verde, e por esse motivo, teremos como referência teórica estudos de autores brasileiros, que enquadram os MDs, no âmbito da Perspectiva Textual-Interativa, em especial Risso, Silva e Urbano (2015). A Perspectiva Textual Interativa foi criada por pesquisadores do grupo de pesquisa Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), com o intuito de suprir as dificuldades em compreender os processos que auxiliam a construção do texto falado, e por esse motivo essa abordagem teórica compreende a linguagem como um fenômeno heterogêneo e estuda a língua em uso.

Perante a existência de poucos estudos sobre os MDs no português caboverdiano, a presente pesquisa se propõe ampliar um estudo já iniciado na graduação, em 2018, a partir de uma abordagem detalhada dos MDs, analisando e descrevendo novos elementos conversacionais e suas variações de acordo com o grupo social. Desse modo, acreditamos que contribuiremos para uma melhor compreensão da situação linguística em Cabo Verde. Além disso, auxiliaremos no processo de valorização da variante do português falado na ilha de Santiago, a partir do momento que as próprias populações entendam a estruturação e a importância da mesma, nas relações sociais.

Esta dissertação está dividida em seis seções, na primeira discutimos acerca da perspectiva textual-interativa, no qual os MDs estão inseridos. Na sequência, trouxemos os estigmas que os MDs carregam, destacando como esse tema fica à margem dos estudos linguísticos e pesquisamos de que modo esses elementos linguísticos aparecem nos Manuais Escolares de Cabo Verde, nos respectivos anos 5º, 6º, 7º e 8º. Depois, apresentamos a diversidade de pesquisas sobre os MDs e a ausência de um consenso sobre as funções e denominações desses termos, com exemplos de pesquisas realizadas sobre os MDs no PB, no PE e nos PALOP, destacando a escassez de pesquisas que abordam esse tema no português falado no continente africano.

Na segunda seção, intitulada *Contextualização histórico-social e linguística de Cabo Verde*, apresentamos com base na revisão de literatura o processo do povoamento das ilhas de Cabo Verde, a emergência e a consolidação da sociedade caboverdiana. Além disso, abordamos a questão sociolinguística no arquipélago com foco no contexto marcado pelo contato linguístico, na relação histórica e desigual entre as duas línguas, a língua caboverdiana (LCV) e o português caboverdiano.

Na terceira seção, intitulada *Marcadores discursivos*, discutimos acerca da perspectiva textual-interativa, no qual os MDs estão inseridos. Na sequência, trouxemos os estigmas que os MDs carregam, destacando como esse tema fica à margem dos estudos linguísticos e pesquisamos de que modo esses elementos linguísticos aparecem nos Manuais Escolares de Cabo Verde, nos respectivos anos 5º, 6º, 7º e 8º. Depois, apresentamos a diversidade de pesquisas sobre os MDs e a ausência de um consenso sobre as funções e denominações desses termos, com exemplos de pesquisas realizadas sobre os MDs no PB, no PE e nos PALOP, destacando a escassez de pesquisas que abordam esse tema no português falado no continente africano.

Na quarta seção, intitulada *Procedimentos teóricos-metodológicos*, apresentamos os *corpora* utilizados que seguem o modelo da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008

[1972]), com entrevistas entre colaborador e documentador que nasceram e residem em Cabo Verde. Identificamos os MDs interacionais encontrados de acordo com o núcleo-piloto definidor que são: exteriores ao conteúdo proposicional, sintaticamente independentes e comunicamente não autônomos (RISSO; SILVA; URBANO, 2015). Em seguida, indicamos como será realizada a análise dos dados de acordo com a frequência dos MDs utilizados pelos três grupos sociais, divididos entre estudantes, professores e políticos.

Em seguida, na quinta seção, *Análise dos marcadores discursivos interacionais no português falado em Cabo Verde*, como o próprio nome sugere, analisaremos os dados recolhidos. Identificamos e comparamos os MDs interacionais presentes nos *corpora* (URBANO, 2001, 2015), (FREITAG, 2008, 2017), de acordo com a posição que ocupam na frase e a frequência desse uso. Além de fazermos um breve levantamento dos MDs sequenciadores nas amostras, com o intuito de investigarmos se ambos os tipos de marcadores são utilizados pelos diferentes falantes. Por fim, na última seção, teremos as *Considerações finais*.

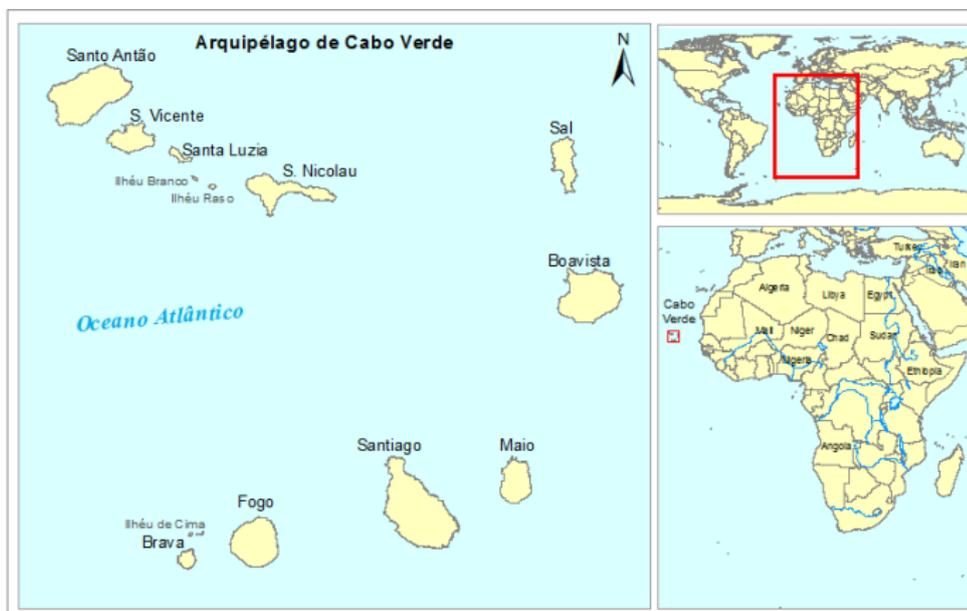
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL E LINGUÍSTICA DE CABO VERDE

Antes de discorrermos sobre os MDs no português falado em Cabo Verde é importante compreender o contexto histórico, social e linguístico do país. Nesta seção, no primeiro momento, descreveremos com base na revisão de literatura o processo do povoamento das ilhas de Cabo Verde, a emergência e a consolidação da sociedade caboverdiana. Posteriormente, abordaremos a questão sociolinguística no arquipélago com foco no contexto marcado pelo contato linguístico, na relação histórica e desigual entre as duas línguas, a língua caboverdiana (LCV) e o português caboverdiano.

2.1. PROCESSOS HISTÓRICOS E SOCIAIS: QUESTÕES DE POVOAMENTO

Cabo Verde é um arquipélago, pertencente ao continente africano, localizado aproximadamente a 500 km da costa do Senegal, com um território ocupando uma área de 4033 km. É um país de origem vulcânica composto por dez ilhas, das quais nove são habitadas, e cinco principais ilhéus (Branco, Raso, Luís Carneiro, Grande e de Cima). Essas ilhas estão divididas geograficamente em dois grupos: o grupo Barlavento, localizado ao norte, composto pelas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (desabitada), São Nicolau, Sal e Boa Vista; e o grupo Sotavento, localizado ao sul, composto pelas ilhas de Brava, Fogo, Santiago e Maio. Como mostra o mapa abaixo:

Figura 01: Localização de Cabo Verde



Fonte: INE (2019)

De acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas (INE), a população local atual, a partir de dados de 2019, é de aproximadamente 550 483 habitantes, sendo o saldo migratório com cerca de um milhão de caboverdianos na diáspora.

Cabo Verde era desabitado até a chegada dos portugueses em 1460. Em 1462, tem início o lento² e difícil processo de povoamento do arquipélago que começa na ilha de Santiago (onde está situada atualmente a capital do país, Praia). A população era composta por colonos vindos da Europa e escravizados levados da costa ocidental africana (HERNANDEZ, 2002; MONIZ, 2009; SEIBERT, 2014).

Segundo Moniz (2009), esse país, devido a sua localização estratégica, teve uma importante contribuição na expansão marítima colonial, servindo como plataforma no comércio escravocrata de Portugal com a costa ocidental africana. O arquipélago foi crucial no estabelecimento dos fluxos comerciais entre três continentes: Europa, Américas e África.

Segundo Hernandez (2002), as condições sociais em que ocorre a organização do arquipélago é baseada em um sistema escravocrata. Os colonizadores estabeleciam condições que favoreciam a utilização do tráfico negreiro como a principal fonte de renda, proporcionando mão de obra escravizada. Seibert (2014) afirma que os primeiros séculos da colonização portuguesa se baseavam no tráfico de escravizados trazidos dos Rios da Guiné e vendidos para as Américas e Europa. Esse tráfico contribuía para uma diversificada economia agropecuária, responsável pela subsistência e abastecimento dos navios.

Inicialmente, o principal interesse dos colonizadores era fazer de Cabo Verde um ponto de apoio à navegação, através do comércio com a costa africana e com isso proporcionar um acelerado enriquecimento (CABRAL, 1995, p. 230). Para assegurar o povoamento das ilhas, em 12 de julho de 1466, é outorgada a “Carta de Privilégios dos Moradores de Santiago” com o intuito de conceder o direito de posse e uso de terras aos moradores dessa ilha e fazer com que novos colonos adentrassem nesse território. De acordo com Hernandez (2002), a Coroa portuguesa, com o intuito de aumentar o fluxo comercial na ilha, determinava que todos que transportassem escravizados, ou qualquer mercadoria na costa africana, realizasse o pagamento de tributos e dízimos na ilha de Santiago.

De acordo com Semedo e Moreira (2020), a Carta Régia de 1466 proporcionava aos moradores da ilha de Santiago um comércio com os ribeirinhos da costa africana e com a

² De acordo com Moniz (2009), demorou mais de quatro séculos para que todas as nove ilhas fossem povoadas. A ilha de Santa Luzia continua sem população até hoje devido a aridez de seu solo e a falta de portos naturais.

Europa. Esses moradores também tinham algumas isenções fiscais, para ajudar na estratégia de povoamento e tornar a ilha mais “atrativa” para a comunidade da época. O modelo de povoamento que foi estabelecido através dessa Carta foi principalmente de caráter mercantil, com isso, a maioria da população que demonstrava interesse em ocupar a ilha era composta por “mercadores e funcionários régios, que viviam estritamente do comércio euro-africano, o que gerava um povoamento apenas portuário e urbano” (SEMEDO; MOREIRA, 2020, p. 112).

Nesse mesmo período, segundo Hernandez (2002), a Coroa faz da ilha de Santiago uma zona franca cobrando tributos e dízimos para todos que transportavam escravizados e mercadorias na costa africana, Europa e Américas. Com isso, vão estabelecendo condições para um sistema de dominação nas ilhas e o tráfico negreiro se torna uma fonte indispensável para o arquipélago. Atingindo o objetivo da Coroa, no ano de 1466, Cabo Verde passa a ter um aumento populacional considerado, que se intensifica com o crescimento do tráfico de escravizados.

A partir de 1468, surgem algumas dificuldades que dão origem a vários embates, como, por exemplo, o controle dos moradores da ilha de Santiago. O ano de 1472 é marcado pela imposição da Coroa através de outra carta régia, que limitava os privilégios concedidos anteriormente (em 1466). Isso ocorre quando começa uma mudança no arquipélago com o aumento de pessoas no país e a progressão do comércio com a Guiné. Uma das exigências que continha na carta, era que os moradores da ilha de Santiago não podiam comercializar outras mercadorias que não faziam parte da ilha (ou daquele país) (FERNANDES, 2000, p. 18).

Segundo Fernandes (2000), a forma como ocorreu a troca dos privilégios concedidos pela Coroa para a população, em um curto espaço de tempo (seis anos), evidencia a falta de interesse em proporcionar estruturas e condições para a permanência no arquipélago. De acordo com Moniz (2009), Portugal não tinha mais interesse em investir no crescimento populacional de Cabo Verde e sim em fazer do arquipélago somente um ponto de apoio à navegação, não tendo a necessidade de ocupar as outras ilhas.

É através da carta de 1472 que se observam traços da população caboverdiana que estava se formando. Composta inicialmente por homens brancos europeus e povos escravizados (tanto homens, como mulheres), com ausência de mulheres brancas. Essa concepção, segundo Fernandes (2000), vai ter um impacto significativo na estrutura da sociedade caboverdiana, que se configura por colonos brancos (grupo minoritário dominante), negros livres e escravizados (maior parte, dominado).

De acordo com Fernandes (2000), a partir do momento em que a Coroa limita a ação dos mercadores e navegadores no arquipélago, surge um novo cenário, que é diferente do

modelo colonial que foi proposto inicialmente. Com isso, ocorre um rompimento de laços entre a Coroa e os colonos, transformando-os em “rivais”.

Ocorreram algumas tentativas da Coroa em desfazer a concorrência que ela mesmo criou em Cabo Verde, desde 1472, foram elas: o alvará de 04 de outubro de 1512, que determinava que os escravizados que foram resgatados da costa da Guiné não fossem levados para a Ribeira Grande e sim para Lisboa; o regimento de 13 de janeiro de 1520 que caracterizava com proibição dos “estantes” navegarem nas costas da Guiné (FERNANDES, 2000, p. 21-22).

Os portugueses projetaram uma política de povoamento que garantia a estabilização de uma população branca nas ilhas, sendo os principais protagonistas da colonização caboverdiana. No entanto, o que se observava era um número pequeno de europeus, devido à insalubridade climática (dificultando a adaptação dessa população), a distância entre o arquipélago e a colônia e a baixa densidade demográfica (MONIZ, 2009, p. 71). De acordo com Fernandes (2000), os colonos brancos eram os únicos responsáveis pela organização econômica e política da sociedade.

O povoamento das nove ilhas ocorreu em momentos diferentes, com diferença de grandes espaços de tempos, as primeiras ilhas foram habitadas no século XV enquanto outras no final do século XVIII. Isso ocorreu devido às peculiaridades de cada ilha, que tinham regiões muito montanhosas, com relevo escarpado, o que dificultava a ocupação das terras refletindo nas relações de trabalho e interesse econômico (MONIZ, 2009, p.73). De acordo com Seibert (2014), após o povoamento da ilha de Santiago, iniciou-se o povoamento da ilha do Fogo, no final do século XV, pois estas ilhas apresentavam melhores condições para o desenvolvimento de atividades agrícolas e criação de gado.

A maior parte das pessoas que participaram do processo de povoamento das ilhas eram escravizados levados da costa ocidental africana e negros livres³ (que acompanhavam os comerciantes), na sua maioria africanos (das etnias wolof, bambara, fula e mandinga). Já a menor parte das pessoas eram portugueses, alguns genoveses e castelhanos.

O povoamento das outras ilhas deu início somente quando os portugueses sentiram-se ameaçados pelos holandeses e ingleses que faziam ataques sucessivos à cidade de Ribeira Grande, na ilha de Santiago (MONIZ, 2009, p. 73). Na época, essa cidade representava “o eixo econômico e centro político-administrativo e cultural hegemônico, além do espaço de maior concentração populacional de Cabo Verde” (HERNANDEZ, 2002, p. 34). Santiago foi a

³ Segundo Martins (2009, p. 20-21), eram denominados de banhuns, cassanas e brâmes, a grande maioria já falavam a língua portuguesa e alguns foram para a ilha de Santiago para serem cristianizados.

principal ilha responsável em proporcionar ao Estado português, condições de ações para a exploração econômica nas demais colônias na África (Guiné-Bissau, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe) e o vínculo com o mercado internacional. Hernandez (2002) afirma que o comércio de escravizados no período entre 1462 e 1647 foi a atividade mais rentável na ilha de Santiago.

A Coroa não estava preocupada com o povoamento que fosse oposto aos seus interesses. Para Fernandes (2000), a atitude da Coroa mostra ambiguidades nas suas intenções que podem ter três leituras:

1) a Coroa não estava interessada em um afluxo massivo de colonos, precisando, antes, de um número diminuto que garantisse a continuidade do seu projeto mais abrangente, pelo que, dentro dos parâmetros estabelecidos, teria considerado a ilha suficientemente habitada, não precisando os povoadores, atuais ou potenciais, de mais benefícios; 2) ela estava preocupada com o povoamento, tendo tomado essas medidas não para afastar mas sim garantir a fixação dos colonos, uma vez que condiciona o comércio à produção local; ou, 3) as medidas foram tomadas para corrigir eventuais desvirtuamentos de sentido das facilidades proporcionadas anteriormente aos colonos, as quais teriam propiciado uma circulação de navegadores e mercadores que, em vista da concorrência feita à Coroa, estavam a transmutar-se, paulatinamente, de serviços a rivais seus (FERNANDES, 2000, p. 19).

Em 1510, há relatos da existência de uma pequena população na ilha de Santiago e uma população ainda menor na ilha do Fogo. De acordo com Moniz (2009), o principal interesse de Portugal era estabelecer um ponto de apoio em, pelo menos, duas ilhas (Santiago e Fogo), descartando as outras ilhas do arquipélago. Só quarenta anos depois, começa o povoamento das ilhas de Boa Vista e Maio e, em seguida, das ilhas de Brava e Santo Antão. No século XVII, foi povoada a ilha de São Nicolau e, por último, nos séculos XVIII e XIX, as ilhas de São Vicente e Sal (MADEIRA, 2014, p. 7). Seibert (2014) relata que, em 1513, a população branca da ilha era de 170 habitantes, tendo um aumento considerável, em 1582, para 508 habitantes.

De acordo com Fernandes (2000), em 1546, os não brancos começam a reivindicar o direito de participação no processo administrativo, ao enviarem uma petição ao rei solicitando uma equiparação aos brancos com o intuito de fazer parte dos ofícios da Câmara, justificando que eles desempenhavam um importante papel nos serviços camarários e impediam a fuga dos escravizados que atrapalhavam a vida das pessoas nas ilhas. Com isso, percebe-se um aumento dessa população no domínio do comércio com a costa da Guiné, tendo o principal papel de “*línguas*” (eram intérpretes/tradutores que, além de serem bilíngues, conheciam a realidade do arquipélago).

Quando os portugueses chegaram a Cabo Verde, não existia uma comunidade que dificultasse a ocupação da ilha e a construção da sociedade, de modo que a cultura caboverdiana

decorre da junção de diferentes povos e a imposição dos colonizadores para com esses povos. O mestiço surgiu e tornou-se predominante nas ilhas, e uma pequena parte desses assumiu o protagonismo na escala social.

2.2. CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE CABOVERDIANA

O surgimento da sociedade caboverdiana ocorreu devido à mestiçagem cultural e biológica entre os europeus e africanos, ou seja, a junção da cultura portuguesa e as diversas culturas africanas. Os dados demográficos da época sinalizam que a mestiçagem caboverdiana ocorreu essencialmente entre os africanos que provinham de diversas regiões da costa ocidental africana, pois o número de contingentes europeus não foi muito significativo se compararmos com outras colônias portuguesas em África.

É importante destacar que, na maioria das vezes, o nascimento do mestiço serviu como moeda de troca dessas relações. Fernandes (2000) afirma que, no final do século XVII, já era possível identificar o surgimento de uma nova realidade no arquipélago como resultado do aumento da navegação/exploração e procriação do colonizador, crescendo a economia e a população. Desse modo, ocorre uma mudança no contexto colonial com o surgimento dos “*filhos da terra*”, por não existir uma forte presença de mulheres brancas no arquipélago.

As relações entre as escravizadas negras e os colonos brancos caracterizam a sociedade caboverdiana na época, denominada de crioula. Em 1620, o rei ordenou que as mulheres brancas fossem para Cabo Verde, com o intuito de acabar com as relações entre escravizadas e os colonos brancos e, com isso, extinguir a raça que provinha dessa mestiçagem (FERNANDES, 2000, p. 34).

A partir do final do século XVI, e especialmente na primeira metade do século XVII, com o decreto publicado em 1647, ocorre um declínio econômico em Ribeira Grande, com a perda progressiva do monopólio do tráfico de escravizados trazidos dos Rios da Guiné. Esse decreto teve como objetivo legalizar o comércio escravocrata nos Rios da Guiné, precisamente em Cacheu, com as Américas sem a necessidade de utilizar a ilha de Santiago como um ponto de pagamento dos impostos. Dessa maneira, ocorre a diminuição de pessoas frequentando a ilha de Santiago e, com isso, os morgados (donos de pequenos minifúndios) têm a perda de lucros, por não conseguirem vender seus produtos. Por causa dessas mudanças, a elite branca e a população citadina se viram obrigadas a migrar para o interior da ilha de Santiago (SEIBERT, 2014, p.50).

Segundo Fernandes (2000), em 1723, é publicado no Concelho Ultramarino a proibição de nomeação dos negros escravizados e forros da ilha de Santiago como autoridades. Essa atitude foi por medo de existir uma retaliação, já que a quantidade de negros no arquipélago era maior que a de brancos. Seibert (2014) mostra que, até o ano 1731, a porcentagem da população portuguesa era 2,6%, respectivamente a de populações africanas era de 17,2% no século XVIII.

Como o clima de Cabo Verde não propiciava o estabelecimento de um grande número de latifúndios, os escravizados normalmente eram ladinizados (como principal exigência da Coroa, para auxiliar no comércio e nas relações em Santiago) e destinados a serviços domésticos e a exploração, ou seja, com isso, se tornam, aptos/favoráveis para a venda ou uso local (FERNANDES, 2000, p. 29).

Nesse sentido, a Igreja Católica desempenhou uma importante função no processo de “conversão” ou “catequização” dos escravizados. De acordo com Fernandes (2000), os clérigos da época, além de serem responsáveis pela ladinização dos escravizados, participaram também em outros processos do regime escravagista como, por exemplo, no comércio de escravizados, tendo um importante papel como negociadores. Esses clérigos também contribuíram no aumento do contingente populacional do arquipélago, como um dos principais progenitores, um exemplo é o padre chamado “Nicolau que teve 54 filhos” (CARREIRA, 1983, p. 146 *apud* FERNANDES, 2000, p. 30).

A igreja teve um importante papel não só em Cabo Verde, mas também nas outras colônias no continente africano. De acordo com Martins (2009), a coroa portuguesa era responsável pelo pagamento dos salários dos missionários e construções das igrejas. E mais tarde, a partir dos meados do século XIX, viria contribuir também no processo de instrução escolar de uma parcela dos nativos para servirem a administração colonial.

O surgimento de escravizados fugitivos é um fenômeno que também marcou a história de Cabo Verde. Popularmente conhecidos como *badios*⁴ (SEIBERT, 2014, p. 54), geralmente costumavam se abrigar em lugares de difícil acesso, como, por exemplo, lugares montanhosos no interior das ilhas, para dificultar a captura. No entanto, como as condições geoclimáticas nessas regiões dificultavam a prática agrícola para a subsistência desses grupos, frequentemente faziam ataques e saques nas propriedades dos morgados. Devido ao regime escravista, os *badios* poderiam ser encontrados em todas as ilhas, no entanto, Fernandes (2000, p. 80) considera

⁴ No *kabuverdianu*, a sua tradução para a língua portuguesa significa vadios. Atualmente, é utilizado para denominar a população do arquipélago, especificamente da ilha de Santiago.

curioso o fato de uma pequena elite intelectual da época (*os claridosos*) defenderem que o fenômeno *badios* e a manifestação cultural afro-negra só esteve presente na ilha de Santiago.

Vale destacar que frequentemente o arquipélago passa por períodos cíclicos de secas e crises socioeconômicas. Por exemplo, no período de 1773 até 1775, por causa das secas, o arquipélago passou por uma extensa crise de fome, que ocasionou na morte de cerca de 22.000 a 32.500 pessoas. Para solucionar, ou amenizar/diminuir o impacto da crise venderam alguns ilhéus para países estrangeiros em troca de alimentos para a população (CARREIRA, 1998, p. 200 *apud* SEIBERT, 2014, p. 52). Além disso, historicamente, a emigração⁵ é vista como uma das alternativas na busca de melhores condições de vida em novos espaços sociais, não só uma sobrevivência física.

Segundo Fernandes (2000), o impacto dessas crises cíclicas não tinha distinção social e além dessas crises teve a abolição da escravatura, em 1836, que mudou a economia e a vida dos caboverdianos. Por não existir garantias de sustento e sobrevivência nas terras, os senhores abandonaram/libertavam os escravizados. De acordo com Seibert (2014), muitos desses escravizados libertos foram para o interior da ilha de Santiago e para as ilhas do Norte, sendo esses os primeiros habitantes que povoaram as ilhas do grupo Barlavento. Essa estratégia foi a forma como muitos conseguiram sobreviver sem ter que se submeter aos proprietários fundiários.

Com o fim do sistema escravocrata, surge em Cabo Verde a classe média condicionada na relação entre a Metrópole e a economia mundial. Fazem parte dessa classe média os morgados (com suas riquezas, status e domínio) e as categorias sociais relacionadas com as atividades religiosas (composta por elementos dos cleros, sendo a Igreja Católica a principal responsável em atribuir encargos com base nos seus interesses), administrativas (que tentam limitar a autonomia dos colonos e colocar em prática o exercício do poder real) e militares (HERNANDEZ, 2002, p. 90-91).

A afirmação de uma identidade ocorre de várias formas, inclusive através de manifestações culturais e literárias. No caso de Cabo Verde, desde o final do século XIX, a elite

⁵ Segundo Pereira (1998, p. 81), o ciclo migratório de Cabo Verde pode ser dividido em três principais períodos: o primeiro período, que iniciou no século XVIII para a Guiné-Bissau, no início do século XIX para os EUA e depois em 1903 para Angola, Moçambique e principalmente São Tomé e Príncipe, (para trabalhar nas roças como contratados, ou seja, mão de obra semi-servil, visto pelos estudiosos como uma continuação do modelo escravocrata). No segundo período, a partir de 1920, no final da Segunda Guerra Mundial, houve um menor fluxo emigratório para o Brasil, Argentina, Senegal e Gâmbia, e para as demais colônias portuguesas na África. O terceiro e último período (do final da Segunda Guerra Mundial até a atualidade) é marcado por um fluxo migratório para a Holanda, Portugal, França, Luxemburgo, Itália, Suíça, Espanha, Alemanha, entre outros países. Ocorreu também um fluxo migratório para alguns países da Ásia.

escolarizada desempenhou um papel importante na defesa de uma identidade cultural caboverdiana através da literatura, evidenciando o entrelace de diferentes povos (MADEIRA, 2014, p. 10).

Entre os movimentos mais conhecidos estão: o movimento de Nativistas (que surgiu no final do século XIX, atrelado a independência do Brasil), o movimento dos Claridosos (que surgiu em 1930, tinham um posicionamento ambíguo e são defensores da tese regionalista ou da caboverdianidade), a geração Certeza (que defenderam a permanência no país em vez da tese do evasãoismo, ou imigração como solução dos problemas caboverdianos) e, por fim, a geração Cabralista (essa última geração viria a ser conhecida como a geração dos combatentes que lutaram para a independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde) (MADEIRA, 2014).

Dentre os movimentos literários citados acima, os mais conhecidos (populares) são a geração dos *claridosos* e a geração dos *cabralistas*. Estes tinham/tiveram essencialmente visões antagônicas na defesa da identidade caboverdiana. O movimento Claridade (entre 1932 a 1958) se caracteriza por representar os períodos críticos de fome/miséria e mortes que fizeram parte de grande parte da população do arquipélago na época (MADEIRA, 2014). A Revista Claridade foi fundada no ano de 1936, na ilha de São Vicente, pelos escritores Baltazar Lopes da Silva, Manuel Lopes e Jorge Barbosa.

Foi por meio de suas escritas que *os claridosos* abordaram temas como a emigração e as dificuldades enfrentadas nesse período. Apontaram uma identidade nacional, a caboverdianidade, que era diferente dos outros países do continente africano e apresentaram uma semelhança com Portugal, eles acreditavam que existia uma maior influência da cultura europeia, invisibilizando a “presença africana na cultura caboverdiana” (FERNANDES, 2000, p. 78).

De acordo com Madeira (2014), os Cabralistas (conhecidos também como geração 50 ou geração Cabral) marcam uma nova literatura nacional, é organizado por um grupo de militantes que orientavam e defendiam a nação através das suas escritas. O político e teórico Amílcar Cabral é um dos principais representantes da época, que fazia parte dos escritores. A literatura era centrada em ideias anticolonialistas, independentistas e nacionalista, com o intuito de pensar numa nova realidade, na liberdade do povo caboverdiano.

No contexto político, esse pequeno grupo de escritores, que passaram pelo ensino católico nas colônias, começaram a se articular na defesa da independência das então colônias portuguesas em África. De acordo com Fernandes (2000), foi em Portugal, precisamente em Lisboa, na Casa dos Estudantes do Império (CEI), onde acontecia as reuniões dos jovens como Vasco Cabral, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Luís Motta e Marcelino dos Santos, entre

outros, que mais tarde, iriam fundar o movimento de luta para a independência dos seus respectivos países.

Depois de algumas tentativas em formar um grupo para a luta da independência de Cabo Verde, surge um partido com um objetivo mais amplo, criado em setembro de 1956, por Amílcar Cabral (líder do partido), Aristides Pereira, Júlio de Carvalho, Luís Cabral, Fernando Fortes e Elisée Turpan, o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que tinha o objetivo de lutar pela independência e, com isso, garantir o desenvolvimento democrático, social e cultural desses dois países, sobre o tema de “Unidade e Luta” (HERNANDEZ, 2002, p. 162).

Só existe uma independência quando ocorre a derrota das forças colonialistas. O PAIGC iniciou uma mobilização pacífica, logo no início dos anos 60, mas depois de diversos acontecimentos, o partido sentiu a necessidade de travar a luta armada no território da Guiné Portuguesa (atualmente Guiné-Bissau), que desencadeou a independência desses dois países. Especificamente em 5 de julho de 1975, Cabo Verde se torna um país independente. Em 1980, houve a ruptura política entre Guiné-Bissau e Cabo Verde, surgindo no arquipélago o Partido Africano para a Independência de Cabo Verde (PAICV), que governou o país em um regime de partido único até o início dos anos 1990, onde ocorreu a abertura democrática e multipartidária, que podem ser observadas nos dias atuais, conforme indica Hernandez (2002).

Após essa breve descrição da construção histórico-social da sociedade caboverdiana, desde o povoamento em 1462 até a formação do estado independente, temos apontamentos suficientes que nos ajudem a compreender melhor o contexto sociolinguístico do país. Acreditamos que não é possível analisar uma língua como um mero instrumento, para tal análise é importante levar em conta o contexto e os processos em que ocorreram as situações de contato com os diferentes povos que adentraram no arquipélago. Para isso, nos próximos tópicos, abordaremos como ocorreu o contato com as línguas em Cabo Verde e a atual situação linguística desse país.

2.3. CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO DE CABO VERDE: HISTÓRIA DO CONTATO

Como podemos perceber, Cabo Verde iniciou o seu povoamento em 1462 com povos oriundos de diferentes lugares da costa ocidental africana e da Europa e nesse mesmo ano a língua portuguesa adentra ao arquipélago. Castello Branco (2008) destaca, por exemplo, que a Coroa portuguesa obrigou a todos os habitantes a aprender essa língua e, para isso, iniciou na forma religiosa, com o processo de catequização/ladinização e batismo. Desse modo, os

primeiros africanos que falavam português tornavam-se cristãos. Com isso, ocorreram os primeiros contatos linguísticos, a língua portuguesa integrou traços das línguas africanas, e sofreu influência delas. A situação de contato produziu fusão de diferentes culturas, dando origem a língua caboverdiana (doravante LCV) e logo em seguida ao português falado em Cabo Verde (doravante PCV).

Mas esse contato ocorreu de maneira bem específica, segundo Alexandre (2018), entre o final do século XV e início do século XVI. Em Cabo Verde, existiram diversas línguas africanas⁶ em contato com o português e teria surgido uma língua de contato, que deu origem aos crioulos da Alta Guiné⁷. Durante esse período, a denominação linguística não era “de glotofagia, nem de diglossia, nem de bilinguismo ou multilinguismo sociais” (VEIGA, 2015, p. 179). Segundo o autor, nesse período, existia uma tolerância linguística entre os colonizadores e os colonizados, já que a comunicação era algo imprescindível. Ocorreu, na cidade de Ribeira Grande de Santiago, os primeiros contatos com as diversas línguas da África e Europa, que teve como principal resultado a “crioulidade” linguística e antropológica.

Esse contato inicial também fez com que a língua portuguesa sofresse mudança e, em pouco tempo, já não era a mesma trazida por falantes provenientes de Portugal e “*os línguas*” que chegaram no arquipélago no início do povoamento. Lucchesi e Baxter (2009) falam que utilizar um código emergencial para a comunicação verbal na maioria das vezes era um recurso necessário para a interação. De acordo com Castello Branco (2008), isso ocorreu devido a intercomunicação entre os portugueses e africanos e a necessidade de sobreviver, com isso, vai surgindo uma língua franca.

Entre fins do século XV, inícios do século XVI, se terá desenvolvido em Cabo Verde uma língua de contato, a que se chama proto-crioulo, esta que mais tarde ramifica-se no tempo e no espaço dando origem ao crioulo (CARREIRA, 1984, *apud* LOPES, 2011, p. 18), ou seja, ela passou a ser a língua materna (L1) da maioria da população. O século XVII foi marcado pelo “surgimento de uma diversidade linguística específica” (VEIGA, 2015, p. 180), com o povoamento das demais ilhas, iniciando a construção da variedade linguística no arquipélago.

Como afirmam Lucchesi e Baxter (2009), os processos históricos de contato entre línguas são altamente variáveis. Segundo os autores, na pidginização/crioulização ocorrem situações que são específicas desse processo, como, por exemplo, os falantes de diferentes

⁶ De acordo com Alexandre e Gonçalves (2018), essas línguas africanas eram da família linguística Níger-Congo, principalmente as línguas faladas na área macro-sudão, como as línguas Mandinka, Bambara, Wolof e Fula, proporcionaram a formação de uma língua crioula, atualmente conhecida como a língua caboverdiana (LCV).

⁷ O Caboverdiano, o Kriyol – na Guiné-Bissau e em Casamansa – e o Papiamentu – nas Antilhas holandesas (ALEXANDRE; GONÇALVES, 2018).

línguas não têm fácil acesso aos modelos da língua alvo (LA), no período da formação de uma nova língua. Essa nova língua pode passar a ser a LA de novos falantes que chegam nessa comunidade. A nova variedade linguística que se forma através do contato se origina preferencialmente de estruturas provenientes das línguas do substrato e da reformulação da gramática original.

Algumas condições foram determinantes para a formação de um crioulo no arquipélago:

(i) grupos de imigrantes nascidos no estrangeiro que tinham como L1 uma língua africana e que falavam um pidgin como L2; (ii) grupos de filhos de imigrantes de primeira geração nascidos em Cabo Verde, falantes L1 de uma língua africana e de um pidgin ou crioulo L1 (bilíngues, portanto); (iii) grupos de filhos de imigrantes de segunda geração, falantes de L1 do crioulo e de uma língua africana como L2 (ALEXANDRE, 2018, p.141).

Lucchesi e Baxter (2009) argumentam que na medida em que a população de escravizados adquire uma nova língua, e passa a utilizá-la mais, as línguas nativas começam a ser abandonadas gradualmente. De acordo com Veiga (2015), a LCV é consequência de uma nova construção, cuja base lexical é do português europeu, do sistema gramatical praticamente das línguas africanas e da reconstrução semântica de Cabo Verde. O início do contato linguístico no arquipélago, que começou na ilha de Santiago, em seguida, foi para a ilha do Fogo e depois expandiu-se para as demais ilhas, foi marcado por falantes com diferentes histórias e culturas.

Nos séculos XVII e XVIII, ocorreu a consolidação da LCV devido ao seu crescente uso no decorrer dos séculos. Essa língua se transforma em “instrumento de resistência cultural através do qual os caboverdianos se exprimem e transmitem seus pensamentos e sentimentos” (MONIZ, 2009, p. 84).

Com isso, no final do século XVIII, há os defensores da língua portuguesa que denominavam a LCV de dialeto do português falado de maneira errada. Nas palavras de Veiga (2015, p. 181), pelo fato de esta língua ser diferente do modelo europeu, os defensores do português acreditavam que a LCV “representava uma grande ameaça para o português”.

No século XIX, foi criado o Seminário-Liceu de São Nicolau e a extensão do ensino formal em português. Desse modo, iniciam-se as dificuldades para a valorização da LCV e, conseqüentemente, o progresso do português através de condições estruturais e institucionais. Com isso, o cenário que se estabelece no arquipélago é de contradições proporcionando disputas desiguais em diferentes circunstâncias linguística, cultural e política. Apesar do desenvolvimento das duas línguas ter ocorrido “sem nenhum projeto programático explícito”

(VEIGA, 2009) até o século XIX, quase que espontaneamente, a LCV foi historicamente subalternizada.

Mesmo perante esse processo de estigmatização, no século XIX, a LCV passa a ser a língua da identidade dos caboverdianos e surgem diversos trabalhos publicados nessa língua por escritores e compositores. No final desse século, já era possível encontrar as primeiras descrições datadas sobre a LCV⁸. Entre 1933 a 1974, durante o Estado Novo (regime ditatorial português), era proibido utilizar a LCV (ALEXANDRE E GONÇALVES, 2018). Juntamente à proibição da LCV, ocorreram diversas iniciativas que visavam a promoção da língua portuguesa como única língua de comunicação.

Alguns fatores foram responsáveis em acabar com o poder colonial português no arquipélago, como a imprensa, a migração e a educação, esses fatores reforçaram a identidade caboverdiana (ALEXANDRE; GONÇALVES, 2018). Logo após a independência de Cabo Verde, em 1975, deu início uma melhora na política de afirmação e na “valorização” da LCV, no entanto, o português foi escolhido como a única língua oficial. Segundo Castello Branco (2008), embora o arquipélago tivesse o seu contexto histórico marcado pela pluralidade linguística, seguiu ao modelo estipulado de acordo com o cenário político mundial, com uma única língua oficial. Ao contrário da LCV, a língua portuguesa tinha todos os requisitos, como gramática e dicionário, possibilitando uma escrita padronizada. Constata-se que os caboverdianos têm um contato efetivo com o português a partir da idade escolar, ou seja, de forma institucional. Por outro lado, a LCV foi declarada como língua nacional.

A maior parte da população que não pertencia à elite letrada, nem a classe social com melhores condições financeiras, ao observarem o espaço que o português era utilizado, normalmente nos espaços tidos como “importantes”, como, por exemplo, tribunais, administrações públicas, se convenceram do discurso colonial e o português passa a ser a língua de prestígio, enquanto a LCV a língua da informalidade. De acordo com F. Lopes (2018, p. 87), a oficialização da LCV não foi consentida devido à herança colonial.

A desigualdade entre as duas línguas pode ser entendida olhando para uma questão mais abrangente que é o racismo estrutural da colonização. Fanon (1980) entende que existe uma relação direta entre o racismo e a cultura. O racismo pressupõe entre outras coisas a negação ou a inferiorização da cultura que por sua vez abrange a língua. Os regimes coloniais

⁸ Como, por exemplo, António de Paula Brito que, para defender a LCV e comprovar que ela tinha regras e gramática, publicou, em 1888, “Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde” (VEIGA, 2015, p. 181-182).

pretenderam empreender dominação continuada desvalorizando e inferiorizando as línguas dos povos colonizados através da opressão.

A independência política do país precisava traduzir em independência cultural e autonomia socioeconômica. No que tange ao ensino, percebe-se que faltou o que Cabral (2013) chama de libertação total da África do jugo colonial europeu e a (re)africanização das mentes, mediante a africanização da educação (CABRAL, 2013). O estudo de Tavares (2020, p. 154-155) mostra que a escola ainda é um espaço de excelência da alienação linguística e cultural, uma vez que “continua reproduzindo conteúdos curriculares eurocêntricos, herdados da ex-metrópole colonizadora, sendo que as línguas e as outras formas de manifestação culturais nativas são ainda excluídas dos processos de ensino e de aprendizagem”.

De acordo com Moreira (2021), somente em 1979, ocorreu o 1º Colóquio Linguístico sobre a LCV, o que dá surgimento a diversas propostas como: a criação do Alfabeto de base fonética e fonológica, no ensino e aprendizagem em língua materna, o bilinguismo e as línguas em contato, o papel do escritor no desenvolvimento da LCV. Em 1992, a Constituição da República de Cabo Verde, nos Artigos 7º, 9º e 78º, estabeleceu promover a defesa, a valorização e o desenvolvimento da LCV (língua materna), incentivando o seu uso (através da escrita) e a oficialização dessa língua em paridade com a língua portuguesa.

De acordo com Veiga (2015), a Constituição de 1999 e 2010 valorizou a LCV, ao apontar de forma expressa, no ponto 2 e 3 do artigo 9º, a responsabilidade do Estado cabo-verdiano em criar condições para a oficialização da LCV, destacando que a população tem o dever de conhecer e usar as línguas oficiais. Como podemos observar abaixo:

Figura 02: Artigo 9º

Artigo 9º
(Línguas oficiais)

1. É língua oficial o Português.
2. O Estado promove as condições para a oficialização da língua materna cabo-verdiana, em paridade com a língua portuguesa.
3. Todos os cidadãos nacionais têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las.

Fonte: Constituição de Cabo Verde

Por outro lado, existe uma contradição, a ser resolvida, entre o ponto 1 e 3 do artigo acima, pois a Constituição no primeiro ponto deixa explícito que a única língua oficial é o português, mas no terceiro ponto destaca como dever dos cidadãos conhecerem as “línguas oficiais”, como se a LCV também tivesse o mesmo status que a língua portuguesa. Com isso, esperava a caracterização de um país bilíngue, ou seja, que ambas as línguas (LCV e PCV)

ocupassem o mesmo status/papel dentro da sociedade, estando presentes no ensino, na comunicação social, na administração e em todos os lugares.

Mas a realidade caboverdiana da época era completamente diferente: o português ocupava (e continua ocupando) os espaços formais (escolarização, mídia, administração, entre outros), enquanto a LCV ocupava os espaços informais (no meio social com a família e amigos). Segundo Veiga (2015), a situação linguística em Cabo Verde está caminhando para um bilinguismo em construção. Por esse motivo, os falantes utilizam o PCV em situações formais mais vezes do que em situações informais, já na LCV ocorre o oposto. Os falantes utilizam essa língua mais em situações informais, tendo um uso limitado em contextos formais.

Em Cabo Verde, existe uma divisão linguística bem nítida com a LCV que se separa em duas áreas específicas, as ilhas do Norte (Sal, Boa Vista, Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia e São Nicolau) e as ilhas do Sul (Santiago, Fogo, Brava e Maio); existindo, pois, uma variação denominada diatópica. De acordo com A. Lopes (2011), existe um consenso entre os linguistas de que a LCV é uma língua que

se caracteriza pela variação inerente, espelhada pela organização geográfica das ilhas e que se explica, historicamente, pelas distâncias temporais na ocupação e povoamento do território; geograficamente, pela condição arquipelágica do país; linguisticamente, pela incidência das diferentes línguas de substrato e pelas diferenças dialectais do português falado pelos colonos; socialmente, pelo déficit de comunicação e mobilidade que, durante anos, vigorou entre as ilhas (LOPES, 2011, p.18-19).

Com isso, Veiga (2015) traz o seguinte questionamento que é um dos principais empecilhos para a oficialização da LCV: “Como ensinar num contexto de variantes e de variedades, sem ir contra a diversidade linguística?” (VEIGA, 2015, p. 185). Além disso, podemos questionar como valorizar as duas línguas que surgiram socialmente em um contexto de relação desigual? O incentivo do uso da LCV em espaços formais em paridade com o PCV pode ser uma alternativa viável.

No entanto, após 46 anos da independência do país, apesar da padronização da LCV através da criação do Alfabeto Unificado Para Escrita do Caboverdiano (ALUPEC-1998), sendo instituído o “Alfabeto Caboverdiano” em 2009, da produção da gramática, dos dicionários na LCV e de diversos estudos que ressaltam a importância da língua caboverdiana não só como símbolo de unidade nacional, mas também como instrumento de empoderamento cultural e identitário e como uma ferramenta crucial no ensino, a oficialização dessa língua ainda é um desafio.

2.4. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO LINGUÍSTICO

Como podemos perceber, o português falado em Cabo Verde (PCV) e a língua caboverdiana (LCV) vivem em constante contato há muito tempo. Cada uma dessas línguas ocupam espaços específicos e demarcados na sociedade, a LCV é a língua materna (ou L1) da grande parte dos caboverdianos, fazendo parte do dia a dia e do contexto social. Já o PCV é a segunda língua (ou L2), língua oficial do país, do ensino e está presente na Constituição.

De acordo com Lopes e Oliveira (2018), em Cabo Verde, existem dois principais discursos, um composto por pessoas (normalmente o senso comum) que acham que não é necessário a oficialização da LCV, o segundo discurso é composto por pessoas (normalmente linguistas, antropólogos, sociólogos e caboverdianos da diáspora) que defendem a oficialização dessa língua.

Lopes e Oliveira (2018) trazem um questionamento “qual seria o melhor termo para descrever a situação sociolinguística do país: diglossia ou bilinguismo?” (LOPES; OLIVEIRA, 2018, p. 108). Segundo Alexandre (2018), esse questionamento surgiu devido à existência de uma disputa dessas duas línguas em contato em ocuparem o mesmo espaço. Diglossia e bilinguismo são termos que não se excluem, pois para que exista diglossia pressupõe que tenha o bilinguismo.

Na bibliografia sobre o tema, não existe um consenso sobre qual o conceito que melhor representa o contexto linguístico caboverdiano. Muitas vezes esses dois conceitos são usados como sinônimos. Para o nosso estudo é importante destacar que o bilinguismo é o “conhecimento e uso de duas ou mais línguas por um indivíduo ou por uma comunidade” (LOPES, 2011, p. 21), ou seja, o bilinguismo pode ser individual (pessoas que diariamente usam duas ou mais línguas) e social (quando esse uso é feito no coletivo), nesse caso costuma ser denominado de diglossia, conceito que iremos detalhar mais adiante.

Lopes (2011) entende que a situação linguística de Cabo Verde é predominantemente de bilinguismo com diglossia. Segundo Alexandre (2018), embora o português seja a única língua oficial do arquipélago, a situação linguística é cada vez mais próxima do bilinguismo, de acordo com a Resolução 48/2005, deve-se implementar um “bilinguismo assumido”. Para a autora, essa implementação vai além de atribuir um estatuto igualitário para as duas línguas (PCV e LCV) presentes em Cabo Verde. O ensino formal com a língua materna (LCV) em paridade com o PCV, além de possibilitar um melhor desenvolvimento cognitivo aos falantes, contribuiria também para o conhecimento explícito das gramáticas dessas línguas.

Teorizando sobre o conceito de diglossia, Ferguson, (1959) *apud* Calvet (2018, p. 50) destaca que em uma mesma comunidade existem duas formas linguísticas (variedade baixa e variedade alta). Essas observações nos fazem acreditar que o contexto linguístico atual caboverdiano ainda pode ser caracterizado como uma diglossia, tendo em vista a hierarquização no uso das duas línguas. Neste caso, como a língua portuguesa sempre esteve presente no ensino, na igreja, tem prestígio social, é a língua que normalmente é adquirida na escola podemos considerá-la uma variedade alta. Enquanto a LCV é utilizada em contextos familiares, não tem prestígio social e é a língua materna (ou L1) da maioria dos falantes pode ser caracterizada como a variedade baixa.

Duarte (1977), Lopes (2017) e Veiga (2004) são alguns dos autores que caracterizam a situação linguística do arquipélago como de diglossia. Segundo Calvet (2018), a diglossia não é algo harmonioso e estável, ela está em eterna evolução, ou seja, em mudança. É importante destacar que a sociedade caboverdiana é formada por pessoas que têm diferentes níveis de bilinguismo, ou seja, a grande maioria da população tem como língua materna a LCV e como segunda língua o PCV com diferentes graus de proficiência (LOPES; OLIVEIRA, 2018, p. 109).

Veiga (2009, 2015), Lopes (2011, 2018), Lopes e Oliveira (2018), Alexandre (2018), Alexandre e Gonçalves (2018) destacam a importância dos trabalhos que retratam a realidade linguística de Cabo Verde, principalmente sobre o PCV, pois essa língua faz parte do arquipélago, e merece atenção dos estudos científicos da linguagem, assim como a LCV.

Atualmente, os limites funcionais da utilização das duas línguas vêm sendo aos poucos flexibilizados. O português já não é a única língua presente na política, um exemplo foi o atual presidente da República de Cabo Verde, José Maria Neves, que, em 2011, ocupava o cargo de Primeiro-Ministro e fez um discurso na Organização das Nações Unidas (ONU) utilizando a LCV. Recentemente, no discurso da cerimônia de sua posse em 09 de novembro de 2021, ele utilizou as duas línguas. A LCV vem sendo cada vez mais usada nos debates políticos, nos meios de comunicação social e em outros espaços considerados formais. Além da implementação da disciplina “língua caboverdiana”, no ano letivo de 2022/2023, no Ensino Secundário em caráter experimental para contribuir com a reforma dos planos curriculares e do ensino.

Percebe-se a preocupação do presidente em fazer com que os caboverdianos tenham orgulho das suas línguas tanto a materna (ou L1), mostrando-lhes que ela pode estar inserida em todos os espaços, como o PCV, que inicialmente era visto somente como a língua de “fora” (ou estrangeira) e hoje se percebe que essa está cada vez mais inserida em Cabo Verde. Apesar

desses avanços, ainda existe uma resistência à oficialização da LCV por parte de um pequeno grupo de intelectuais nacionais e alguns representantes parlamentares.

2.5. O PORTUGUÊS NO CONTEXTO CABOVERDIANO

Como dissemos, em Cabo Verde, o português apesar de ser a língua oficial e conseqüentemente está no processo educacional, o seu ensino decorre ignorando a existência de uma variedade do PCV, além de ter como parâmetro de português o que é falado em Portugal. A língua portuguesa está presente na maior parte da população como segunda língua (L2).

Estudos de Cardoso (2005) e Lopes (2011) comprovam que o ensino do PCV (L2) como se fosse L1 é um dos entraves para o sucesso da aprendizagem. É nesse sentido que linguistas como Veiga (2009, 2017), F. Lopes (2017) e outros ativistas culturais chamam atenção para o cumprimento do artigo 9º da Constituição da República de Cabo Verde (4ª edição, 2ª revisão ordinária, 2010) que postula que é o dever do Estado promover as condições para a oficialização da LCV, em paridade com a língua portuguesa e ainda que todos os cidadãos nacionais têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las. Além do mais, vários projetos-pilotos de ensino bilíngues envolvendo a LCV tanto no país como na diáspora caboverdiana comprovaram a contribuição dessa língua na aprendizagem das outras línguas.

Mais uma vez, enfatizando a necessidade de criar as condições para o uso do caboverdiano, não só como língua de identidade nacional, mas também como língua oficial, centraremos a reflexão em torno do português falado em Cabo Verde.

Alguns estudos linguísticos como Pandim (2020), Cardoso (2005), A. Lopes (2011), Veiga (2009), F. Lopes (2017), Alexandre (2018), entre outros, comprovam por meio da análise de dados linguísticos a existência de um português com características particulares das demais variedades.

A afirmação de construção de uma variante do português de Cabo Verde é um movimento, contudo, ainda tímido e que carece de mais pesquisas no meio acadêmico. A concepção de língua portuguesa como L2 emergiu inicialmente no ensino superior, impactando metodologias de ensino e de formação de professores, para conseqüente produção de materiais, embora o aprofundamento da compreensão desse estatuto, por parte da sociedade civil, carece ser reforçado (PANDIM, 2020, p. 1103).

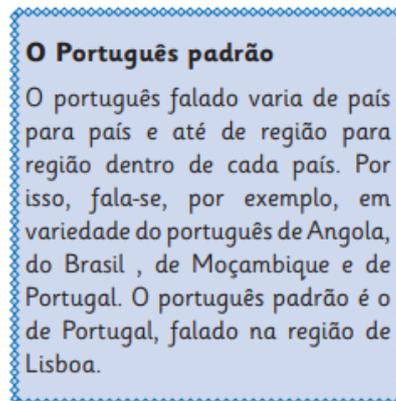
O posicionamento de Lopes (2011) corrobora com o postulado anterior, pois, ela acredita que as limitações de conhecimento consistente das variedades do PCV dificultam a identificação de uma variedade padrão, reconhecida como tal pela comunidade, refletindo na elaboração de uma política linguística adequada e a definição da norma culta.

Esta discussão é muito complexa, pois se trata de um processo que envolve uma construção social sobre o prestígio, hierarquização de diferentes línguas ou das variedades da mesma língua.

Existe na sociedade o que poderíamos chamar de olhares sobre a língua, de imagens da língua, em uma palavra, *normas* que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais [...] e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados (CALVET, 2018, p. 64).

Uma parcela da elite política e literária acredita que os caboverdianos falam a mesma variedade do português europeu. Aliás, isso é fato paradoxal, pois formalmente a variedade tomada como norma culta é a do português europeu. A justificativa para isso é que por ainda não ter uma normatização do português caboverdiano, o sistema de ensino se baseia no português padrão falado em Lisboa. Por exemplo, no Caderno Experimental Língua Portuguesa do 6º ano, comprova isso como podemos observar a seguir:

Figura 03: Descrição do que é considerado português padrão em Cabo Verde



Fonte: Caderno Experimental de Língua Portuguesa 6º ano (2019, p. 120)

A sociedade caboverdiana acredita que poucas pessoas falam e escrevem o português “correto” que, como pudemos observar acima, se baseia na variedade falada em Lisboa, isso ocorre pela “ausência de informação sobre a existência de diferentes variedades nacionais do português e de muitos preconceitos sociais e linguísticos” (LOPES, 2011, p. 03). E também pela ausência de pesquisas que descrevam o português caboverdiano, com isso, acreditamos que é responsabilidade do Estado com a ajuda dos linguistas, conscientizar a população a reconhecer uma variedade caboverdiana do português, sem preconceitos e única.

Ou seja, que interiorize que qualquer língua ou variedade nacional de uma língua é fruto de condicionantes externas, histórico-sociais, longínquas e actuais, e que não se julgam as línguas pela sua história, mas sim pela sua função social e simbólica, que une uma comunidade e concorre fortemente para a sua identidade própria. Por outro

lado, é importante que haja uma discussão em torno do prescritivismo ou não, o que interessa particularmente os professores (LOPES, 2011, p. 410-411).

Normalmente as línguas que ocupam um lugar de prestígio quase sempre é oposto ao da norma popular (na maioria das vezes as pessoas que utilizam essa variedade) sofrem preconceito linguístico). Sabemos que “existe um conjunto uniforme de atitudes frente a linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008, p. 176). Olhar para o contexto sociolinguístico caboverdiano, leva-nos a crer que a dificuldade em assumir uma variedade local do português, estaria ligado à crença de que esta última teria menos prestígio por estar em intensa relação, ou carregando marcas da língua caboverdiana.

Segundo Botassini (2015), os modelos de linguagens que são considerados “essenciais” para a ascensão social geralmente fazem parte do grupo dominante. Já as línguas que sofrem estigma normalmente estão presentes nas classes populares. Isso ocorre devido às variações linguísticas proporcionando que os diferentes grupos sociais estabeleçam crenças e atitudes para essas variações.

Como destacamos, raramente a comunicação entre os caboverdianos se dá em outras línguas que não seja através da LCV. Porém, quando uma elite política e intelectual local utiliza o português em espaços públicos menos formais, fazem isso na tentativa de demarcar o “espaço de poder social” que ocupam. Como entendem que as interferências da LCV no PCV como “erros” linguísticos, estão constantemente policiando a fala com o intuito de falarem “corretamente” o português o quanto mais próximo de Portugal, a pessoa é considerada mais culta.

Para existir uma paridade linguística em Cabo Verde, é necessário existir políticas linguísticas que respeitem o artigo 9º da Constituição, no sentido de implementar ações que promovam mudanças nas atitudes da sociedade de modo a valorizar as duas línguas (A. LOPES, 2018). Acreditamos que a valorização da língua está primeiramente relacionada à valorização da história e da identidade. Deste modo, a desmistificação ou a superação de algumas atitudes repulsivas tanto em relação a LCV quanto ao PCV perpassa pela aposta na valorização da história, cultura e identidade caboverdiana, principalmente por meio do ensino.

Nesta seção fizemos um breve panorama histórico, social e linguístico de Cabo Verde, e, para isso, apontamos que a sociedade surgiu por meio de encontros e relações desiguais de diferentes povos resultando em uma sociedade com uma cultura e língua própria. Destacamos os principais fatores que marcaram esse processo e o contato com as línguas e a atual situação linguística do arquipélago. Com isso, percebemos a existência de uma tensão linguística no

país, tendo por um lado a língua portuguesa que é a língua oficial, a segunda língua da maioria dos falantes e está presente no ensino e o outro a língua caboverdiana, que é a língua materna (L1) da grande parte da população e que está presente nos espaços cotidianos e socioculturais. Nesse sentido, acreditamos que essa discussão subsidiará nossa análise sobre as especificidades dos marcadores discursivos presentes no português falado em Cabo Verde.

3. MARCADORES DISCURSIVOS

Nesta seção, abordaremos a perspectiva textual-interativa, que discute a linguagem em um contexto sociocomunicativo e estuda as particularidades que auxiliam os interlocutores na construção do texto falado, no qual os marcadores discursivos estão inseridos. Em seguida, trazemos os estigmas que os MDs carregam, destacando como esse tema fica à margem dos estudos linguísticos, sendo tratados popularmente como vícios de linguagem e pesquisamos de que modo esses elementos linguísticos aparecem nos Manuais Escolares de Cabo Verde, nos respectivos anos 5º, 6º, 7º e 8º. Depois, apresentaremos a diversidade de pesquisas sobre os MDs e a ausência de um consenso sobre as funções e denominações desses termos. Nos próximos tópicos, apresentaremos algumas pesquisas realizadas sobre os MDs no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE). Logo em seguida, trataremos dos estudos acerca dos MDs nos PALOP e a escassez de pesquisas que abordam esse tema no português falado no continente africano. Por fim, apontaremos qual dessas pesquisas usaremos como suporte teórico para auxiliar na análise dos MDs no português falado em Cabo Verde.

3.1 A PERSPECTIVA TEXTUAL-INTERATIVA

A Perspectiva Textual Interativa tem o intuito de suprir as dificuldades em compreender os processos que auxiliam a construção do texto falado. Essa perspectiva foi criada pelo Grupo de Organização Textual-Interativa que faz parte do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), sediado na Universidade Estadual de Campinas, projeto este que iniciou suas pesquisas, segundo Castilho (2015, 2021), em 1987. Esse projeto tinha o objetivo de construir uma gramática coletiva, através de dados orais, que seria referência do português culto falado no Brasil, descrevendo-o em diferentes níveis: fonológico, morfológico, sintático e textual.

O *corpus* utilizado foi documentado pelo Projeto Nurc/Brasil⁹ e é composto por 1.870 entrevistas com um total de 1.570 horas de gravações e a participação de 2.356 pessoas (mulheres e homens, com nível superior completo e de três faixas etárias) que nasceram em diferentes regiões do Brasil, nas cidades de São Paulo, Salvador, Recife, Rio de Janeiro e Porto Alegre. As entrevistas foram gravadas entre os anos de 1970 e 1977, e foram divididas em três circunstâncias diferentes, o primeiro é o Diálogo entre Informante e Documentador (DID), o

⁹ Denominado como Projeto de estudo da norma linguística urbana culta, reconhecido nacionalmente como um dos principais projetos com foco na pesquisa e descrição da língua oral do português culto brasileiro, de acordo com Preti (2001).

segundo é o Diálogo entre Dois Informantes e o terceiro e último são as Elocuções Formais (EF), que normalmente são gravadas em aulas e palestras (CASTILHO, 2015; PRETI, 2001).

Para isso, foi criado diferentes Grupos de Trabalhos (GTs), num total de cinco grupos, nos quais cada um “traçaria o perfil teórico que pautaria suas pesquisas e organizaria sua agenda de pesquisas” (CASTILHO, 2015, p. 14). Por não ter existido um consenso quanto ao objeto teórico e empírico, foi sugerido que esses GTs ficassem divididos em duas principais teorias, que contemplasse, até certo ponto, tanto a teoria formal, quanto a teoria funcional da gramática. A teoria formal foi seguida pelos GTs de Fonética e Fonologia, de Morfologia e de Relações Gramaticais. Já a teoria funcional foi seguida pelos GTs de Sintaxe das Classes de Palavras e de Organização Textual-Interativa. (CASTILHO, 2015, 2021)

Os marcadores discursivos estão inseridos no GT de Organização Textual-Interativa, esse grupo foi coordenado por Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran e Mercedes Sanfelice Risso, com uma produção consolidada, nos períodos de 2000 e 2004. Esse GT parte do pressuposto de que a linguagem é entendida como uma forma de ação, num espaço contextual, de acordo com o contexto que o enunciado está inserido e os espaços temporal e histórico-social, que ligam os interlocutores. A linguagem oral normalmente tem uma relação de paridade entre os falantes e ouvintes, ou seja, todos têm a mesma importância para a construção do enunciado (CASTILHO, 2015; JUBRAN, 2015).

O Grupo de Organização Textual-Interativa criou uma proposta teórica mais ampla para que auxiliasse na análise do texto falado de acordo com a ótica do grupo, já que a perspectiva pragmática não conseguia analisar a diversidade de dados que faziam parte do *corpus*. A proposta teórica ficou conhecida como perspectiva textual-interativa. Logo após criar uma perspectiva teórica, o grupo sentiu a necessidade em estabelecer algo que fosse fundamental para essa teoria, uma unidade de análise do estatuto textual. Depois de diversas pesquisas, constataram que a topicalidade é o processo básico para a construção textual, e que no decorrer da comunicação os falantes utilizam mecanismos para chamar a atenção em determinados temas, contribuindo para a interação verbal (JUBRAN, 2015).

De acordo com Koch (2015, p. 39), o texto falado normalmente é produzido em uma situação face a face que proporciona a “alternância de turnos na interação” entre os falantes, que são responsáveis por construir o texto juntos. Para ele ser analisado é necessário considerar pelo menos dois aspectos: o fato de serem falados e as contingências de sua formulação. A fala possui algumas características específicas, que serão apresentadas em seguida:

a) é relativamente não planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional; isto é, ela necessita ser localmente planejada, ou seja, planejada e replanejada a cada novo lance do jogo da linguagem; b) o texto falado apresenta [...] o próprio processo da sua construção. Em outras palavras, [...] planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação: ele é seu próprio rascunho; c) o fluxo discursivo apresenta descontinuidades frequentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais têm, portanto, justificativas pragmáticas de relevância; d) o texto falado apresenta uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua (Marcuschi, 1986; Koch, 1992a, 1997); e) a escrita é o resultado de um processo, portanto estática, ao passo que a fala é processo, portanto dinâmica [...] (KOCH, 2015, p. 44-45).

O fluxo de informações no texto falado pode ocorrer de forma contínua, semelhante às estruturas linguísticas do texto prototípico, mas isso nem sempre ocorre, pois, os interlocutores sentem a necessidade de reformular o que está sendo dito e com isso, realizar alterações no decorrer do processo comunicativo. Para Marcuschi (1997), ao iniciar um processo comunicativo, os interlocutores estão mutuamente engajados no contexto discursivo.

Essas mudanças/alterações, que normalmente não estão presentes no texto escrito, pois possuem uma “organização canônica dos constituintes da frase” (JUBRAN, 2015, p. 29), são conhecidas como descontinuidades. As descontinuidades são responsáveis por deixar o texto falado mais flexível, possibilitando uma atualização momentânea com interrupções e correções de acordo com os falantes na interação.

É extremamente difícil definir a linguagem verbal sem levar em conta a diversidade de características que fazem parte da sua múltipla realidade. A definição de linguagem, adotada na perspectiva textual-interativa é como uma forma da competência comunicativa, que ocorre num espaço contextual, considerando as peculiaridades em que ocorre a enunciação, entre pelo menos duas pessoas em situação de paridade, ou seja, não há uma hierarquia entre os indivíduos.

Todas as pessoas possuem um sistema de regras interiorizado que permite a compreensão e produção do texto falado, ou seja, possuem competência comunicativa. Essa competência é responsável em ativar o conhecimento linguístico para auxiliar na formação de “uma ordem específica de fatores, que dão estatuto textual ao produto da interlocução verbal” (JUBRAN, 2015, p.32)

A Perspectiva Textual-Interativa tem como principal objetivo olhar a linguagem como um fenômeno heterogêneo e estudar a língua em uso. Para isso, utiliza três pilares teóricos: a Linguística do Texto, a Pragmática e a Análise da Conversação, que orientam as análises. De acordo com Jubran (2015), é imprescindível entender que o objeto do estudo é o texto enquanto produção linguística no processo de interação.

Esses estudos defendem que os fatores interacionais são essenciais no processo comunicativo, por estarem presentes na prática discursiva. Ao ter como base a pragmática, eles tomam como foco as “marcas do processamento formulativo-interacional na materialidade linguística do texto” (JUBRAN, 2015, p. 33). Ou seja, analisam quais foram os processos para a formação do texto e as suas funções textual-interativas, evidenciando os aspectos enunciativos que formam os enunciados.

Não há uma separação entre as funções textual e interativa na construção textual, e sim uma junção que é realizada de maneira progressiva, de acordo com o predomínio de uma ou outra função na atividade enunciativa e na elaboração do texto. Isso ocorre pelo fato de que, ao se comunicarem, os interlocutores evidenciam elementos que auxiliam no processo discursivo e na elaboração do sentido textual.

A Perspectiva Textual-Interativa se baseou nos princípios da Linguística-Textual por ela ter como objeto de estudo o texto, embora seja, prioritariamente, o texto escrito. Essa teoria contribuiu para a definição e o conceito do texto. E também para a ampliação do desenvolvimento linguístico-textual, além dos limites da frase, com foco linguístico-pragmático e, com isso, para a observação do texto como uma unidade globalizadora, presente no processo interacional e em um espaço sociocomunicativo.

A outra base teórica utilizada nessa Perspectiva foi a da Análise da Conversação, pois estuda a oralidade (língua falada) através de diferentes situações de relações verbais no processo comunicativo, face a face, com trocas de turnos frequentes (JUBRAN, 2015).

Como podemos perceber, a Perspectiva Textual-Interativa procura entender o funcionamento da língua e o espaço em que ela é utilizada. O processo em que ocorre a construção do texto falado é o principal objetivo, junto com os “fatores enunciativos que lhe dão existência e que se revelam nos próprios processos de elaboração textual” (JUBRAN, 2015, p. 35). Com isso, a perspectiva estuda o texto e, através dele, entende as funções textual-interativas, os procedimentos de estratégias e os métodos da estruturação textual.

As pessoas estão acostumadas a olhar para a língua falada baseando-se nas estruturas e formas que caracterizam a língua escrita e, com isso, questionam fatores que auxiliam para o processo de construção textual, considerando-os como erros, vícios de linguagem, defeitos da fala. É sabido que para a construção de um diálogo entre interlocutores não é necessário realizar um amplo planejamento e, por isso, os falantes utilizam mecanismos para que no decorrer do processo comunicativo utilize correções, hesitações, marcadores discursivos, entre outros elementos linguísticos. Esses mecanismos que surgem como descontinuidades, de acordo com Jubran (2015, p. 36), “são fenômenos constitutivos do texto falado, e integram normalmente

sua construção com vistas ao estabelecimento de relações interacionais, assegurando, desse modo, a comunicabilidade”.

Essa perspectiva Textual-Interativa apesar de ser elaborada pensando no contexto brasileiro, nos oferece ferramentas analíticas para analisar o português falado nos países do continente africano, incluindo a análise de elementos linguísticos, como os MDs.

3.2 ESTIGMAS

O texto falado é caracterizado por ser emergente, com uma construção dinâmica e instantânea que é organizado de acordo com as regras que auxiliam no processo de coesão e coerência, no contexto interacional. Todos os falantes, independente da sua língua materna, utilizam os MDs para construir o discurso. Esses elementos linguísticos são responsáveis por contribuir para a construção do texto e auxiliar para um melhor entendimento entre os interlocutores.

Em contextos de interação, muitos dos elementos linguísticos selecionados pelos falantes apresentam comportamentos diferentes daqueles encontrados nas prescrições gramaticais e expandem seus sentidos e significados para o campo pragmático do falante e do ouvinte envolvidos na interação, como resultado de gramaticalização [...] (FREITAG; SILVA; EVANGELISTA, p. 56, 2017).

A Gramática Prescritiva/Normativa estigmatiza os MDs, considerando-os como elementos vazios e/ou vícios de linguagem, que retardam/atrapalham na construção do discurso. Essa gramática se preocupa com a variedade padrão da língua, por esse motivo, ela não descreve nem explica o funcionamento desses itens linguísticos, ignorando sua multifuncionalidade. De acordo com Freitag (2007), por não estarem presentes nas gramáticas normativas, os MDs também não estão nos livros didáticos, currículos escolares, manuais de ensino e, com isso, são estigmatizados pela sociedade.

Normalmente, em espaços que exigem certa formalidade, como em apresentações orais, nesses espaços espera-se que o falante utilize a norma culta da língua. A primeira indicação que sugerem é que, no momento do discurso, evitem ou não utilizem os MDs. Quando utilizam repetidamente algum marcador como, por exemplo, o “*tipo*” chamam a atenção do falante e informam que ele precisa ficar mais atento ao elaborar um discurso e tratam o marcador discursivo como uma espécie de descuido e/ou falta de atenção/preparo do falante.

O uso dos MDs é “associado à insegurança e falta de domínio do assunto” (FREITAG, 2007, p. 30). Isso ocorre devido a “sua função de pontuantes, ou seja, marcadores de ritmo e preenchedores de pausa. Existe uma necessidade de se preencher os vazios na interação, seja para manter o canal comunicativo aberto, manter o turno ou solicitar aquiescência do interlocutor” (FREITAG, 2007, p. 31).

Os MDs são mecanismos linguísticos responsáveis por contribuir na organização dos textos (orais e escritos), embora tenha uma grande importância “quase nenhum espaço é reservado para eles nas descrições gramaticais da língua” (RISSO, 2015, p. 392). Não se preocupam com as “questões linguístico-discursivas que se manifestam no âmbito transfrástico e às estruturas mais particularizadoras de língua falada” (Idem, p. 392). Quando esses mecanismos aparecem na gramática tradicional, desempenham a função somente de advérbios e, com isso, limitam a sua definição, como palavras de classificação à parte.

De acordo com Castilho (2020), a sociedade discrimina a variedade popular e privilegia a norma culta da língua. A escola é uma representante do Estado, e por isso, é responsável por pôr em prática (planejamento linguístico) o que foi implementado como política linguística daquele país, defendendo o ensino de acordo com a variedade culta. No caso de Cabo Verde, não é diferente, como destacamos na segunda seção, a produção dos materiais didáticos e o ensino se baseiam na gramática normativa europeia, que neste caso, se trata da gramática do português de Portugal.

Geralmente, o estigma sobre os MDs tem início no ambiente escolar, que por “não serem normatizados em aulas de língua portuguesa, [...] costumam ser alvo de repúdio” (FREITAG, p. 31, 2007). Por esse motivo, fizemos uma breve pesquisa e observamos como os MDs aparecem nos Manuais de Língua Portuguesa, nos seguintes anos escolares: 5º, 6º, 7º e 8º. Esses manuais foram coordenados pelo Ministério da Educação do Governo de Cabo Verde e disponibilizados de forma online¹⁰, no processo de ensino remoto, durante a pandemia de Covid-19, direcionados para os professores de Português que ensinam nas respectivas classes, em Cabo Verde. Escolhemos fazer uma breve análise desses materiais didáticos com o intuito de responder o seguinte questionamento: Existe um estigma com a utilização dos MDs ao ponto de sugerirem aos alunos evitarem a utilização desses elementos na construção dos discursos oral e escrito.

¹⁰ Para consultar os Manuais Escolares acesse o link: <https://minedu.gov.cv/manuais>, acessado em: 10 de junho de 2022.

Não encontramos no Manual do 5º ano nenhuma palavra que explicasse o que são os MDs (conectores discursivos) ou que sugerissem como esses mecanismos são utilizados. Com isso, a primeira vez em que esse termo aparece é no Caderno Experimental de Língua Portuguesa do 6º ano, descrevendo a sua importância para a descrição do discurso e os diferentes sentidos que eles podem expressar, como sugere no quadro a seguir:

Figura 04: Exemplos dos MDs no livro do 6º ano

Marcadores e conectores discursivos

Estas são palavras ou expressões usadas para organizar o discurso. Expressam diferentes sentidos:

ordenação	em primeiro lugar, por outro lado, finalmente, por último...
explicação e retificação	ou seja, isto é, por outras palavras, dizendo melhor...
concretização de uma ideia	de facto, efetivamente, na realidade, por exemplo...
intenção de manter o contacto com o recetor	escuta, ouve, olha, presta atenção
conectores aditivos	além disso, ainda por cima, do mesmo modo...
conectores conclusivos ou explicativos	por consequência, logo, portanto, de modo que...
conectores contrastivos ou contra-argumentativos	mas, todavia, contudo, de qualquer modo...

Fonte: Caderno Experimental de Língua Portuguesa 6º ano (2019, p. 166)

No Manual de Língua Portuguesa do 7º ano, os MDs são citados três vezes para chamar a atenção do estudante para utilizar esses elementos linguísticos adequadamente na construção de um discurso oral organizado. Seguem abaixo as três partes retiradas do livro em que as instruções aparecem em destaque.

Figura 05: Orientações do uso dos MDs no discurso oral

Exemplo 1

6. Num discurso bem organizado, conta à turma uma pequena história de alguém que tenhas conhecido e que tenha vencido uma determinada dificuldade.

Não te esqueças de:

- articular bem as tuas ideias, usando conectores adequados;
- evitar muitas repetições de palavras e expressões;
- usar uma voz clara e um tom de voz audível;
- pronunciar bem as palavras; fazer entoação correta e falar pausadamente;
- evitar usar palavras e expressões da língua materna, enquanto contas a tua história, em português.

Exemplo 2



EXPRESSÃO ORAL

1. Conversa com os (as) teus(tuas) colegas e diz se concordas com a escolha do título do conto.
2. Faz o reconto desta primeira parte da história.



Atenção!

Não te esqueças de:

- ter em atenção os elementos comunicativos: os gestos, o olhar, a postura corporal e o volume de voz; usar uma voz clara e um tom de voz audível;
- pronunciar bem as palavras, fazer entoação correta e falar pausadamente;
- usar as tuas próprias palavras, enriquecer a tua forma de contar, mas sem deturpar a história original;
- articular bem as ideias, usando conetores adequados;
- evitar muitas repetições de palavras e expressões.

Exemplo 3

2. Imagina que tivesses recebido um telemóvel novo, pelo teu aniversário. Como farias para aprenderes a utilizá-lo bem?



ATENÇÃO

Não te esqueças de:

- ter em atenção os elementos comunicativos: os gestos, o olhar, a postura corporal e o volume de voz; usar uma voz clara e um tom de voz audível;
- pronunciar bem as palavras, fazer entoação correta e falar pausadamente;
- usar expressões/enunciados corretos para opinar (acho que, a minha opinião é que, a meu ver, ...), concordar, discordar (concordo com, estou de acordo com, discordo de, ...);
- articular bem as ideias, usando conetores adequados; evitar muitas repetições de palavras e expressões.

Fonte: Manual de Língua Portuguesa 7º ano (2020, p. 08; 17; 123)

No livro do 8º ano, há a informação de que “os marcadores discursivos são palavras/expressões que estruturam a informação de um texto” (p. 24, 2021). Sendo que a lista de conectores e marcadores que aparecem no manual didático descreve a função que cada marcador discursivo desempenha, através de uma ficha informativa como podemos constatar na Figura 06.

Figura 06: Funções específicas dos MDs

# Ficha informativa nº 9 - Conectores e marcadores de discurso	
Para	Usa-se
expressar contraste, oposição, restrição	mas, porém, todavia, contudo, no entanto, apesar de, ainda que, embora, mesmo que, por mais que, se bem que, não obstante, ainda assim...
adicionar e agrupar elementos e ideias	e, além disso, e ainda, não só... mas também, como ainda, bem como, assim como, por um lado, por outro lado, nem... nem
introduzir uma conclusão a partir da ideia principal	pois, portanto, por conseguinte, assim, logo, enfim, concluindo, em conclusão
resumir, reafirmar	por outras palavras, ou seja, em resumo, em suma, ou melhor
exemplificar	por exemplo, isto é, ou seja, é o caso de, nomeadamente, em particular, a saber, entre outros...
comparar	como, conforme, também, tanto ... quanto, tal como, assim como, pela mesma razão
indicar uma consequência	por tudo isso, de modo que, de tal forma que, daí que, tanto... que, é por isso que
dar uma opinião	na minha opinião, a meu ver, em meu entender, parece-me que, penso que...
expressar dúvida	talvez, provavelmente, é provável que, possivelmente, porventura
insistir nas ideias já expostas	com efeito, efetivamente, na verdade, de facto
esclarecer, explicar uma ideia	quer isto dizer, isto (não) significa, por outras palavras, isto é
ordenar as ideias por ordem sequencial	em primeiro lugar, num primeiro momento, antes de, em segundo lugar, em seguida, seguidamente, depois de, após, até que, simultaneamente, enquanto, quando, por fim, finalmente, ao lado, à direita, à esquerda, em cima, no meio, naquele lugar...
introduzir raciocínios que apresentam a intenção, o objetivo	com o intuito de, com o objetivo de, para (que), a fim de, de forma a ...
expressar uma ideia de causa	pois, pois que, visto que, já que, porque, dado que, uma vez que, por causa de...
indicar uma hipótese ou condição	se, caso, a menos que, salvo se, exceto se, a não ser que, desde que, supondo que...
expressar um facto dado como certo	com certeza, naturalmente, é evidente que, certamente, sem dúvida que...
evidenciar ideias alternativas	fosse ... fosse, ou (...), ora... ora, quer...quer...

Fonte: Manual de Língua Portuguesa do 8º ano, 2021, p. 172

Em vista desses exemplos, pudemos perceber que os MDs presentes nos Manuais de Língua Portuguesa em Cabo Verde possuem a mesma função como são descritos nas gramáticas tradicionais/normativas do Brasil. Limitando esses elementos a funções específicas da língua e ignorando a sua multifuncionalidade. Apesar de não serem mencionados como “vícios de linguagem”, percebemos essa concepção, no Manual do 7º ano, ao aparecer três vezes para chamar a atenção do aluno para que utilize os conectores/MDs adequados, evitando repetições de palavras e expressões no discurso oral. Isso comprova a nossa hipótese de que existe, também no contexto caboverdiano, uma estigmatização do uso desses elementos linguísticos.

3.3 A DIVERSIDADE DE PESQUISAS SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS

Os marcadores discursivos são elementos indispensáveis para a formação dos textos (orais e/ou escritos) em um contexto cognitivo e interpessoal. Esses marcadores são responsáveis por influenciar os discursos de forma implícita ou explícita na fala dos locutores e interlocutores. Segundo Batista (2014), os MDs são conectores responsáveis por organizar os textos, sustentando e direcionando os argumentos a favor ou contra o projeto discursivo dos falantes e também estabelecem o processo de persuasão, tentando convencer o outro do que está sendo dito.

Os MDs são externos ao conteúdo, fazendo parte da estratégia da atividade enunciativa, garantindo

a ancoragem pragmática desse conteúdo ao definirem, entre outros pontos, a força ilocutória com que ele pode ser tomado, as atitudes assumidas em relação a ele, a checagem de atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, a orientação que o falante imprime à natureza do elo sequencial entre os elementos textuais (RISSO; SILVA; URBANO, p.389, 2015).

Valle (2000) ressalta a importância dos trabalhos acerca desses elementos linguísticos e a intensidade de estudos que têm surgido sobre esse tema. Essas pesquisas muitas vezes não têm um consenso sobre a funcionalidade e denominação desse termo, o que acaba dificultando a sistematização desses estudos.

Apesar de uma explosão de pesquisas sobre os MDs, principalmente na década de 1990, como, por exemplo, Marcuschi (1989), (1997), Silva e Macedo (1996), Riso, Silva e Urbano (1995), Urbano (1999), Riso (1999), Silva (1999), entre outros, pouco foi explorada a produtividade desses mecanismos organizadores no texto e, conseqüentemente, nas descrições gramaticais da língua. A gramática normativa não explora todas as funções dos marcadores, considerando-os como unidades morfologicamente marcadas, como as conjunções, os pronomes, os advérbios, entre outros. Nesse sentido, como já exposto neste texto, Freitag (2007) argumenta que, apesar da importância dos MDs no discurso oral e escrito, existe uma tendência de estigmatização do seu uso principalmente na norma culta¹¹ da língua portuguesa.

Não há um consenso quanto à denominação dos MDs, que podem ser tratados como marcadores conversacionais, operadores argumentativos, articuladores textuais, entre outros. Atuando tanto no aspecto interpessoal, através da interação entre falante e ouvinte e

¹¹ Embora não seja o termo mais adequado a se referir a norma e os falantes que utilizam-na, pois sugere que existem falantes que não tenham cultura, entende-se por norma culta (ou variedade prestigiada) as pessoas que têm um maior acesso a cultura escrita. É importante ressaltar que “os estilos de fala dos falantes cultos variam, mas mantêm constantes certos traços que são característicos do uso culto em geral e que se distinguem dos usos mais característicos dos falantes do português popular [...]” (FARACO; ZILLES, 2017, p. 21) (que também pode ser chamada de variedade estigmatizada).

contribuindo no planejamento da fala, como no aspecto textual, através de elos coesivos entre partes do texto. Apesar das especificidades conceituais e o nível de categorização, Valle (2000), Freitag (2007), Penhavel (2012), Batista (2014), Risso, Silva e Urbano (2015), Melo (2018), Sousa (2016), Santos (2017), Macário Lopes (2014), Oliveira, Zanolli e Andrade (2018), reforçam a dimensão multifuncional dos MDs.

3.3.1 Marcadores discursivos no português brasileiro

Existem muitos trabalhos sobre os MDs, nos variados campos da linguística, principalmente os que se dedicam a analisar a língua falada e suas características. Embora exista uma ampla biografia, não há um consenso entre esses estudiosos sobre as funções e denominações para esses elementos linguísticos e, com isso, não há “o delineamento de sua especificidade com relação a outros mecanismos de fundo discursivo que, embora possam apresentar pontos comuns com os marcadores, nem sempre são passíveis de serem enquadrados entre eles” (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 372).

O trabalho trazido por Marcuschi (1997) chama esses elementos linguísticos de marcadores conversacionais (doravante MC) que desempenham funções conversacionais e sintáticas, servindo de “elo de ligação entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si” (MARCUSCHI, 1997, p. 61). Ele classifica os MC em três tipos de recursos os verbais, não-verbais (ou paralinguísticos) e suprasegmentais, que podem ocupar várias posições sintaticamente regulares no enunciado, na troca de falantes, na mudança de tópico e nas falhas de construção.

As funções conversacionais dos MC podem ser classificadas de acordo com dois aspectos. O primeiro aspecto são os “sinais produzidos pelo falante, que servem para sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento, monitorar o ouvinte [...]” (MARCUSCHI, 1997, p. 71), entre outras coisas. O segundo são os “sinais produzidos pelo ouvinte durante o turno do interlocutor e geralmente em sobreposição, que servem para orientar o falante e monitorá-lo quanto à recepção” (MARCUSCHI, 1997, p. 71). Já as funções sintáticas são responsáveis “tanto pela sintaxe da interação como pela segmentação e pelo encadeamento de estruturas linguísticas” (MARCUSCHI, 1997, p. 72).

Valle (2000) vê a necessidade em classificar os MDs em, pelo menos, dois níveis, o primeiro é o textual no qual exerce a função de conexão, sequenciação, retomada, resumo, entre outros e o segundo é o nível extratextual no qual exerce funções no processamento cognitivo, na interação entre interlocutores, na verificação do canal comunicativo etc.

Risso, Silva e Urbano (2015) se dedicaram em estabelecer os traços definidores responsáveis por identificar os MDs, de acordo com as suas propriedades básicas que são operacionalmente viáveis as suas naturezas. Nessa pesquisa analisaram um total de 225 minutos que equivale a 1298 ocorrências, de 15 minutos cada do Projeto Nurc, observando as seguintes variáveis: padrão de recorrência; articulação de segmentos do discurso; orientação da interação; relação com o conteúdo proposicional; apresentação formal; relação sintática com a estrutura gramatical da oração; autonomia comunicativa e massa fônica. Os MDs encontrados foram palavras com o fundo lexical (claro) ou gramatical (mas), locuções (quer dizer), contrações (né), reduções (tá), ou como segmentos fônicos não dicionarizados (uhn uhn).

Os traços estabelecidos por eles podem ser caracterizados como fortes/frequentes, do que se possa compreender como um marcador discursivo, e os traços menos frequentes/relevantes (fracos) para a definição desses elementos linguísticos. Dessa forma, se tem, um “núcleo-piloto estável e centralizador do ponto de integração homogênea do conjunto” desses elementos linguísticos. “É em relação a esse núcleo-piloto que as demais variáveis são preenchidas dentro de certos padrões, dentro de limites de flexibilidade mais ou menos previsíveis e descritíveis [...]” (RISSO; SILVA; URBANO, p. 386, 2015). É sabido que não existem regras/padrões a serem seguidos por todos os MDs, ou seja, algo que limite a funcionalidade desses elementos. Pois, são elementos linguísticos que fazem parte “de uma classe gradiente, própria de configurações discursivas” (RISSO; SILVA; URBANO, p. 387, 2015).

Posto isso, os MDs são divididos em dois grandes grupos: basicamente sequenciadores e basicamente interacionais. Esses grupos estão inter-relacionados com duas funções básicas: “o maior peso do fator interacional corresponde normalmente a uma diluição do papel articulador e, inversamente, o crescimento da atuação sequenciadora convive com um grau mais atenuado de manifestação do jogo de relações interpessoais” (RISSO; SILVA; URBANO, p. 390, 2015).

Risso (2015), por sua vez, analisa os MDs que têm a função de sequenciadores, especificando as diversas formas que esses marcadores podem se “comportar” no enunciado e a multifuncionalidade que esses elementos podem ter de acordo com o contexto que estão inseridos. Para ela, esses elementos na sua maioria não prejudicam o entendimento do texto, preservando os traços básicos do núcleo-piloto que são “exteriores a conteúdos proposicionais ou tópicos, sintaticamente independentes e insuficientes para constituírem enunciados completos por si próprios” (RISSO, p. 393, 2015). Risso (2015) observou que esses marcadores (“*agora*”, “*então*”, “*bom*”, “*bem*”, “*olha*” e “*ah*”) têm marcas particulares como, por

exemplo, o preenchimento das funções textuais desempenhando uma função de sequencialização tópica mais intensa nas relações interativas.

Já Urbano (2015) pesquisou as características e especificidades do comportamento dos MDs que desempenham a função de basicamente orientadores da interação e seu funcionamento textual-interativo de acordo com o núcleo-piloto estabelecido pelos autores supracitados. Ele observou que esses MDs também apresentavam outros traços fortes como, por exemplo: a transparência semântica (naturalmente vazias); demarcação prosódica (em uma demarcação “virtual” do fenômeno, ou seja, demarcação possível); massa fônica (até três sílabas tônicas). O autor fez uma análise individualizada de cada MD apresentado, observando as posições na frase¹² oral e no turno que podem aparecer/ocorrer no início, meio ou final. A sobreposição de vozes ocorre normalmente quando dois ou mais interlocutores falam simultaneamente e, com isso, tem a possibilidade de alguns MDs aparecerem. Além disso, levou em conta a coocorrência dos marcadores, que é quando aparece um marcador discursivo depois de outro, que pode ter sido utilizado pelo mesmo interlocutor, ou por interlocutores diferentes.

Alguns MDs possuem característica interpessoal e são considerados como requisitos de apoio discursivos (RAD), normalmente se originam de verbos ou adjetivos por processo de mudança linguística. Com isso, Freitag (2007) afirma que uma mesma forma pode desempenhar concomitantemente três funções na organização da fala, são elas: *interpessoal, interpessoal e textual e rítmico*.

Penhavel (2012) sintetiza alguns estudos que versam sobre os MDs e os enquadram em três tipos de abordagem:

O primeiro tipo compreende abordagens que tomam como MDs expressões afixadas a um enunciado matriz, que têm função de conexão e que se referem a um aspecto desse enunciado. Aí se incluem, por exemplo, trabalhos como os de Fraser (2006), Blakemore (1987, 2002) [...] A segunda modalidade de abordagem compreende aquelas que analisam como MDs expressões constituindo um enunciado completo, com função de gerenciamento da conversação e que se referem a domínios comunicativos. Dentre os representantes desse tipo de abordagem, podem ser citados os trabalhos de Fischer (2000, 2006), Frank-Job (2006) etc [...] Finalmente, o terceiro tipo de abordagem abarca aquelas que consideram como MDs expressões dos dois tipos distinguidos acima, isto é, tanto expressões de natureza conectiva, quanto expressões mais diretamente ligadas ao gerenciamento da conversação. Essa terceira modalidade de abordagem inclui, por exemplo, trabalhos como o de Schiffrin (1987) e o de Risso, Silva & Urbano (2002, 2006) (PENHAVAL, 2012, p. 80, 81)¹³.

¹² Existindo também a possibilidade de alguns marcadores aparecerem sozinhos.

¹³ Infelizmente não tivemos acesso a todos os estudos citados por Penhavel (2012).

Mesmo frente a essa divisão, Penhavel (2012) frisa que elas compartilham da mesma noção ao tratarem os MDs como expressões linguísticas que facilitam o processamento do discurso, definindo de acordo com o quadro teórico-metodológico em que a abordagem está inserida.

Melo (2018), da mesma forma que Penhavel (2012), tem um olhar crítico sobre a multiplicidade de estudos sobre os MDs, algo que pode ser considerado positivo ou negativo para o entendimento da sua função. A autora afirma que os marcadores “vêm sendo tratados de distintas formas e a partir de diversas teorias”. Ela expõe diversos quadros, em um deles ela ressalta a falta de acordo terminológico e das unidades que são tratadas, explicações muito gerais que carecem de aprofundamentos.

3.3.2 Marcadores discursivos no português europeu

No nosso levantamento no Google Acadêmico, ao contrário do que conseguimos constatar no caso dos estudos sobre MDs no PB, conseguimos identificar poucos estudos sobre os MDs no PE. As pesquisas de Macário Lopes (2014), Macário Lopes e Carapinha (2017), e Teixeira, Ribeiro e Salgado (2016), são algumas das principais análises sobre o tema em questão.

Macário Lopes (2014) descreve as funções dos MDs “*quer dizer*”, “*ou seja*” e “*isto é*” do *corpus* oral do português europeu contemporâneo. Os marcadores analisados funcionam como conectores que possibilitam sinalizar uma reformulação, responsáveis por guiar o processo interpretativo.

O objetivo principal da autora é descrever o funcionamento dos três MDs que foram retirados do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), um total de 200 ocorrências que foram escolhidas de forma aleatória, e divididas em um subcorpus oral (100 ocorrências) e um subcorpus escrito (100 ocorrências).

O marcador “*quer dizer*” apareceu no *corpus* com quatro funções distintas, que foram: reformulação, atenuação, conclusão e como marcador de formulação ou construção online do discurso oral. O marcador “*ou seja*” funciona como reformulador, conclusivo e marcando a formulação online do discurso oral. E por último, o marcador “*isto é*” que funciona como reformulador e como marcador de formulação.

Com isso, Macário Lopes (2014) percebeu que marcadores “*quer dizer*”, “*ou seja*” e “*isto é*” analisados, exercem a função de reformulação nos dois modelos, escrito e oral. Os três

marcadores também funcionam como marcadores de formulação sinalizando a construção instantânea do discurso oral.

Dando continuação ao estudo citado anteriormente, Macário Lopes e Carapinha (2017) descreveram o funcionamento dos MDs “*por outras palavras*” e “*digamos*” que foram retirados de dois projetos o CETEMPúblico (com 50 ocorrências aleatórias de dados empíricos, para cada marcador) e do CRPC (com um número incansável de ocorrências). Os dois MDs analisados do português europeu contemporâneo desempenham a função de reformulação, sendo que o marcador “*por outras palavras*” é apenas marcador de reformulação parafrástica e o marcador “*digamos*” funciona como reformulador retificativo, ou seja, apareceu como uma correção/retificação.

Outra pesquisa que se debruçou sobre os MDs no português europeu, foi o estudo de Teixeira, Ribeiro e Salgado (2016), que descrevem a utilização dos MDs em entrevistas orais informais, com 24 falantes do português europeu. Essas entrevistas tiveram a duração de no máximo cinco minutos e foram divididas em três faixas etárias, a primeira com pessoas de 15 a 19 anos de idade, a segunda de 20 a 30 anos de idade e a terceira de 35 a 50 anos de idade. Essa pesquisa teve como principal objetivo analisar os diferentes MDs utilizados pelos indivíduos, de acordo com a idade e o sexo, no processo da construção do discurso oral e observar a frequência em que esses marcadores são utilizados pelas diferentes gerações.

Os resultados encontrados permitiram-lhes concluir que a primeira faixa etária utiliza os mesmos marcadores com mais frequência, repetindo-os constantemente, um exemplo foi o marcador “*tipo*” que teve um total de 48 ocorrências. A segunda faixa etária utilizou 27 MDs diferentes e o marcador que teve o maior número de ocorrências foi o “*então*”, que foi encontrado em 7 ocorrências. A última faixa etária (de 35 a 50 anos de idade) foi a que teve menor número de repetições de MDs, utilizando 20 marcadores diferentes e o marcador “*pronto*” apareceu em 11 ocorrências.

Olhar para essas pesquisas que tratam sobre os MDs na variedade do português europeu, nos ajudou a levantar algumas hipóteses de quais marcadores poderíamos encontrar no PCV, pois como descrevemos na primeira seção, esse português é fruto do contato linguístico do PE com diferentes línguas oriundas do continente africano.

3.3.3 Marcadores discursivos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Como podemos observar, o conjunto de referências que anteriormente revisamos são de suma importância para entender a trajetória de estudos que têm como objeto de pesquisa os

MDs. No entanto, constatamos que a maioria deles se preocupam em estudar esses elementos linguísticos no PB e/ou PE. Existe uma carência em estudos sobre o tema, que analisam as variedades da língua portuguesa no continente africano e, especificamente, no português caboverdiano.

Acreditamos que falta nos países africanos, uma articulação para a criação de uma gramática que descreva o português falado nos respectivos países, que analise não só a variedade culta, mas todas as variedades presentes nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), iniciativas parecidas ao PGPf criado no Brasil, no final da década de 1980. É necessária uma normatização do português nos PALOP e a descrição de características que compõem cada uma dessas variedades.

Figura 07: mapa da localização dos PALOP



Fonte: Amorim, et al (2018, p. 127)

Em relação às pesquisas no campo da linguística, existe uma carência em estudos que abordam acerca dos MDs nas variedades da língua portuguesa no continente africano e, conseqüentemente, no português caboverdiano. Através de uma busca no Google acadêmico, conseguimos mapear os estudos de Sousa (2016), Santos (2017), Oliveira, Zanoli e Andrade (2018), além das recentes pesquisas de Veloso (2018) e Santos e Veloso (2020)¹⁴.

¹⁴ Salientamos que esta pesquisa é a continuação de um trabalho de conclusão de curso (TCC) e de um artigo que foi publicado em 2020 com Santos.

Sousa (2016), em sua tese, analisou os modos de organização e interações verbais entre os pesquisadores e estudantes universitários, vindos de Cabo Verde e Timor-Leste, com o intuito de enfatizar os mecanismos (estratégias/métodos) de polidez utilizados entre esses falantes em entrevistas do projeto Processamento da Fala e do Discurso Análise e Aplicações (PROFALA) que se baseia no modelo do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), versão 2001.

O *corpus* conta com 40 entrevistas, com estudantes de graduação de duas universidades da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), seguindo o Questionário Fonético e Fonológico (QFF). Essas entrevistas foram divididas de acordo com os fatores sociais que foram: nacionalidade (Cabo Verde ou Timor-Leste), sexo/gênero (feminino e masculino) e o tempo de permanência no Brasil (menos de seis meses e mais de seis meses) e os fatores linguísticos que foram: a estrutura de participação, o alinhamento adotado, a polidez linguística e os marcadores conversacionais como estratégias de polidez.

Sousa (2016) defende que a polidez tem uma característica multidisciplinar e, para isso, observou a “dinâmica interacional das entrevistas-questionários e à utilização de marcadores conversacionais linguísticos e não linguísticos”, pois a autora acredita que, investigar a funcionalidade dos marcadores, é um dos principais pontos para determinar a “sua relação com as estratégias de polidez selecionadas pelos falantes” (SOUSA, p. 11, 2016). Centrou sua análise nas estratégias de polidez através da observação da utilização de seis tipos de marcadores conversacionais e, por isso, escolheu trabalhar apenas com dois grupos, os marcadores linguísticos (marcadores de atenuação, de aprovação ou concordância, de argumentação, de busca de aprovação, de discordância e de identidade de grupo) e os marcadores não linguísticos (o silêncio e o riso).

Santos (2017), por sua vez, investigou o uso do elemento “portanto” nas diferentes variedades do português falado no Brasil e nos PALOP, identificando o valor semântico e as relações retóricas que esse elemento sinaliza. O *corpus* da pesquisa é composto por 45 gravações (20 do Brasil e 5 em cada um dos respectivos países: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), divididas entre conversas informais, entrevistas e programas de rádio, no período de 1970 a 2001. A maior parte dos dados foram recolhidos do Projeto Português Falado, Variedades Geográficas e Sociais, em seguida foram transcritos de acordo com o modelo ortográfico europeu.

Constatou um total de 97 ocorrências do elemento “portando”, sendo que desse total, 46 ocorrências (a maior parte dos casos), o elemento apareceu como marcador conversacional, que se caracteriza por ser semanticamente esvaziado, com “a função de preencher uma lacuna

na fala, indicando ao interlocutor que o falante ainda não terminou seu turno” (SANTOS, 2017, p. 170,). Em 13 ocorrências, o elemento apareceu com valor semântico de articulador discursivo reformulador de termos e com 12 ocorrências como articulador discursivo encaminhador de tópico.

Santos (2017) também encontrou outros resultados, com base na Teoria da Estrutura Retórica, analisou que em 36 ocorrências o elemento “*portanto*” desempenha a função de relação retórica de resultado (16 ocorrências), retórica de elaboração (9 ocorrências), resumo (5 ocorrências) e reformulação (4 ocorrências).

Oliveira, Zanoli e Andrade (2018) descrevem e analisam os MDs “*tás a ver*”, “*eh pa*”, “*ya*” e “*Julia*” no português falado em Libolo, localizado em Angola, a partir da perspectiva da Língua em Ato (L-AcT) e que podem desempenhar as seguintes funções: conativa, expressiva, fática e alocutiva¹⁵. O *corpus* utilizado faz parte do Projeto Libolo: o ‘*corpus* mínimo do Libolo’ - *C-Oral-Angola*, que teve sua oficialização em 2013, é composto por falas espontâneas. As autoras afirmam que analisar os marcadores através dessa perspectiva (L-AcT) proporciona a “identificação da composição de enunciados por meio de unidades prosódicas, unidades tonais, e de unidades informacionais pode auxiliar a melhor identificar e analisar as unidades dialógicas, mais citadas na literatura como Marcadores Discursivos” (OLIVEIRA; ZANOLI; ANDRADE, 2018, p. 173).

Veloso (2018), em seu estudo sobre os MDs no português em Cabo Verde, relaciona as três abordagens de marcadores trazidas por Penhavel (2012) com os três tipos de MDs apresentados por Batista (2014). A autora mostra que os organizadores textuais e os modalizadores são tipos de MDs que se enquadram na primeira abordagem trazida por Penhavel (2012), pois funcionam como expressões que estão ligadas a um enunciado principal, ou seja, funcionando como conectivos, enquanto os marcadores conversacionais estão inseridos na segunda abordagem trazida por Penhavel (2012). Essa abordagem considera que os MDs têm a função de orientar o diálogo. Quanto à terceira abordagem de Penhavel (2012), Veloso (2018) enquadra os marcadores “*agora*”, “*bom*”, “*ai*”, “*ah*”, “*ahn*”, “*né*” e “*é*”, descritos no português caboverdiano como gerenciadores na conversação ou conectivos.

Em síntese, essa revisão nos possibilitou entender o “estado da arte” sobre os estudos dos MDs nas diferentes variedades do português e identificar uma necessidade de mais pesquisas sobre MDs nas variedades africanas do português. Nesse sentido, reafirmamos a

¹⁵ Geralmente esses MDs fazem parte da categoria dos vocativos e são analisados somente na perspectiva da L-AcT.

importância do presente estudo, principalmente para melhor compreensão da estruturação do discurso oral no PCV. Cabe destacar, que assim como Risso, Silva e Urbano (2015) enquadrámos os MDs dentro da Perspectiva Textual-Interativa. Deste modo, nossa análise foi feita utilizando especialmente os aportes teóricos e metodológicos dessa corrente teórica.

4 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta seção exibiremos uma breve apresentação sobre a Sociolinguística Variacionista e o conceito de comunidade de fala. Para isso, trouxemos também informações sobre os participantes que compunham as amostras dos dados. Em seguida, apresentaremos os *corpora* utilizados que seguem o modelo da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), com entrevistas entre documentador e colaboradores que nasceram e residem em Cabo Verde. Os *corpora* escolhidos para a análise da presente pesquisa, gravados na ilha de Santiago, em Cabo Verde, foram os seguintes: (i) o de Lopes (2011) nos respectivos anos 2005, 2006 e 2007 e (ii) o de Veloso (2018), realizado no mesmo ano da publicação. Por fim, exibiremos os caminhos para a delimitação dos dados, a justificativa que tivemos para a seleção dos indivíduos e as variáveis que foram consideradas.

4.1 SOCIOLINGUÍSTICA

A relação entre língua, cultura e sociedade já foi abordada por vários linguistas no final do século XIX e início do século XX, um desses linguistas foi Meillet (1926), que afirmava que a história da língua não é separada da história da cultura e do contexto social, ou seja, ele estudava a língua no seu processo evolutivo na sociedade. O surgimento da sociolinguística, também conhecida como Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Laboviana ou Teoria da Variação e Mudança Linguística, ocorreu nos anos 1960 por William Labov, que, inspirado em outros linguistas, desenvolveu uma metodologia específica para analisar a língua em seu contexto social.

Diferentemente das teorias que surgiram anteriormente, como por exemplo o estruturalismo, que acreditava que a língua era homogênea e não variável, essa teoria é responsável por identificar, descrever e interpretar as variáveis que são responsáveis pela variação e mudança linguística. Além disso, comprova a sistematicidade em que ocorre cada variação, através de variáveis linguísticas e extralinguísticas (como idade, classe social, escolaridade, entre outros).

É evidente tanto que a língua é heterogênea quanto que a língua não existe sem os diferentes falantes que a utilizam. Segundo Labov (2008 [1972]), ao isolar algumas crianças do contexto social, elas não utilizam uma língua para se comunicar, ou seja, a língua é utilizada por indivíduos em seus contextos reais de uso, “comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008 [1972], p. 215).

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), é ilusório associar a estrutura linguística com homogeneidade, pois todas as línguas de uma comunidade complexa/diversificada têm características heterogêneas e estruturadas. Essas características podem ser observadas por meio do

conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes uma das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima covariação entre as variáveis linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 108).

Existem regras para o uso da língua pelos falantes nativos, que ocorrem com diferenciação e estilo nos contextos em que a língua é utilizada, isto é, existem variações da utilização da língua que fazem parte da comunidade de fala. Para essa perspectiva, “[...] o modelo de um sistema ordenadamente homogêneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando a estrutura social” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 99).

A mudança linguística é um processo que normalmente ocorre quando um traço característico da variação na fala é utilizado por um amplo grupo de pessoas na comunidade de fala, deixando de ser secundário e passando a ser primário, ou seja, ele se torna constante/efetivo descartando as outras variantes que existiam. Não é possível entender esse processo sem levar em consideração que “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

Como podemos observar, as mudanças linguísticas ocorrem nas gramáticas da comunidade de fala, através das estruturas variáveis que estão presentes na língua que são determinadas pelas funções sociais. Com isso, nem toda variação implica mudança linguística, mas toda mudança linguística implica variação.

Limitar-se somente aos fatores linguísticos ou aos fatores sociais na análise de uma língua não possibilita acesso às peculiaridades que compõem os estudos empíricos que observam a mudança considerando o comportamento social e linguístico, pois esses fatores “[...] estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126).

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apresentam os princípios empíricos para a teoria da mudança linguística com a intenção de orientar os pesquisadores que se interessam

pelo respectivo tema. Para constatar a mudança ou não (no caso refutá-la) no fenômeno estudado, é necessário responder perguntas colocadas na obra supracitada, os fundamentos que determinam esse processo são: os fatores condicionantes, a transição, o encaixamento, a avaliação e a implementação.

Assim, baseamo-nos nos pressupostos da Sociolinguística por acreditarmos que, ao analisarmos os MDs interacionais no PCV, iremos descrever esses marcadores levando em conta o contexto social que eles são utilizados, ou seja, em situações reais de comunicação oral.

De acordo com Labov (2008 [1972]), a principal preocupação em estudar a língua em seu contexto social é a escolha de qual o melhor método para utilizar de acordo com o meio em que o indivíduo está inserido. No caso do português de Cabo Verde, não é diferente, pois, como destacamos na primeira seção, as línguas que fazem parte desse arquipélago são fruto de diversas situações de contato; lembrando que a língua que a maioria dos caboverdianos utilizam no seu cotidiano é a LCV e não o PCV. Perante este contexto, como coletar dados do PCV sem que o indivíduo participante monitore sua fala?

Sabemos que normalmente uma pessoa pode falar de diferentes formas dependendo do local, contexto e do interlocutor. No caso dos caboverdianos, durante a pesquisa de campo e no convívio com outros caboverdianos no Brasil, percebemos que, ao se comunicarem com a família, amigos e uns com outros, independente de existir uma aproximação pessoal, eles utilizam a LCV. Isso não é uma regra, existem exceções. O que queremos destacar, é que estamos analisando uma língua que, geralmente, ocupa um papel de prestígio social para as pessoas que a utilizam, por ser a única língua oficial do país.

Percebemos que, se optássemos por entrevistas com dois indivíduos, mesmo pedindo para eles que conversassem em português seria extremamente difícil a não utilização da LCV. Isso ocorre não só em Cabo Verde, ocorre também quando estes caboverdianos encontram-se na diáspora. Por esse motivo, optamos em fazer uma coleta de dados em um modelo básico que é a gravação com entrevistas individuais, que segundo Labov (2008 [1972]), é um método prático para se obter dados confiáveis de uma pessoa. Além disso, optamos por utilizar os dados de Lopes (2011), que aplicou o mesmo método de coleta, com entrevistas entre documentador e entrevistado.

A amostra de dados foi coletada em diferentes regiões da ilha de Santiago. A amostra de Lopes (2011) contém dados gravados na cidade da Praia (zona urbana e capital do país), com pessoas que passam a maior parte do tempo nesse lugar, ou seja, moram e trabalham. A amostra de dados de Veloso (2018) contém entrevistas gravadas em dois municípios: São Lourenço dos Órgãos e Assomada (localizados, respectivamente, no centro e na região norte da ilha de

Santiago e ambos são compostos maioritariamente por zonas rurais), com indivíduos que moram e estudam nessas regiões.

4.1.1 Comunidade de fala

Para a Sociolinguística, o material básico de análise é produzido nos grupos sociais, no convívio com as pessoas, ou seja, na comunidade de fala, que é responsável em explicar a distribuição social de diferenças e semelhanças das normas linguísticas, como por exemplo, o porquê de certos falantes compartilharem os “mesmos valores associados aos usos da língua, o que pode ser observado pelos julgamentos de valor (positivo ou negativo) conscientes aos usos linguísticos, em determinado tempo e espaço” (FREITAG, 2017, p. 12), que os distinguem de outros grupos de falantes.

Dessa forma, a definição da comunidade de fala se baseia em um “conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso” (LABOV, 2008, p. 150). Para o presente estudo, logo depois de decidirmos a comunidade que iria fazer parte da pesquisa, foram escolhidos os indivíduos (participantes) que iriam colaborar com amostras de sua fala.

De modo geral, essa escolha pode ocorrer através de pesquisa de campo, em que o pesquisador realiza a própria coleta, ou através de bancos de dados. Normalmente, os bancos de dados que se baseiam na perspectiva Sociolinguística, no Brasil são compostos por pessoas que correspondam aos seguintes aspectos: “i) ser falante de português; ii) ter nascido na comunidade e ser filho de pais igualmente nascidos na comunidade; iii) não ter morado fora da comunidade na fase da adolescência (período em que o vernáculo é adquirido)” (FREITAG, 2017, p. 12), com o intuito da amostra ser o modelo da comunidade estudada e que se tenha uma padronização dos dados.

O processo da escolha dos indivíduos que irão fazer parte da amostra de dados (com os critérios citados anteriormente) dificulta o preenchimento de algumas células sociais, como, por exemplo, ter pais que nasceram na mesma comunidade que os filhos (FREITAG, 2017). No caso de Cabo Verde, dois fatores podem explicar a extrema dificuldade de construir uma amostra de dados com uma célula social constituída unicamente por pessoas que nasceram na mesma comunidade que seus pais. O primeiro é o fato de o país enfrentar periodicamente severas secas e grande parte da população migrar para outros países gerando um fluxo migratório contínuo. O segundo é que em detrimento do pequeno tamanho do país (e

consequentemente das ilhas), existe uma facilidade de locomoção entre os municípios e as ilhas do arquipélago.

Ao escolher a comunidade de fala para esta pesquisa, estamos cientes de que olhar para essa comunidade, não porque simplesmente os participantes da pesquisa moram na ilha de Santiago (Cabo Verde), mas porque identificamos algumas características, que nos possibilitam analisar elementos linguísticos (MDs), que até onde conseguimos pesquisar não foram analisados anteriormente, com isso, destacamos o pioneirismo deste estudo.

A ilha de Santiago é a maior das dez ilhas que fazem parte de Cabo Verde, com uma área de 991 km², localizada na região de Sotavento, com aproximadamente 235.803 habitantes. Essa ilha foi a primeira a ser povoada e por isso desempenhou um importante papel na formação da sociedade caboverdiana, como trouxemos na primeira seção deste trabalho. Sua população normalmente é denominada como *badios*.

Santiago é composta por nove Concelhos (municípios) são eles: Tarrafal, Santa Catarina, Santa Cruz, Praia, São Domingos, São Salvador do Mundo, São Lourenço dos Órgãos e Ribeira Grande de Santiago. Os dois pontos extremos da ilha (Praia ao sul e Tarrafal ao norte) têm uma distância de 75 km.

O município da Praia, também capital do país, tem aproximadamente 145.378 habitantes, correspondendo a 53,1% dos habitantes da ilha (INE, 2022). É um município que recebe constantemente pessoas do interior da ilha de Santiago e das outras ilhas de Cabo Verde, para trabalhar ou para realizar diferentes atividades. Considerado o maior centro urbano da ilha, Praia concentra a maior parte da população de Santiago e o maior número de instalações governamentais, esse dado é importante, uma vez que o *corpus* de Lopes (2011) é composto por dados de fala de indivíduos que trabalham e residem nesse município.

Figura 08: Localização do Município da Praia



Fonte: INE (2016)

São Lourenço dos Órgãos é um município que tem atualmente 6.328 habitantes. Criado em 10 de agosto de 2005, com sede administrativa na cidade de João Teves. É nesse município que fica localizado o ponto mais alto da ilha, o Pico de Antônia com 1.392 metros. Com apenas um Liceu para atender a sua população residente, a Escola Secundária Luciano Garcia, foi criada no ano de 2008, com as séries do sétimo ao décimo segundo ano. Em relação ao ensino superior, no município tem alguns centros de formação profissional e um campus da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV) denominado de Escola de Ciências Agrárias e Ambientais (ECAA), criado em 2011.

Figura 09: Localização de São Lourenço dos Órgãos



Fonte: INE (2022)

Figura 10: Escola Secundária Luciano Garcia



Fonte: INFORPRESS¹⁶

Devido a sua localização na parte central da ilha, São Lourenço dos Órgãos é um município estratégico que junto com o município de São Domingos (ao sul) e São Salvador do Mundo (ao norte) ligam os dois maiores municípios da ilha de Santiago em termos populacionais, Praia e Santa Catarina, tendo uma mobilidade contínua entre essas cidades.

Santa Catarina, por sua vez, tem aproximadamente 37.472 habitantes, é o segundo maior município da ilha de Santiago, sendo o principal centro urbano da região norte da ilha. Conhecido como o berço cultural de Santiago, por preservar várias manifestações culturais da ilha, como, por exemplo, o batuque, *finason*, tabanca, entre outros. No município estão instalados alguns centros de ensino como a Universidade de Santiago (US), a Escola de Formação Técnica, o Liceu Amílcar Cabral, um campus da Uni-CV e uma unidade do Centro de Emprego e Formação de Profissional (IEFP). Além disso, Assomada (cidade do município de Santa Catarina) é conhecida por ser uma cidade comercial, recebendo feirantes e clientes de toda região central e do norte da ilha, principalmente nas quartas-feiras e sábados, conhecidos como os dias de feira nessa cidade.

O Liceu Amílcar Cabral é uma das mais importantes instituições de ensino da ilha de Santiago, recebendo aproximadamente 4.565 estudantes. O ensino ocorre do quinto ao décimo segundo ano, este liceu é a instituição escolar que tem o maior número de estudantes do país. Criado em 1985, com o nome de Liceu Santa Catarina, em 2005, passou a ser chamado Liceu Amílcar Cabral em homenagem ao idealizador da independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde, Amílcar Cabral.

Figura 11: Localização de Santa Catarina



¹⁶ Disponível em: <https://inforpress.cv/escola-secundaria-luciano-garcia-liceu-orgaos-1/>.

Fonte: INE (2021)

Figura 12: Liceu Amílcar Cabral



Fonte: INFORPRESS¹⁷

4.2 CORPUS AMÁLIA MELO LOPES (2011)

O *corpus* de Lopes (2011) é composto por uma amostra com participantes das nove ilhas habitadas de Cabo Verde, considerando dois grupos sociais diferentes, com habitantes das ilhas de Barlavento e Sotavento. A autora optou por realizar um recorte que representasse a comunidade caboverdiana estatisticamente jovem¹⁸ e representativa dos líderes. Dividida em duas unidades: alunos do ensino secundário (com idades entre 13/14 e 18/19 anos) e adultos (com mais de 28 anos de idade) que possuíam uma ocupação profissional/de trabalho e que utilizassem a língua nesses espaços. Esses adultos foram divididos em dois grupos, um com professores de português do Ensino Secundário e o outro com “intelectuais, artistas, políticos e profissionais liberais (tais como jornalistas, advogados e médicos)”. A este subgrupo de personalidades públicas, por vezes com forte impacto social, convencionámos chamar “líderes” (LOPES, 2011, p. 63-64).

Lopes (2011) escolheu a seleção dessas amostras com a justificativa de que a população jovem é considerada a idade/fase média da população de Cabo Verde. Já os falantes adultos que foram divididos em dois grupos o primeiro são compostos pelos professores de língua

¹⁷ Disponível em: <https://inforpress.cv/santa-catarina-liceu-amilcar-cabral-celebra-aniversario-e-mantem-vivo-sonho-de-ter-edificio-totalmente-reabilitado/>

¹⁸ Esse grupo não foi considerado para a presente pesquisa, pois optamos por seguir uma análise oral do português caboverdiano, uma vez que os jovens foram inquiridos apenas por questionário. E pelo fato do *corpus* de Veloso (2018) já constar uma amostra oral significativa (para o presente trabalho) da população jovem, por esse motivo não iremos apresentar os detalhes da amostra de jovens analisada por Lopes (2011), para mais especificidades ler a tese da autora supracitada.

portuguesa do Ensino Secundário que foram escolhidos, de acordo com a autora, com o intuito de avaliar a proficiência desses professores na língua de ensino e no modelo linguístico que eles proporcionam aos estudantes (*input*) e validar a hipótese de que “o nível de conhecimentos linguísticos ter consequências directas no sucesso ou no fracasso escolar, em geral” (LOPES, 2011, p. 66).

O segundo grupo são os “líderes” que se caracterizam por terem uma diversidade de relações sociais, ou seja, possuem diferentes contatos e, por isso, normalmente utilizam as duas línguas (cabo-verdiano e português) no exercício das suas atividades, além de fazerem parte do grupo de prestígio (pelo perfil social), representam o modelo (social e linguístico) para a população mais jovem, são formadores de opinião. Por esse motivo, as “suas escolhas linguísticas e a sua visão sobre a situação linguística actual e a desejável, no futuro, trazem indicações importantes sobre as tendências que se anunciam, em termos de papel social das línguas e de política linguística” (LOPES, 2011, p. 66).

Lopes (2011) fez entrevistas semi-dirigidas com uma duração média de uma hora cada. Com o intuito de recolher amostras que retratassem a realidade social de Cabo Verde, a pesquisadora teve acesso à fala espontânea utilizada e, com isso, “fazer uma avaliação dos modelos linguísticos a que os jovens estão expostos, quer com origem em falantes com grande prestígio público, quer em falantes que, sendo professores, constituem um modelo intenso e prolongado no tempo” (LOPES, 2011, p. 69).

Foram realizadas um total de 53 perguntas para cada um dos 29 entrevistados, que foram divididas de acordo com os seguintes tópicos: perfil linguístico, estrutura da rede social, uso das línguas e atitudes (no caso dos professores, as perguntas eram específicas). As 29 entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora, 13 dessas entrevistas foram gravadas entre os anos de 2005 e 2006 e as outras 16 entrevistas foram gravadas entre os anos de 2006 e 2007. Dos 29 entrevistados 15 pessoas são “líderes” e 14 são professores. Todos os entrevistados trabalham e residem na cidade da Praia, capital do país.

De acordo com Lopes (2011), a opinião do grupo dos líderes a respeito da política linguística, tem um grande impacto na opinião pública, desse modo, foram realizadas entrevistas com pessoas que tinham diferentes opiniões sobre o assunto, com o intuito de evidenciar as principais discussões que predominavam em Cabo Verde.

Esse grupo é composto por 12 pessoas do sexo masculino e 3 do sexo feminino. Do total de 15 entrevistados, 7 nasceram em uma das ilhas de Barlavento e 8 nas de Sotavento; 4 tem entre 40 e 50 anos de idade, 8, tem entre 51 e 60 anos de idades, 2 tem entre 61 e 70 anos de idade e 1 tem 81 anos de idade; 12 fizeram curso superior em Portugal

(com 3 exceções: um com formação secundária e superior obtida em diferentes países da CPLP, e 2 outros, noutros países europeus); dos 3 informantes sem formação superior, um completou o ensino secundário, outro tem formação média e o último, formação profissional; todos eles visitam Portugal com alguma regularidade, por razões de trabalho ou em férias, pelo que as suas redes sociais se estendem a Portugal e o contacto com a variedade europeia do português é frequente (LOPES, 2011, p. 80).

O segundo grupo é composto por 14 professores de português, que são divididos em 2 professores para cada uma das 7 escolas da cidade da Praia. Desses, 8 são do sexo feminino e 6 do sexo masculino; 5 professores tem a idade entre 20 e 30 anos e 9 tem entre 40 e 50 anos de idade; 9 professores nasceram em alguma das ilhas de Sotavento e 4 nas de Barlavento, um dos professores tem outra naturalidade, mas cresceu (viveu a maior parte da vida) em uma das ilhas de Sotavento; todos os 14 professores têm nível superior em ensino do português, 7 com bacharelato e 7 com licenciatura (umas dessas licenciaturas foi realizada na cidade de Lisboa).

Em relação à ida desses professores para Portugal:

2 professores viveram por um ano em Portugal, um deles quando criança e, depois, por um mês, no Curso de Verão de LP do Instituto Camões; 2 outros frequentaram esse mesmo curso; 1 esteve cerca de seis meses em tratamento médico em Lisboa; 5 estiveram algumas vezes em Portugal, de férias, por períodos entre 15 e 30 dias; 4 nunca estiveram em Portugal (LOPES, 2011, p. 81-82).

As entrevistas foram gravadas em formato mp3 e foram anexadas em um ambiente Windows, que proporcionou o tratamento dos áudios. Essas entrevistas foram transcritas para o computador, depois de diversas revisões para que garantisse a máxima fidelidade dos dados. As normas que foram utilizadas para a transcrição das entrevistas seguiram adaptações do modelo proposto por Marcuschi (1986), como podemos observar a seguir:

"::", para alongamento de vogal e consoante, com justaposição de dois pontos ou vários ao segmento alongado; aspas, para citação do discurso de outrem; maiúsculas, para entoação enfática; "(?)" para indicar fragmento incompreensível; "(())", para assinalar inserção de comentário do pesquisador; "...", para silêncio; para as pausas, consoante a sua duração, "-" (pausa breve) e "--" (pausa longa); para pausa de fim de fala, usa-se "/"; utiliza-se, ainda, a separação de sílabas com hífen, para traduzir a "silabação" deliberada de algumas palavras, por certos informantes (LOPES, 2011, p.83).

A autora não disponibiliza a ficha de identificação dos entrevistados devido ao compromisso de anonimato estabelecido e assinado no momento das entrevistas. Lopes também retira das transcrições todas as partes que possibilita a identificação dos entrevistados, não comprometendo a análise do conteúdo das entrevistas.

Portanto, foi possível observarmos que Lopes (2011) priorizou evidenciar em seu *corpus* a realidade social através de duas perspectivas diferentes conforme a idade e os papéis que esses indivíduos ocupam dentro da sociedade cabo-verdiana. E assim confrontar essas perspectivas sobre o comportamento linguístico e as atitudes perante as línguas faladas no arquipélago.

A tese de Lopes (2011) analisa o português de Cabo Verde, tendo como objetivo fazer uma radiografia sociolinguística do arquipélago, com dados de falantes das nove ilhas, além de fazer uma análise dos aspectos sintáticos dos participantes que têm o ensino superior, sendo, segundo a autora uma contribuição modesta da variedade culta do PCV. Essa tese é uma importante contribuição (nada modesta) para a população cabo-verdiana e também para os que se interessam em estudar o português de Cabo Verde.¹⁹

A escolha desse *corpus* para o presente trabalho se deu pela diversidade de pessoas que o compunha, por serem adultos que têm uma ocupação profissional, com diferentes idades, com uma relação social variada e ter uma certa influência/importância na sociedade cabo-verdiana. Além disso, fazem parte do grupo de prestígio, pois a forma como falam é vista como a “mais correta”. Por fim, esse é diferente do segundo *corpus* escolhido para análise, possibilitando uma análise comparativa dos marcadores que foram encontrados.

Segue uma parte retirada da amostra em que conseguimos identificar algum marcador discursivo:

(03)

AML: Diga-me uma coisa... o que é que acha que exprime... de um modo geral, acha que exprime melhor as suas ideias em crioulo ou em português?

INF8: olhe - eu - para ser franco - eu acho que hoje em dia exprimo indiferentemente as minhas ideias - os meus pensamentos em crioulo... tanto em crioulo como em português -- naturalmente que o meu crioulo - como o crioulo de da maioria de nós - chamado da... de alguma elite literária ou intelectual...

(CORPUS LOPES, 2011, p. 296).

4.3 CORPUS VELOSO (2018)

Com base nos trabalhos que se debruçaram na análise dos MDs que foram revisados na seção anterior, percebemos que não é necessário realizar entrevistas longas para encontrar os marcadores na fala dos participantes. Assim, como é sabido, todos os falantes ao se

¹⁹ Cabe reforçar que não se trata de um trabalho que objetiva estudar os MDs.

comunicarem utilizam algum marcador discursivo para auxiliar no entendimento e na construção do seu discurso.

A coleta de dados do *corpus* de Veloso (2018) foi feita através da metodologia de base etnográfica, ou seja, fundamentando-se em uma pesquisa de campo, realização de entrevistas para apreensão dos dados de fala e a identificação dos MDs, a partir de um recorte específico de um grupo social, ou seja, estudantes caboverdianos.

A pesquisa em campo foi articulada pelo Acordo de Cooperação e Mobilidade Discente entre duas instituições de ensino superior: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e a Universidade de Santiago (US). Realizamos um total de 57 gravações, somando 10 horas, que estão divididas entre 47 entrevistas individuais, nove gravações de aulas e uma entrevista em grupo, em duas instituições de ensino da ilha de Santiago, a Escola Secundária Luciano Garcia e o Liceu Amílcar Cabral, em fevereiro e março de 2018.

A escolha dessas instituições de ensino se deu principalmente pela localização, próximas ao local em que a pesquisadora estava hospedada (acolhida), facilitando o deslocamento para ambas as instituições. Quanto à escolha da Escola Secundária Luciano Garcia, é importante destacar a disponibilidade do diretor, o falecido professor Casimiro, em cooperar com a pesquisa, desde o primeiro contato por e-mail. Quanto à escolha do Liceu Amílcar Cabral se deu também pela indicação do professor da US, Dr. Luís Rodrigues que mantém relações institucionais com a direção do referido colégio.

Antes de realizar a coleta dos dados, reunimo-nos com os diretores das escolas, e, logo em seguida, foi necessário conversarmos com os professores para que eles soubessem qual era o objetivo do trabalho e autorizassem a observação e as gravações das aulas²⁰, para só depois iniciar as entrevistas com os alunos. Os estudantes foram escolhidos de forma aleatória, de acordo com a disponibilidade de cada um. As gravações eram realizadas sempre nos intervalos das aulas para que não comprometesse o ensino dos conteúdos das aulas e desempenho escolar dos alunos

As entrevistas têm uma duração média entre 2 e 18 minutos, foram gravadas nas salas e pátios das duas instituições, com alunos das 10^a, 11^a e 12^a classes (que corresponde às três últimas classes do Ensino Médio no Brasil), com idades entre 16 e 19 anos. A escolha desses

²⁰ Só foram gravadas e observadas as aulas na Escola Secundária Luciano Garcia.

estudantes se deu pela faixa etária²¹, a grande maioria era adolescente, eles tinham uma maior facilidade em interagir e falar de diferentes assuntos.

Essas entrevistas foram sobre perguntas básicas, a respeito do cotidiano dos estudantes, local onde morava, o que costumava fazer nas horas vagas, se gostava de ler (caso a resposta fosse afirmativa perguntava qual era a história do livro), idade, o que pretendia fazer quando terminasse o Ensino Secundário, se gostava de assistir filmes (caso a resposta fosse afirmativa perguntava qual era a história do filme), filiação, e sobre Cabo Verde (as músicas antigas e atuais, os principais pontos turísticos, a oficialização da língua portuguesa etc).

Ao fazer essas perguntas, tivemos como objetivo fazê-los utilizar a língua com maior espontaneidade e do mesmo modo que usam quando não estão sendo observados, embora a grande maioria dos entrevistados utilizem a LCV no seu cotidiano, com isso conseguimos superar o paradoxo do observador. Esse tipo de metodologia de entrevista é caracterizado como aquele que o entrevistador estimula o entrevistado a produzir predominantemente sequências narrativas (pessoal e recontada) e descritivas (de lugar e procedimento). Intermediada por sequências dissertativas (de opinião e argumentação) a respeito de diversos assuntos (KNIES; COSTA, 1996, *apud* ROST SNICHELOTTO, 2014, p. 226).

A recolha de dados foi feita pela própria pesquisadora, utilizando o gravador de áudio de um celular Android, modelo Motorola (Moto G5S). Em consequência da baixa qualidade do gravador utilizado e os locais que foram realizadas as entrevistas, algumas gravações foram comprometidas apresentando muitos ruídos externos, impossibilitando a compreensão de alguns trechos e, por esse motivo foram descartadas. Constatamos que, como não tínhamos acesso a um microfone e a um gravador (digital ou analógico) a qualidade dos dados foi reduzida.

O modelo escolhido para a realização da transcrição dos dados foi o ortográfico, não dando enfoque para outros aspectos da língua, como por exemplo o fonético, e de acordo com a escrita do PB e da LCV (com o auxílio do ALUPEC). Além disso, seguimos algumas normas para a transcrição, conforme os apontamentos de Castilho e Preti (1987) e Preti (2001), que é a mesma utilizada pelo Projeto Nurc/SP (CASTILHO, 2015, p. 24).

Quadro 01: Modelo de transcrição

²¹ No período de observação na Escola Secundária Luciano Garcia conversamos com alguns estudantes de 12, 13 e 14 anos de idade, mas percebemos a inviabilidade de ter uma conversa mais longa/espontânea, pois esses estudantes sempre davam respostas mais curtas, afirmando ou negando as perguntas com frases curtas, muitas vezes utilizando gestos.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	<i>...do nível de renda... () nível de renda nominal...</i>
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	<i>(estou) meio preocupado (com o gravador)</i>
Truncamento	/	<i>e comé/ e reinicia</i>
Entoação enfática	maiúsculas	<i>porque as pessoas re TÊM moeda</i>
Alongamento de vogal ou das consoantes [r], [s]	:: ou :::	<i>ao emprestarem os... éh:: o dinheiro</i>
Silabação	-	<i>por motivo de tran-sa-ção</i>
Interrogação	?	<i>o Banco Central... certo?</i>
Qualquer pausa	...	<i>são três motivos... ou três razões</i>
Comentários descritivos	((minúsculas))	<i>((tossiu))</i>
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos	“ ”	<i>Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falando em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...</i>

Fonte: Castilho e Preti (orgs., 1987, p. 9-10)

Realizada as transcrições, foram selecionadas as partes das entrevistas em que apareciam os MDs, para, em seguida, descrevê-los de acordo com as suas funções. Segue o trecho de uma das entrevistas em que é possível observar dois MDs:

(04)

ESV: o que você vai fazer quando você sair daqui? e o que você gosta de fazer nas horas vagas? o time que você torce? me fale um pouco da sua vida/

AL11: **bom**:: ... eu chamo D. tenho 17 anos ... moro em ... Achada Riba **ahn**:: eu **ahn**:: estudo décimo segundo turma mais propriamente na turma 74 **ahn**:: **bom** eu ainda não tenho assim não sei bem o que vou fazer mas acho que está relacionado com a área de biologia **ahn**:: eu torço pelo Benfica Barcelona também são os meus dois times de coração a:: seleção eu torço pela Argentina e também minha seleção de Cabo Verde ohh acho que é só.. o que mais?

(CORPUS VELOSO, 2018, p.)

4.4 DELIMITAÇÃO DOS DADOS E VARIÁVEIS CONSIDERADAS

Sabemos da importância em seguir as normas éticas no processo de coleta de dados (e não somente nesse processo), principalmente quando se trata de dados de fala oral em que ocorre um contato direto com pessoas de diferentes comunidades. Por esse motivo, essa

pesquisa seguiu todas as recomendações estabelecidas conforme requisitos e diretrizes estipulados na Resolução CNS 466/2012 e toda a regulamentação complementar relativa à ética em pesquisa que envolva seres humanos. Nesse sentido, frisamos que o projeto desta dissertação foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da UEFS.

Depois de fazermos uma apresentação dos *corpora* que iremos utilizar para fazer a análise dos MDs vamos especificar como foi realizada a delimitação desses dados e as variáveis consideradas. A constituição das amostras de fala que analisamos neste trabalho são as transcrições de 08 entrevistas do *corpus* de Lopes (2011) e 26 entrevistas do *corpus* de Veloso (2018), que, como apresentamos anteriormente, foram gravadas em três cidades diferentes: Praia, São Lourenço dos Órgãos e Assomada, localizadas na ilha de Santiago em Cabo Verde.

A escolha dos indivíduos do *corpus* de Lopes (2011) se deu pelos seguintes motivos: primeiro foi definido que ia ser analisadas somente as entrevistas com pessoas que nasceram e que vivem na ilha de Santiago, no sentido de fortalecer a dimensão comparativa com os dados do *corpus* de Veloso (2018), no qual os indivíduos também nasceram e são residentes dessa ilha; segundo delimitamos o número de oito entrevistas para serem analisadas, pressupondo um certo equilíbrio dessas entrevistas que têm em média uma hora de gravação com as 26 entrevistas que têm em média dezoito minutos do *corpus* de Veloso (2018). Apesar do fator sexo/gênero não ter sido colocado como um fator de análise na presente pesquisa, na escolha das entrevistas de Lopes (2011), fizemos uma divisão igualitária com 4 indivíduos do sexo/gênero masculino e 4 do sexo/gênero feminino.

Ressaltamos que não temos o intuito de fazer uma análise quantitativa/estatística aos moldes da Sociolinguística Variacionista, fazendo a codificação dos dados. Com isso, não iremos rodar os dados em nenhum sistema computacional, como por exemplo, o GoldVarb X.

Priorizamos analisar somente as entrevistas entre documentador e entrevistados, totalizando 34 transcrições. Optamos por analisar se existe diferença no uso dos MDs de acordo com a função ocupacional dos três grupos, o primeiro grupo são os jovens estudantes, com os dados retirados de Veloso (2018) e o segundo são os professores e o terceiro são os políticos, com os dados retirados de Lopes (2011).

Como todos os participantes adultos entrevistados têm um emprego, utilizam o PCV com mais frequência e a maior parte desse uso ocorre no ambiente de trabalho, acreditamos que esse grupo se destaca como o grupo de prestígio na comunidade caboverdiana. Como foi abordado na primeira seção deste trabalho, a língua portuguesa era e continua sendo utilizada predominantemente nos espaços oficiais/formais, nos lugares de destaque, por se tratar de uma população adulta o uso desta língua reflete no seu status social.

Selecionamos, neste trabalho, para serem descritos somente os marcadores que possuem a função de interacionais, pois descrever MDs com outras funções poderia se tornar um trabalho extenso perante os prazos para a finalização deste estudo, e, por conseguinte, comprometer a análise do fenômeno. Por esse motivo, o primeiro passo foi fazer uma identificação dos MDs basicamente orientadores da interação, fazendo uma seleção inicial desses elementos em todo os *corpora*. Como podemos observar no exemplo a seguir:

(05)

ESV: O que você faz nas horas vagas e que lugares você me aconselha pra visitar?

AL01: hmm ... só dentro de país?

(CORPUS VELOSO, 2018, p.117)

(06)

AML: Por exemplo, com os amigos e familiares já me disse que fala em crioulo, e com colegas...

INF3: mhmm mhmm

AML: Mas, por exemplo, digamos, com autoridades escolhe falar o crioulo ou o português, se se dirige a pessoas instruídas ou não, falantes de outras línguas...?

INF3: bom -- evidentemente falantes de outras línguas - se ele não dominar a língua - eu pergunto qual é a língua que ele fala [...]

(CORPUS LOPES, 2011, p. 218).

Para isso, baseamo-nos no núcleo-piloto definidor dos MDs prototípicos proposto por Risso, Silva e Urbano (2015), que são exteriores ao conteúdo proposicional, sintaticamente independentes e comunicativamente não autônomos. Como podemos observar nos exemplos (05) e (06) acima, os MDs destacados têm os três traços definidores e apresentam a função de basicamente orientadores da interação. O exemplo (05) o marcador aparece no início do enunciado e logo após uma pergunta, mostrando que o falante não tinha certeza sobre o que foi perguntado, fazendo uma pergunta logo após utilizar o marcador discursivo, exercendo a função de retardar o enunciado. No exemplo (06), o marcador aparece sozinho no enunciado, desempenhando a função de *feedbacks*, pois está concordando com o que foi dito na fala da pesquisadora, mas continuando como ouvinte no diálogo.

Por optarmos em analisar somente os MDs interacionais, tomamos como base o conceito de interação que se refere não somente ao processo comunicativo entre duas pessoas ou mais, mas também ao processo de manifestação pessoal. Um exemplo desse processo é quando “o falante verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais, envolvendo-se, pois, com o conteúdo, ou compromete, retoricamente, seu interlocutor” (URBANO, 2015, p. 454).

Ao entendermos o texto como algo sociocomunicativo que toma forma de acordo e no momento da interação, percebemos que todos os elementos textuais (incluímos aqui os MDs), terão a função de orientadores da interação, mesmo que esse traço não seja forte (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 375). Frisamos que é muito raro um marcador discursivo desempenhar exclusivamente uma função, por se tratar de um elemento que se molda de acordo com a dinâmica das relações textuais.

Um elemento é basicamente orientador da interação ao desempenhar a função de orientar na comunicação entre falante e ouvinte, na procura de certa aprovação do que está sendo dito, como por exemplo “*entendeu?*” e “*certo?*”, ou através de um acompanhamento da fala do indivíduo, mostrando que está prestando atenção em tudo que o outro fala, como por exemplo o marcador “*uhn uhn*”. Outro exemplo de marcador é “*digamos*” que evidencia o envolvimento interpessoal, na maioria das vezes esses marcadores podem corresponder a automonitoramento (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 375).

Desse modo, os MDs interacionais são elementos multifuncionais que surgem no momento em que o falante elabora o seu enunciado, ou seja, na fala em interação sendo responsáveis por planejar, manter e organizar a interação entre os interlocutores na construção do comentário, no processo de interação (FREITAG; SILVA; EVANGELISTA, 2017).

Ao afirmarmos que iremos considerar o núcleo-piloto definidor para selecionar os MDs no presente trabalho, tomamos como base Silva, Risso e Urbano (2015), que apresentam três traços básicos. O primeiro traço é que os MDs são exteriores ao conteúdo proposicional, ou seja, são elementos que não necessariamente contribuem para o conteúdo que está sendo proferido, mas contribuem “para a sua modalização e para o seu movimento organizacional, ao inscreverem nele condições ou circunstâncias variadas” (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 377).

O segundo traço é a independência sintática com o intuito de observar se os MDs desempenham algum tipo de (característica com) função essencial, em conformidade com a gramática tradicional, na estruturação gramatical da oração. O terceiro e último traço é a falta de autossuficiência comunicativa, ou seja, os MDs são elementos que não conseguem constituir enunciados proposicionais sozinhos.

Como destacamos, os MDs fazem parte do enunciado e não do conteúdo em si, mas são fundamentais para o pragmatismo do conteúdo abordado ao serem responsáveis pelas atitudes em relação ao que está sendo abordado pelo interlocutor, “a checagem de atenção do ouvinte para a mensagem transmitida, a orientação que o falante imprime a natureza do elo sequencial entre os elementos textuais (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 389).

Com o intuito de descrever os MDs interacionais e perceber se o seu uso decorre de acordo com o contexto que está sendo utilizado e a escolha de cada elemento conforme o grupo de jovens e adultos, esperamos encontrar algumas especificações. Como dissemos no início desta seção, o principal interesse da Sociolinguística são as regras variáveis da língua, que é quando os falantes de uma comunidade de fala utilizam a língua de acordo com os contextos: social, linguístico e estilístico. As variantes são formas utilizadas que apresentam o mesmo significado referencial/representacional, concorrem nos sistemas linguísticos no mesmo contexto dentro da comunidade de fala (COELHO et al., 2015, p. 60).

O fenômeno linguístico em análise são os MDs interacionais e as variantes são os diferentes marcadores encontrados que desempenham esta função de acordo com os seguintes fatores linguísticos: função textual-interativa e posição na frase e o fator extralinguístico: ocupação social. Realizamos uma análise descritiva dos MDs interacionais considerando esse grupo de fatores.

Com isso, os três grupos de fatores que consideramos na análise dos MDs interacionais são: (i) função textual-interativa: fático de natureza imperativa e entonação exclamativa, fático de natureza ou entonação interrogativa, *feedbacks* e início de respostas/comentários; (ii) posição na frase: sozinho, início, meio e final e (iii) função social: estudantes, professores e políticos. Ao selecionarmos esses condicionadores internos e externos no uso dos MDs interacionais, estamos tentando comprovar a sistematicidade da variação.

Depois de delimitado os condicionadores, vamos especificar cada um. Na função textual-interativa, foram observados os seguintes traços: (a) **fático de natureza imperativa e entonação exclamativa**, são os marcadores utilizados pelo falante para chamar a atenção do ouvinte, como os MDs “*olha!*” e “*veja!*”; (b) **fático de natureza ou entonação interrogativa**, podem ser produzidos após dois tipos de enunciados: o declarativo e o interrogativo. O primeiro aparece normalmente após o interlocutor produzir um enunciado afirmativo (uma declaração), um exemplo são os marcadores “*né?*” e “*certo?*”, o segundo aparece após o interlocutor construir um enunciado interrogativo (normalmente depois de perguntas retóricas ou não), um exemplo é o marcador “*ãh?*” e “*hein?*”; (c) ***feedbacks*** geralmente são produzidos pelo ouvinte em duas circunstâncias: “isoladamente, retroalimentando o falante e mantendo-o no seu papel discursivo, e no início do turno do ouvinte, possibilitando a este assumir o papel de falante” (URBANO, 2015, p. 454), um exemplo são os marcadores “*uhn uhn*” e “*certo*” e (d) **retardador de resposta/comentário**, são os marcadores responsáveis para que o falante ganhe tempo para formular o enunciado, utilizados para tomar o turno da fala, como o marcador discursivo “*ah*”.

Ao considerarmos a posição na frase como um traço importante para identificar os MDs no PCV, tomamos como frase oral como “uma unidade comunicativa entonacionalmente delimitada e segmentada conforme os propósitos do falante e/ou as condições discursivas da produção coletiva do texto” (URBANO, 2015, p. 456). Dessa forma, observamos a posição dos MDs nas construções do texto, se eles aparecem sozinhos, no início, no meio, ou no final dos enunciados.

A função social dos interlocutores é um dos fatores analisados por acreditarmos que o uso dos MDs pode ser diferente entre os estudantes, professores e políticos, por se tratar de indivíduos com diversas ocupações, eles ocupam papéis totalmente diferentes na sociedade cabo-verdiana, com isso, frequentam esferas sociais diferentes. O primeiro é composto por jovens e o segundo por adultos (professores e políticos) que fazem uso do PCV constantemente no ambiente de trabalho, sendo este o grupo que ocupa um lugar de prestígio por utilizarem a norma culta da língua. Além de constatarmos que os MDs normalmente são estigmatizados na sociedade e nos livros didáticos de Cabo Verde.

Embora a faixa etária não tenha sido considerada pelo estudo em análise, pressupomos que pessoas de diferentes idades usam a linguagem de maneira diferente, pois, além de outros fatores, estão em diferentes estágios de suas vidas, ou seja, usam a fala de acordo com a sua faixa etária. Essa classificação observa que, à medida que as pessoas envelhecem, a utilização de certas falas pode diminuir ou desaparecer completamente, com exceção de alguns casos que podem surgir novos usos no decorrer da velhice. Como, por exemplo, os adolescentes que tendem a utilizar mais gírias, palavrões, mas normalmente no decorrer do tempo quando passam para a fase adulta a utilização desses termos acaba diminuindo (TAGLIAMONTE, 2012). Por esse motivo, é esperado que os adultos utilizem com menos frequência os MDs comparado aos jovens estudantes.

Resumindo, estamos utilizando a Sociolinguística por acreditarmos que não é possível analisar uma língua sem levar em consideração o contexto em que ela está inserida, ou seja, a comunidade de fala. Por essa razão a análise descritiva dos MDs foi realizada de acordo com os fatores internos e externos da língua. Apresentados os processos metodológicos utilizados no presente trabalho, na seção seguinte, passaremos para a análise e discussão dos dados.

5. ANÁLISE DOS MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NO PORTUGUÊS FALADO EM CABO VERDE

Nesta seção, em que apresentamos os resultados obtidos na análise dos dados, há quatro subseções. A subdivisão foi feita da seguinte forma: no primeiro tópico, serão expostos e analisados os MDs interacionais encontrados nas 26 entrevistas nos dados de Veloso (2018) e, em seguida, analisaremos os MDs interacionais encontrados nas 08 entrevistas no *corpus* de Lopes (2011). Identificamos os MDs interacionais encontrados de acordo com o núcleo-piloto definidor que são: exteriores ao conteúdo proposicional, sintaticamente independentes e comunicamente não autônomos (RISSO; SILVA; URBANO, 2015). Convém ressaltar que há uma certa desproporcionalidade entre os *corpora*, uma vez que as 26 entrevistas têm em média dezoito minutos de duração e as 08 entrevistas têm em média uma hora. Depois, realizaremos a análise comparativa dos *corpora* de acordo com os grupos de fatores sociais e linguísticos descritos na seção anterior, fazendo um breve levantamento dos MDs sequenciadores nas amostras.

5.1 MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS VELOSO (2018)

Para facilitar a análise dos MDs, elaboramos os quadros (02) e (03) e o gráfico (figura 13), nos quais trazemos todos os marcadores interacionais presentes no *corpus* de Veloso (2018), o número de ocorrências, a sua representação percentual e a posição que ocupam na frase. Julgamos que este procedimento, permite a análise detalhada de cada marcador e agrupando-os de acordo com suas funções.

Quadro 02: MDs interacionais na amostra de Veloso (2018)

Marcadores	Ocorrências	Percentual
<i>ahn</i>	185	44,90%
<i>aham</i>	3	0,73%
<i>ahh</i>	83	20,15%
<i>ãh?</i>	11	2,67%
<i>né?</i>	54	13,11%
<i>hmm</i>	54	13,11%

<i>uhum</i>	8	1,94%
<i>ya</i>	13	3,15%
<i>entendeu?</i>	1	0,24%
TOTAL	412	100%

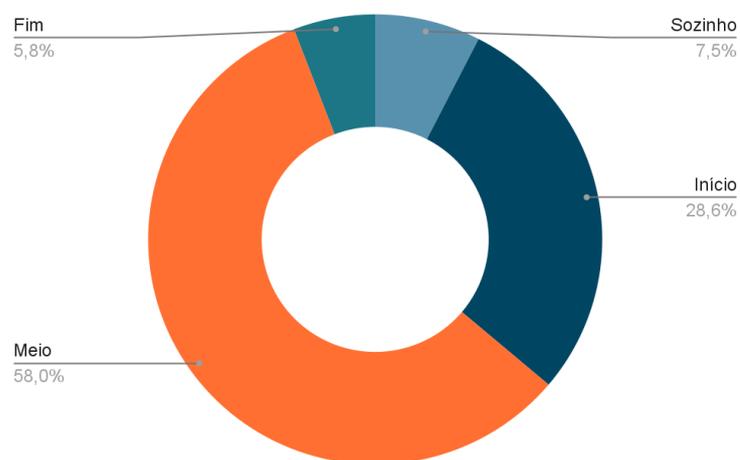
Fonte: Elaboração própria

Quadro 03: Posição na frase dos MDs na amostra Veloso (2018)

Marcadores	Sozinho	Início	Meio	Fim
<i>ahn</i>	0	41	142	2
<i>aham</i>	3	0	0	0
<i>ahh</i>	1	40	41	1
<i>ãh?</i>	10	1	0	0
<i>né?</i>	0	0	36	18
<i>hmm</i>	8	31	15	0
<i>uhum</i>	5	3	0	0
<i>ya</i>	4	2	5	2
<i>entendeu?</i>	0	0	0	1
TOTAL	31	118	239	24

Fonte: Elaboração própria

Figura 13: Gráfico com a porcentagem da posição na frase dos MDs interacionais em Veloso (2018)



Fonte: Elaboração própria

Conforme verificamos acima, nessa amostra foram encontrados 09 MDs interacionais, com um total de 412 ocorrências, o marcador “*ahn*” possui o maior número de ocorrências, correspondendo a 44,90% e o marcador “*entendeu?*” só foi utilizado uma única vez, o que corresponde a 0,24%. De acordo com a o gráfico (01), é possível analisar a posição que os MDs interacionais estão na frase: (a) sozinhos, representa 7,5% dos marcadores, (b) no início, condiz com 28,6% dos marcadores, (c) no meio, corresponde a 58% dos marcadores e (d) no fim, equivale a 5,8% dos marcadores.

5.1.1 O marcador discursivo “*ãh?*”

Do total de 11 marcadores “*ãh?*”, 10 aparecem sozinhos, desempenhando a mesma função que é fático de natureza e entonação interrogativa, na maioria dos casos aparecem depois de uma pergunta, como podemos identificar nos exemplos (07) e (08).

(07)

ESV: conta a história de quê?

AL22: *ãh?*

ESV: conta a história de quê?

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 187)

(08)

ESV: e eles ficam juntos? o que que acontece?

AL08: *ãh?*

ESV: eles ficam juntos no final?

AL08: sim eles ficam juntos e:: eles ficam juntos é:: tipo:: foi muito *fixe* ahn basta (não gosto de falar de filme) ((risos))

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 140)

Também podem ser utilizados após um enunciado declarativo, como nos exemplos (09) e (10).

(09)

AL18: quantos anos você está aqui?

ESV: tem algumas semanas

AL18: *ãh?*

ESV: tem algumas semanas que eu tô aqui

AL18: *ÃH?*

ESV: é

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 174)

(10)

ESV: me conte um pouco a história

AL07: ãh?

ESV: me conte um pouco a história desse livro

AL07: e:: esse livro fala sobre o porco.. e:: fala sobre o porco e os miúdos que e apegaram muito ao porco e:: eles tinham o porco como animal de estimação como um irmão e:: não queriam que o pai matasse o porco

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 135-136)

Um marcador apareceu no início da frase, desempenhando também a mesma função, ao estar acompanhado por uma pausa a estudante teve tempo para formular a resposta da pergunta que foi realizada anteriormente. Como podemos observar no exemplo (11).

(11)

ESV: e se transformam em zumbi também?

AL09: ãh? ... sim sim é outro transforma depois aqueles que sobreviveram vão matar eles

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 142)

No exemplo (07), o marcador foi utilizado após uma pergunta, pois o estudante não compreendeu/escutou o que foi perguntado para ele, com isso a pesquisadora precisou repetir o enunciado, assim como no exemplo (08). Do mesmo modo, ocorre nos exemplos (09) e (10). No entanto, como podemos observar no exemplo (09), a segunda vez que o marcador “ãh?” surge com entoação enfática, e com isso, percebemos que esse marcador é utilizado para uma expressão de surpresa, como se o aluno dissesse que não acreditava que a pesquisadora teria poucos dias no país. Já no exemplo (11), por aparecer no início da frase, compreendemos que a estudante ao utilizar o marcador, porque não compreendeu o que foi dito e precisou de um tempo para que, logo em seguida, formulasse o seu enunciado.

5.1.2 O marcador discursivo “ahh”

Do total de 83 marcadores “ahh”, 40 aparecem no início da frase, desempenhando o papel de pausa, com o intuito de formular o que foi perguntado anteriormente, sempre acompanhado de um pequeno espaço de tempo para que o falante comece a elaborar a sua frase, ou seja, uma tentativa de retardar o início das respostas ou comentários, sendo esses os que aparecem em maior número, como nos exemplos (12) e (13).

(12)

AL02: aqui em Cabo Verde?

ESV: uhum

AL02: ahh.. eu gosto de ir pra Cidade Velha tem Monte Tchota e:: gosto de ir pras praias:: e gostaria que você fosse pra aquelas lugares desertos () ((risos))

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 121)

(13)

AL05: ahh.. a senhora é caboverdiana ou..

ESV: brasileira

AL05: porque a senhora tem um::

ESV: aparência de caboverdiana

AL05: sim

ESV: todo mundo fala que sou caboverdiana nos lugares que vou ((risos))

AL05: ahh.. sua família tipo raça mestiço

ESV: não é brasileiro mesmo

AL05: ahh.. bom... ok

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 131-132)

Os 41 marcadores que aparecem no meio da frase, estão retardando também o discurso, como se o falante estivesse escolhendo ou tentando lembrar-se de fatos que completem a frase que está simultaneamente sendo elaborada. Como podemos perceber no exemplo (14):

(14)

ESV: me fala do último filme que você assistiu que você gostou muito

AL18: ai eu gostei de João e Maria: caçadores de bruxa.. e:: também tem série que eu gosto que (scocan) é muito *fixe*... tem também... e:: Paixões sem limite um e dois é muito romântico gosto dessas cenas... e:: xô ver... Amigo do gigante também é muito *fixe*... são esses mais que eu gosto... ahh.. e:: como se diz? aí já esqueci o nome do filme é mais muito *fixe*... esqueci

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 171)

5.1.3 Os marcadores discursivos “*aham*” e “*uhum*”

Os 3 marcadores “*aham*” e 8 marcadores “*uhum*” apareceram sozinhos ou no início do enunciado, logo após uma pergunta. Os MDs que aparecem sozinhos na frase tem o papel de consentir/confirmar o que foi dito anteriormente pelo interlocutor, como no exemplo (15):

(15)

ESV: você quer me fazer alguma pergunta?

AL08: é:: gostaria também de saber também qual é:: tipo... *kualé?* e:: gostaria de saber qual é:: tipo:: o objetivo dessa....

ESV: dessa pesquisa?

AL08: aham

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 141)

Já os MDs que estão no início do comentário, além de exprimir uma aprovação do que foi falado anteriormente, estão assumindo a função de falante, tomando para si o curso da fala. Independentemente da posição que ocupam na frase (início ou sozinhos), esses marcadores exercem a função de *feedbacks*. Como podemos constatar no exemplo (16) adiante:

(16)

ESV: é eu também acho que vou ler esse livro

AL04: uhum é eu aconselho a ti para ler porque é um texto muito muito interessante eu espero que.. eu acho que vais gostar muito e entendes melhor é só um resumo que te fiz e não te falei muitas partes.. espero que leias é de autoria de:: João Evaristo de Almeida.

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 128)

5.1.4 O marcador discursivo “né?”

É o segundo marcador que mais aparece nessa amostra, com 54 ocorrências, correspondendo a 13,11%, desse total a maior parte aparece no meio do enunciado com 36 ocorrências e os 18 marcadores estão no final da frase, ambos com a mesma função que é: fático de natureza e entonação interrogativa, que surgem após a construção de um enunciado declarativo. Esse marcador normalmente é comparado com as interrogativas *tag* (*tag questions*) que também são elementos que se posicionam após um enunciado declarativo, mas a diferença é que as interrogativas *tag* acompanham o tempo verbal da frase declarativa, isto é, elas mudam de acordo com o contexto da frase. Já os MDs são autônomos com a frase declarativa que o antecede (URBANO, 2015). Como verificamos no seguinte exemplo:

(17)

AL22: [...] ahn Djodje... dizem que Nelson Freitas é caboverdiano também canta muito bem... ahn.. música antigamente... antigamente música... música de antigamente eu não eu não eu não ahn.. eu não eu não gosto... não gosto mas ahn.. creio que é que é também que é que é uma boa música né?

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 198)

Como conseguimos observar, o estudante utilizou o marcador “né?” após um enunciado declarativo.

5.1.5 O marcador discursivo “entendeu?”

Esse marcador discursivo aparece uma única vez depois de um enunciado declarativo e, com isso, tem a função fático de natureza interrogativa, como verificamos no exemplo (18).

(18)

AL18: [...] ... então para ter esse poder eles precisavam de duas crianças.. de doze crianças cada uma nascida em um mês... janeiro fevereiro até dezembro entendeu? então e:: eles e:: para a:: vila já estava não sabia o que mais fazer para não desaparecer mais crianças então o:: o presidente daquela localidade e:: contratou João e Maria para descobrir porque que as crianças estavam a desaparecer

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 172)

No exemplo (18), conseguimos constatar que o estudante, ao utilizar esse marcador, não está fazendo uma pergunta ao ouvinte, mas sim chamando a atenção desse ouvinte para a sua fala sobre as características do filme.

5.1.6 Os marcadores discursivos “hmm” e “ahn”

O marcador “hmm” teve um total de 54 ocorrências, correspondendo a 13,11% do total dos MDs encontrados, aparecendo sozinhos, no início e no meio dos enunciados. Já o marcador “ahn” é o que mais apareceu nessa amostra com 185 ocorrências, correspondendo a 44,90% do total de marcadores interacionais encontrados, aparecendo nas três posições da frase. Normalmente, ambos os marcadores são responsáveis por iniciar uma resposta ou comentário, com o propósito do falante formular o comentário, ou reformular o que já foi dito, ou seja, são preenchedores de pausa, como observamos em seguida:

(19)

ESV: o que você faz nas horas vagas e que lugares você me aconselha pra visitar?

AL01: hmm.. só dentro de país?

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 117)

(20)

ESV: me conte um filme que você gostou muito de assistir?

AL03: hmm.. eu gosto muito de:: assistir filme de terror.. tem o it a coisa... eu gostei muito de assistir

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 123)

(21)

ESV: é:: me fale um pouco das músicas de Cabo Verde as músicas antigas e as atuais

AL14: e:: eu gosto muito das músicas antigas hmm.. as músicas de:: agora não gosto muito porque eu acho que... Cabo Verde foi um um belo e teve uma bela história no no passado

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 156)

Nos exemplos (19) e (20) acima, os marcadores aparecem no início do enunciado e após uma pergunta. No exemplo (19), observamos que o marcador foi utilizado para que a estudante ganhasse um tempo para pensar sobre as respostas das duas perguntas, e logo após o uso do marcador conseguimos perceber que uma das perguntas realizadas pela pesquisadora não foi específica e com isso a aluna pergunta se os lugares para visitar eram somente em Cabo Verde. No exemplo (20), o marcador permite que o estudante tenha um tempo para responder/escolher dos filmes que ele assistiu o que mais gostou. No exemplo (21), o marcador embora apareça no meio do enunciado, ele desempenha a mesma função, fazendo com que o estudante ganhe tempo para afirmar que ele prefere as músicas antigas do que as músicas atuais.

(22)

ESV: eles ficam juntos no final?

AL08: sim eles ficam juntos e:: eles ficam juntos é:: tipo:: foi muito *fixe* ahn.. basta (não gosto de falar de filme) ((risos))

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 140)

(23)

ESV: você quer me perguntar alguma coisa?

AL17: ahn.. ahn.. sim ahn.. nessa experiência de:: de acompanhar as aulas ahn.. ahn.. nossa escola ... é o que achaste da nossa escola? o comportamento dos nossos alunos dos professores?

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 168)

(24)

AL20: eu chamo-me X... eu tenho dezessete anos... eu estudo décimo segundo ano... área econômico social eu moro:: em Laje e:: eu gosto de:: divertir sair com os meus amigos ir pra praça... ouvir música... estilo de música que eu mais gosto são rock e:: hip-hop essas músicas... e:: o lugar que aconselho pra você visitar são Pico da Antónia onde você vai desfrutar de:: (ver o monte Vale de Pico da Antónia) conhecer as pessoas de lá... visitar a: Longueira onde tem ahn.. jardim botânico..

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 180)

Como conseguimos constatar nos exemplos acima, de (22) a (24), esses marcadores surgem acompanhados de uma pausa. No exemplo (22), conseguimos perceber que o estudante utiliza o marcador para formular o seu enunciado, para que ele tivesse tempo para finalizar sua

resposta, deixando explícito que ele não irá elencar mais nenhuma característica do filme. No exemplo (23), aparecem cinco marcadores, esse número representativo ocorre pelo fato da estudante ter que elaborar perguntas para a pesquisadora, como se fosse um fato inesperado para ela (que no momento só estava respondendo a perguntas do seu cotidiano), por isso ao utilizar os marcadores ela ganha tempo para formular a questão. No exemplo (24), percebemos que o marcador é usado para que o estudante consiga lembrar do que tem em Longueira, que é o jardim botânico.

5.1.7 O marcador discursivo “ya”

Esse marcador discursivo apareceu nas quatro posições na frase (sozinho, início, meio e final). Esse marcador desempenha a função de fático, ou seja, sinaliza e mantém aberto o canal comunicativo (RASO, 2014, p. 421, *apud* OLIVEIRA; ZANOLI; ANDRADE, 2018, p. 179). Como verificamos nos exemplos em seguida:

(25)

ESV: tem muitos pontos turísticos e eu não conheço todos os pontos turísticos de lá.. porque eu sou de um estado

AL23: ya eu sei

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 196)

(26)

AL22: [...] por exemplo na disciplina de química não há muito contato com produtos químicos também não não costu/ costumamos... a a ir para o laboratório né? laboratório talvez não.. ahn ahn laboratório ya... e:: e a nível teórico é muito bom... e:: também ahn... no ano passado no ano passado e:: ... no final do ano... ahh.. essa escola tipo um aluno que:: do décimo segundo né? fez fe/... falou foi fazer e um um concurso bolsa camões

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 188)

(27)

ESV: qual o filme que você mais gostou de assistir?

AL09: de zumbi ya

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 142)

Como observamos nos exemplos (25), (26) e (27), esse marcador aparece para reforçar ou confirmar o que está sendo dito. No exemplo (25), o marcador surge após um comentário declarativo e no início do enunciado, confirmando o que foi dito pela pesquisadora, com equivalência ao termo “sim”. Nos exemplos (26) e (27), o marcador está reforçando o que foi

dito anteriormente pelos estudantes sobre o laboratório e que o filme de zumbi foi o que a estudante mais gostou de assistir, respectivamente.

Depois de ter realizado essa breve análise dos MDs interacionais no *corpus* de Veloso (2018), conseguimos agrupá-los de acordo com as suas funções, ilustrado no quadro (04).

Quadro 04: MDs interacionais com a mesma função na amostra de Veloso (2018)

Marcadores	Funções
<i>ahn, hmm e ahh</i>	Retardador de resposta/comentário
<i>uhum e aham</i>	Feedbacks (fáticos retroalimentadores)
<i>né?, ãh? e entendeu?</i>	Fático de natureza interrogativa
<i>ya</i>	Fático de natureza confirmativa e/ou reforçador do enunciado

Fonte: Elaboração própria

Com isso, é possível destacar a frequência que os marcadores interacionais encontrados desempenham de acordo com as suas funções. Com a função de **retardador de resposta/comentário** correspondendo a maior parte da amostra, 78,16% dos dados, com os MDs “*ahn*”, “*hmm*” e “*ahh*”. Correspondendo a menor porcentagem da amostra, podemos destacar os marcadores com três funções:

- (i) a função **fática de natureza interrogativa**, que corresponde a 16,02% da amostra, com os MDs “*né?*”, “*ãh?*” e “*entendeu?*”;
- (ii) a função **fática de natureza confirmativa e/ou reforçador de enunciado**, com o marcador “*ya*” que corresponde a 3,15% da amostra;
- (iii) a função de **feedbacks**, estão os marcadores “*uhum*” e “*aham*”, que correspondem a 2,67%.

5.2 MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS LOPES (2011)

Com a finalidade de melhor analisar os MDs interacionais presente no *corpus* de Lopes (2011), apresentamos a seguir dois quadros (05) e (06) e um gráfico (figura 14) que ilustram o número de ocorrências, a porcentagem e a posição na frase dos 16 marcadores encontrados:

Quadro 05: MDs interacionais na amostra de Lopes (2011)

Marcadores	Ocorrências	Percentual
------------	-------------	------------

<i>não é?</i>	94	51,08%
<i>olhe</i>	1	0,54%
<i>olha</i>	7	3,80%
<i>a:: (ah)</i>	46	25,0%
<i>ah!</i>	12	6,53%
<i>ahn?</i>	1	0,54%
<i>ah não!</i>	2	1,09%
<i>ah é?</i>	1	0,54%
<i>mhm</i>	2	1,09%
<i>mhm mhm</i>	1	0,54
<i>não?</i>	2	1,09%
<i>está a ver?</i>	2	1,09%
<i>veja</i>	5	2,72%
<i>repare</i>	2	1,09%
<i>está a compreender?</i>	5	2,72%
<i>oh pá!</i>	1	0,54%
TOTAL	184	100%

Fonte: Elaboração própria

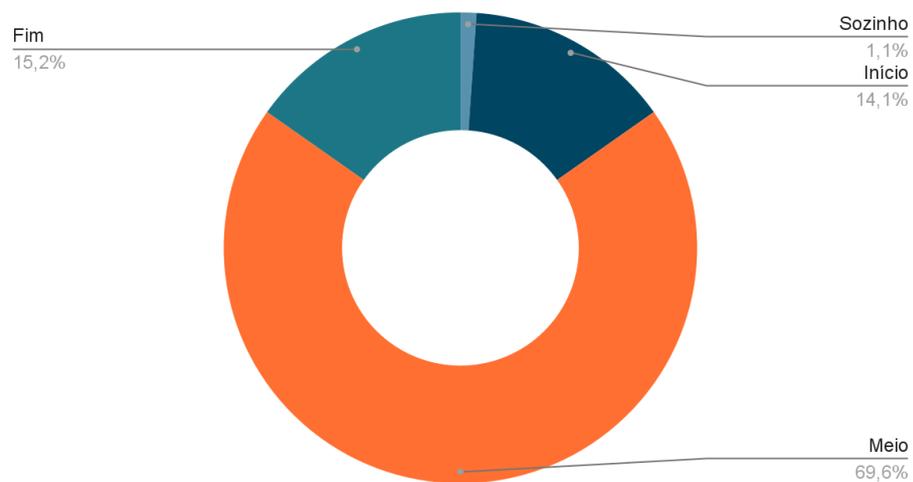
Quadro 06: Posição na frase dos MDs interacionais na amostra de Lopes (2011)

Marcadores	Sozinho	Início	Meio	Fim
<i>não é?</i>	0	0	77	17
<i>olhe</i>	0	1	0	0
<i>olha</i>	0	2	5	0
<i>ahn?</i>	1	0	0	0
<i>ah</i>	0	0	6	0
<i>a::</i>	0	10	25	5
<i>ah!</i>	0	8	4	0

<i>ah não!</i>	0	2	0	0
<i>ah é?</i>	0	0	0	1
<i>mhm</i>	1	2	0	0
<i>não?</i>	0	0	2	0
<i>está a ver?</i>	0	0	2	0
<i>veja</i>	0	0	5	0
<i>repare</i>	0	0	2	0
<i>está a compreender?</i>	0	0	0	5
<i>oh pá!</i>	0	1	0	0
TOTAL	2	26	128	28

Fonte: Elaboração própria

Figura 14: Gráfico com a porcentagem da posição na frase dos MDs interacionais em Lopes (2011)



Fonte: Elaboração própria

Constatamos um total de 184 MDs interacionais nessa amostra, como foi apresentado no quadro (05) acima. O maior número de ocorrências foi do marcador “*não é?*” com 94 casos, o que equivale a 51,08%. Os marcadores “*olhe*”, “*ahn?*”, “*ah é?*” e “*oh pá!*” foram utilizados uma única vez, o que corresponde a 0,54%. De acordo com a o gráfico (02), é possível analisar a posição que os MDs interacionais estão na frase: (a) sozinhos, representa 1,1% dos marcadores, (b) no início, condiz com 14,1% dos marcadores, (c) no meio, corresponde a 69,6% dos marcadores e (d) no fim, equivale a 15,2% dos marcadores.

5.2.1 Os marcadores “*não é?*”, “*não?*”, “*ah é?*”, “*ahn?*”, “*está a ver?*” e “*está a compreender?*”

Esses marcadores compõem a maior parte da amostra com um total de 105 ocorrências, foram utilizados tanto depois de um enunciado declarativo, quanto após um enunciado interrogativo, com isso eles desempenham a função de fático de natureza ou/e entonação interrogativa. Todos os MDs dos exemplos abaixo, de (28) a (33), são utilizados após um enunciado declarativo, como podemos verificar em seguida:

(28)

AML: Mais à vontade, mais intimidada...?

INF14: em crioulo nunca penso de... em cometer erros porque se calhar tomo...

((risos)) é uma língua que a gente está habituada - utiliza diariamente - geralmente não tem... não há este problema de cometer ou não erros -- português... eu penso que - quando é falado eu... bom... geralmente eu tenho a preocupação de... tentar falar o mais correctamente possível -- às vezes escapa - não é? às vezes a gente comete erros mas pronto - mas pronto - penso que quando é a falar - sem ter alguma coisa escrita - não é que haja essa intimidação - mas depende...

(CORPUS LOPES, 2011, p. 342)

(29)

AML: mhm mhm

INF16: batuque... assim também -- mas quanto à literatura não -- deve ser... é

habito - não? nós temos hábito de ler assuntos de... mesmo assuntos que têm a ver com a nossa cultura - mas eu acho que gente sente -- para mim - eu consigo entender melhor a escrita na língua portuguesa do que a escrita crioula -- não consigo - tenho problemas mesmo//

(CORPUS LOPES, 2011, p. 253)

(30)

AML: Há um alfabeto oficial, o ALUPEC?

INF15: oficial - ah é?

(CORPUS LOPES, 2011, p. 371)

(31)

INF9: nesta altura do campeonato - depois de quase duas horas de conversa...

AML: uma hora e meia

INF9: ahn?

AML: de uma hora e meia

(CORPUS LOPES, 2011, p. 337)

(32)

AML: Diga-me... qual deles, o português ou o crioulo, acha que exprime melhor a cultura de Cabo Verde?

INF8: manifestamente o crioulo -- o crioulo porque o crioulo... tanto mais porque as nossas maiores expressões são todas em crioulo -- você canta em crioulo... veja o:: todas as músicas em Cabo Verde - seja a morna - seja a coladeira - seja funaná - seja batuque - seja... todas as expressões musicais em Cabo Verde são em crioulo -- você encontra raramente uma... uma... uma morna em português -- está a ver? raramente -- agora - tudo está escrito em português -- você fala - exprime-se normalmente em crioulo

(CORPUS LOPES, 2011, p. 306)

(33)

AML: Dr. X, eu vou lhe pedir para pensar nas três pessoas com quem mais conversa fora do seu círculo familiar... e que me procurasse definir o perfil dessas pessoas em termos de idade, sexo, grupo, estrato social...

INF8: isso já é muito complicado ((risos)) é muito complicado -- fora do meu círculo familiar... bom serão as pessoas que trabalham directamente comigo...

INF8: as pessoas que trabalham directamente comigo são pessoas e::: desde o meu condutor - está a compreender?

(CORPUS LOPES, 2011, p. 297)

Nos trechos (28) a (33), é possível observar que os marcadores são utilizados para chamar a atenção do ouvinte para o que está sendo dito, ou ao que foi falado anteriormente. O marcador “*não é?*” que tem o número total de 94 ocorrências, sendo o marcador que mais aparece nesta amostra. No exemplo (28), ele é utilizado para reforçar a normalidade em cometer erros ao construir enunciados na língua portuguesa. Em (29), o marcador “*não?*” é utilizado para reforçar que o batuque por ser uma dança/ritmo musical, uma manifestação cultural é realizada na LCV, mas a literatura para o entrevistado por ser algo escrito é melhor na língua portuguesa. Em (30), a entrevistada não sabia da existência do ALUPEC e utilizou o marcador “*ah é?*” para uma resposta e fazer uma pergunta retórica. Já no exemplo (31), o marcador “*ahn?*” aparece sozinho no enunciado, indicando que o entrevistado não escutou o que foi dito, fazendo com que a pesquisadora repita a informação. Nos exemplos que seguem, em (32) o marcador “*está a ver?*” é utilizado para que o falante reforce que as músicas em Cabo Verde são na LCV e poucas vezes estão em língua portuguesa, e em (33), o marcador “*está a compreender?*” surge logo após o entrevistado repetir o enunciado da pergunta e elencar as pessoas que trabalham com ele.

5.2.2 Os marcadores “*olhe*”, “*olha*”, “*repare*” e “*veja*”

Esses marcadores correspondem a um total de 15 ocorrências da amostra, desempenham a função fática de natureza imperativa e entonação exclamativa, normalmente são utilizados pelo falante para requerer a participação do ouvinte para o enunciado. Os MDs em questão, perdem a referência literal do verbo que é de “fixar a vista em algo”, para representar um envolvimento sensorial-cognitivo, e com isso, chamar a atenção do ouvinte para a declaração (RISSO, 2015, p. 431-432). Como conseguimos verificar nos trechos seguintes:

(34)

AML: Diga-me uma coisa... o que é que acha que exprime... de um modo geral, acha que exprime melhor as suas ideias em crioulo ou em português?

INF8: olhe - eu - para ser franco - eu acho que hoje em dia exprimo indiferentemente as minhas ideias - os meus pensamentos em crioulo... tanto em crioulo como em português -- naturalmente que o meu crioulo - como o crioulo de da maioria de nós - chamado da... de alguma elite literária ou intelectual... [...]

(CORPUS LOPES, 2011, p. 296)

(35)

AML: E esse mais à vontade era em função de quê?

INF3: em função da melhor capacidade de raciocínio e comunicação - quando vives em Cabo Verde - vês que geralmente nós em Cabo Verde pensamos em crioulo -- porque se fazemos uma conferência em português - as pessoas têm medo do vocábulo - acham o vocábulo em termos - rebuscado - em termos de linguagem técnico para poder fazer uma intervenção -- olha - são temas específicos - por exemplo sobre o ordenamento do território - mas se eu falar em crioulo - as pessoas têm mais facilidade em utilizar termos do crioulo para discutir a problemática do ordenamento do território//

(CORPUS LOPES, 2011, p. 214)

(36)

AML: Porque acha que isso acontece?

INF8: acontece porque sabe que é onde ele exprime-se... exprime melhor os seus sentimentos -- é aquilo que lhe vem da alma - do seu íntimo -- e ele sabe que as pessoas o entendem melhor -- não faria sentido eu ir fazer um comício... está a ver - eu a fazer um comício - fosse aqui na Várzea - fosse lá no Monte Sossego ou em Chã de Tanque ou quê em português - para os meus... para o auditório -- quer dizer - aquilo não traduz o meu âmagô... nem está a condizer com o âmagô daqueles... porque são... repare -- são momentos importantes de intimidade - são momentos importantes de intimidade das duas partes - dos ouvintes e do falante - do pregador [...]

(CORPUS LOPES, 2011, p. 307)

(37)

AML: Certo. E literatura... literatura culta, escrita... poesia, romance, conto...?
 INF8: não -- quer dizer - isso já é uma outra luta -- veja que eu que defendo o crioulo
 - como a maioria daqueles que defendem - quase todos escrevem... eu - por
 exemplo -- nós escrevemos em português... [...]

(CORPUS LOPES, 2011, p. 308)

Os marcadores que aparecem nos trechos acima, de (34) a (37), geralmente desempenham um papel funcional sinalizando um contato interlocutivo entre falante e ouvinte. No trecho (34), o marcador “*olhe*”, que aparece uma única vez na amostra, é empregado no início do enunciado para que o falante ganhe tempo ao iniciar a resposta da pergunta realizada anteriormente, que é, qual língua ele se sente mais confortável em falar português ou a LCV. O marcador “*olha*” corresponde a 7 ocorrências da amostra, no exemplo (35), é utilizado para sinalizar que na LCV as pessoas têm mais facilidade em fazer uma intervenção em uma conferência do que no português. No exemplo (36), o marcador “*repare*”, que só apareceu duas vezes na amostra, é inserido no enunciado para sinalizar o que vem em seguida (*são momentos importantes de intimidade*). Já o marcador “*veja*” apareceu 5 vezes na amostra, no exemplo (37), o marcador aparece para dar ênfase que embora o ouvinte (INF8) defenda a LCV a língua que deve estar na literatura é a língua portuguesa.

5.2.3 O marcador “*ah/a::*”

Esse marcador desempenha a função de retardador de resposta/comentário, sendo formulador e reformulador de conteúdo, com um total de 46 ocorrências na amostra. Considerados também como prefaciadores por geralmente aparecerem antes dos enunciados, dando “ênfase no conteúdo informacional, envolvendo o ajuste de alguma ideia expressa na proposição do tópico [...]” (RISSO, 2015, p. 438). Responsáveis por sinalizar os “movimentos de abertura de aspectos variados da estruturação tópica, com maior ou menor grau de envolvimento na estrutura interpessoal do discurso” (RISSO, 2015, p. 438), como podemos verificar nos seguintes exemplos:

(38)

AML: Trabalho... casa...

INF14: trabalho - trabalho - café ah:: geralmente trabalho e café -- por telefone -
 telemóvel habitualmente - e geralmente em crioulo//

(CORPUS LOPES, 2011, p. 343)

(39)

AML: Acha que o crioulo deveria ser usado na alfabetização de adultos?

INF3: bom - a: isso implicaria padronização porque eu - neste momento diria que não -- diria que não porque não vejo como -- sei que nos Estados Unidos estão a utilizar - utilizaram sobretudo variante de Brava

(CORPUS LOPES, 2011, p. 231)

Esses MDs dos exemplos acima correspondem a 25,0% do número de marcadores encontrados. No exemplo (38), o marcador “*ah*” é utilizado para que o entrevistado ganhe um tempo para responder os lugares que normalmente usa a LCV. No trecho (39), o marcador “*a:*” aparece logo após o marcador discursivo sequenciador “*bom*”, e é utilizado para ganhar tempo para formular a resposta da pergunta (*Acha que o crioulo deveria ser usado na alfabetização de adultos?*).

5.2.4 Os marcadores “*mhm*” e “*mhm mhm*”

Esses marcadores desempenham a função de feedback e de fático formulador de enunciados, aparecendo em 3 ocorrências da amostra analisada. Desempenham essas duas funções de acordo com a posição que ocupam no enunciado ao aparecer sozinho ou no início, como conseguimos constatar abaixo:

(40)

AML: Estou a falar de português. Como é que acha que os cabo-verdianos falam o português?

INF16: *mhm* - o português -- há cabo-verdianos que falam português//

(CORPUS LOPES, 2011, p. 254)

(41)

AML: Por exemplo, com os amigos e familiares já me disse que fala em crioulo, e com colegas...

INF3: *mhm mhm*

AML: Mas, por exemplo, digamos, com autoridades escolhe falar o crioulo ou o português, se se dirige a pessoas instruídas ou não, falantes de outras línguas...?

INF3: bom -- evidentemente falantes de outras línguas

(CORPUS LOPES, 2011, p. 218-219)

No exemplo (40), o marcador aparece no início do enunciado para que o falante ganhe tempo para responder a pergunta, e com isso planejar e formular a resposta. No exemplo (41), conseguimos perceber que esse marcador ao aparecer sozinho no comentário ele contribui para confirmar e monitorar o papel do falante, no caso a pesquisadora que detém a palavra.

5.2.5 Os marcadores “oh pá!”, “ah não!” e “ah!”

Esses marcadores, normalmente aparecem no início do enunciado, desempenham a função de fático de natureza imperativa e entonação exclamativa, pois asseguram o contato entre os interlocutores, fazendo com que prestem atenção na elaboração do discurso, ou seja, no planejamento e construção dele. O marcador “oh pá!” aparece uma única vez em toda a amostra, como observamos no trecho a seguir:

(42)

AML: Dr. X, pense nesta última semana. Acha que durante esta última semana, usou mais o português ou o crioulo?

INF8: **oh pá!** eu acho que indiferentemente -- usei o nosso crioulo -- usei o crioulo em casa - sempre -- falei com o meu condutor em crioulo - mas às vezes em português -- usei mais português aqui no escritório -- falei com clientes - recebi clientes -- recebi e escrevi notas -- fiz notas -- ditei coisas para os funcionários - para passarem -- tudo isso é feito em português -- está a compreender?

(CORPUS LOPES, 2011, p. 300)

Já o marcador discursivo “ah não!” aparece duas vezes na amostra, como verificamos a seguir:

(43)

AML: Certo. E para quê é que o crioulo seria oficializado e como é que ficaria o português?

INF23: **ah não!** tinham que andar orelha a orelha - tinham que ir... tanto o crioulo como a língua portuguesa tinham que ter os seus espaços próprios//

(CORPUS LOPES, 2011, p. 268)

E o marcador “ah!” teve 12 ocorrências, o que condiz com 6,53% do total da amostra, conforme podemos observar em seguida:

(44)

AML: Portanto, já me disse, documento oficiais escreve em português e as pessoais em crioulo, predominantemente, e também português. Quando é que é em crioulo quando é que é em português? O que é que escreve em crioulo e o que...

INF9: **ah!** quando são coisas minhas - poemas - ou comunicação por exemplo - para apresentar em fórum dos cabo-verdianos - normalmente eu faço sempre em crioulo -- agora em português - na questão de inspiração - isso aconteceu-me sobretudo em Portugal [...]

(CORPUS LOPES, 2011, p. 320)

No exemplo (42), percebemos que ao utilizar o marcador “oh pá!” no início do enunciado, o falante está chamando a atenção da entrevistadora para o que ele vai falar em seguida, que é a resposta da pergunta (*Acha que durante esta última semana, usou mais o*

português ou o crioulo?). No exemplo (43), o marcador “*ah não!*” é utilizado também para chamar a atenção e tem um tom de hesitação, ao afirmar que as duas línguas a LCV e o português merecem espaços em Cabo Verde, que uma não excluiria o lugar da outra. No trecho (44), o marcador “*ah!*” é utilizado para dar ênfase ao comentário, que o entrevistado geralmente escreve na LCV quando são coisas pessoais, que precisam de uma certa inspiração, do que na língua portuguesa.

Quadro 07: MDs interacionais com a mesma função na amostra de Lopes (2011)

Marcadores	Funções
<i>não é?, ah é?, não?, ahn?, está a ver? e está a compreender?</i>	Fático de natureza ou entonação interrogativa
<i>ah não!, oh pá!, ah!, olhe, olha, repare e veja</i>	Fático de natureza imperativa e entonação exclamativa
<i>mhm e ah/a::</i>	Retardador de resposta/comentário
<i>mhm mhm</i>	Feedbacks (fáticos retroalimentadores)

Fonte: Elaboração própria

Posto isso, identificamos no quadro (07) os MDs interacionais que desempenham a mesma função, com o propósito de constatar a porcentagem que essas funções aparecem na amostra: (i) **fático de natureza ou entonação interrogativa**, com 105 ocorrências, que corresponde a 57,07%, os marcadores “*não é?*”, “*ah é?*”, “*não?*”, “*ahn?*”, “*está a ver?*” e “*está a compreender?*”; (ii) **retardadores de resposta/comentário**, com 48 ocorrências, correspondendo a 26,09%, estão os marcadores “*mhm*”, “*ah/a::*”; (iii) **fática de natureza imperativa e entonação exclamativa**, com 30 ocorrências que equivale a 16,3%, estão os marcadores “*ah não!*”, “*oh pá!*”, “*ah!*”, “*olhe*”, “*olha*”, “*repare*” e “*veja*” e (iv) **feedbacks** o marcador “*mhm mhm*” que só apareceu uma única vez na amostra, que corresponde a 0,54%.

5.3 COMPARAÇÃO DOS MARCADORES DISCURSIVOS INTERACIONAIS NAS AMOSTRAS

Com o intuito de comparar os MDs interacionais utilizados nas duas amostras, Veloso (2018) e Lopes (2011), fizemos um levantamento desses elementos linguísticos de acordo com as três ocupações sociais: (i) 26 estudantes, (ii) 4 professores e (iii) 4 políticos que os interlocutores desempenham na ilha de Santiago, como é observado no quadro (08).

Quadro 08: Uso dos MDs interacionais de acordo com a ocupação social

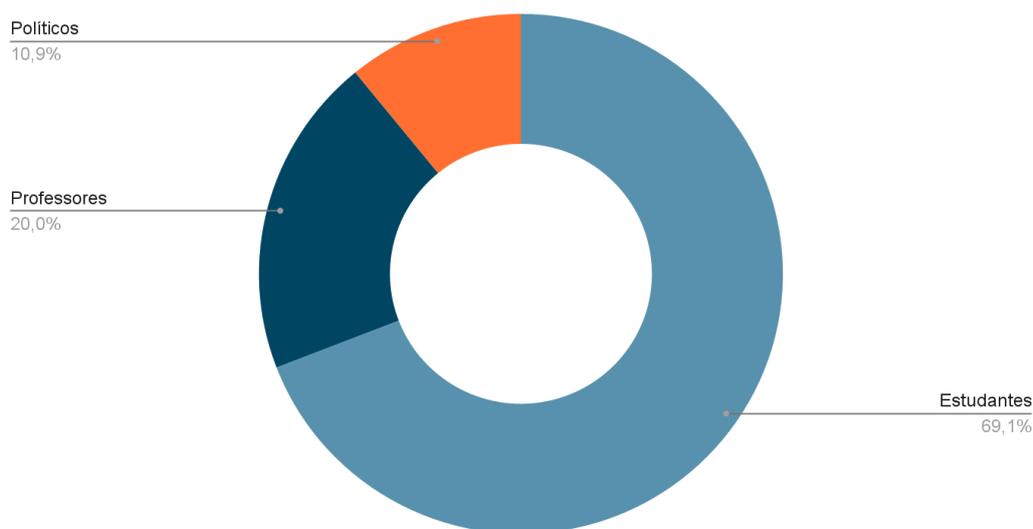
Marcadores	Estudantes	Professores	Políticos	Total
<i>não é?</i>	0	87	7	94
<i>né?</i>	54	0	0	54
<i>olhe</i>	0	0	1	1
<i>olha</i>	0	2	5	7
<i>ya</i>	13	0	0	13
<i>ahn</i>	185	0	0	185
<i>ahn?/ãh?</i>	11	0	1	12
<i>a:: (ah/ahh)</i>	83	19	27	129
<i>ah!</i>	0	3	9	12
<i>ah é?</i>	0	0	1	1
<i>não?</i>	0	1	1	2
<i>uhum/mhm mhm</i>	8	1	0	9
<i>aham</i>	3	0	0	3
<i>mhm/hmm</i>	54	1	1	56
<i>está a ver?</i>	0	1	1	2
<i>repare</i>	0	0	2	2
<i>veja</i>	0	2	3	5
<i>está a compreender?</i>	0	0	5	5
<i>ah não!</i>	0	2	0	2
<i>oh pá!</i>	0	0	1	1
<i>entendeu?</i>	1	0	0	1
TOTAL	412	119	65	596

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar no quadro (08), foram encontrados um total de 21 MDs interacionais nas amostras analisadas, com 599 ocorrências, que são divididos de acordo com a ocupação social. Como verificamos no gráfico (figura 15) em seguida, percebemos que a

frequência do uso dos MDs é **maior** com o grupo dos estudantes, sendo esses os que mais utilizaram os marcadores interacionais, correspondendo a 69,1% das ocorrências, e **menor** tanto no grupo de professores que condiz com 20%, quanto com os políticos que representa 10,9%. Posto isso, os políticos foram os que menos utilizaram os MDs interacionais, já os estudantes são os que mais utilizaram esses marcadores.

Figura 15: Gráfico com a porcentagem dos MDs interacionais utilizados de acordo com a ocupação social



Fonte: Elaboração própria

Com isso, foi possível constatar que embora a faixa etária não tenha sido considerada para a análise em questão, o grupo de estudantes (composto por adolescentes), teve um número maior de ocorrências de MDs interacionais do que os adultos (tanto os professores, quanto os políticos).

Agrupamos os MDs interacionais que desempenham a mesma função na amostra, conforme verificamos no quadro (09):

Quadro 09: MDs que desempenham a mesma função nas amostras analisadas

Marcadores	Funções
<i>ahn, hmm/mhm e ahh (ah/a:)</i>	Retardador de resposta/comentário
<i>mhm mhm, uhum e aham</i>	Feedbacks (fáticos retroalimentadores)
<i>né?, não é?, não?, ãh?/ahn?, ah é?, está a compreender?, está a ver? e entendeu?</i>	Fático de natureza interrogativa
<i>ya</i>	Fático de natureza confirmativa e/ou reforçador do enunciado

<i>ah não!, oh pá!, ah!, olha, olhe, repare e veja</i>	Fático de natureza imperativa e entonação exclamativa
--	---

Fonte: Elaboração própria

Acerca da frequência em que os MDs interacionais são usados de acordo com a função, na presente amostra, é possível destacar as funções de: (i) **feedbacks** para os marcadores “*mhm mhm/uhum*” e “*aham*” com um total de 12, que corresponde a 2,02% das ocorrências; (ii) **fática de natureza confirmativa e/ou reforçador do enunciado** o marcador “*ya*” que foi utilizado 13 vezes, que equivale a 2,18%; (iii) **fático de natureza imperativa e entonação exclamativa**, com 30 ocorrências, que condiz a 5,033% estão os marcadores “*ah não!*”, “*oh pá!*”, “*ah!*”, “*olha*”, “*olhe*”, “*repare*” e “*veja*”; (iv) **fático de natureza interrogativa**, estão os marcadores “*né?*”, “*não é?*”, “*não?*”, “*ãh?/ahn?*”, “*ah é?*”, “*está a compreender?*”, “*está a ver?*” e “*entendeu?*” com 171 ocorrências, 28,69% e (v) **retardador de resposta/comentário**, com 370 ocorrências 62,08%, com os marcadores “*ahn*”, “*hmm/mhm*” e “*ahh (ah/a:)*”.

Quanto aos MDs interacionais que são utilizados por falantes dos três grupos ocupacionais só podemos destacar dois, o primeiro é o marcador “*a: (ahh/ah)*”. que embora não tenha um padrão na sua escrita, não afetou a análise da sua função que é retardador de resposta/comentário. Esse marcador teve um total de 129 ocorrências, dessas 83 foram realizadas pelos estudantes, correspondendo a 64,34%, os professores utilizaram o marcador 19 vezes, o que corresponde a 14,72% e os políticos que utilizaram 27 vezes, correspondendo a 20,93%. E o segundo é o marcador “*mhm/hmm*” que tem a mesma função do marcador anterior, também escritos de forma diferente nas duas amostras, teve um total de 56 ocorrências, dessas 54 foram utilizadas pelos estudantes e as duas restantes por um professor (INF16) e um político (INF9) respectivamente.

No que se refere aos MDs interacionais com base verbal “*está a ver?*”, “*veja*”, “*olhe*”, “*olha*”, “*está a compreender?*”, “*repare*” e “*entendeu?*” que correspondem a somente 3,86% da amostra, com o total de 23 ocorrências, destas, 22 foram utilizadas pelos falantes adultos (5 ocorrências com os professores e 17 com os políticos) e o marcador “*entendeu?*” foi utilizado por um estudante (AL18) uma única vez, desse modo, constatamos a baixa frequência da utilização desses marcadores na amostra. Esses marcadores chamaram a nossa atenção pelo fato de existirem diversos trabalhos publicados sobre o uso desses MDs no PB, e pelo fato desses itens serem analisados com foco no processo de gramaticalização, isto é, desenvolveram novos aspectos gramaticais, deixaram de desempenhar a função de verbo para a de marcador discursivo. Podemos destacar além das pesquisas de Urbano (1999; 2001; 2015), também as

pesquisas de Freitag (2008), Valle (2001; 2014; 2020), Rost Snichelotto e Gorski (2011), Rost Snichelotto (2004, 2014), Freitag, Silva e Evangelista (2017), entre outros.

Em relação aos MDs interacionais “*não é?*” e “*né?*”, que correspondem a um total de 148 ocorrências, o marcador “*não é?*” utilizado somente pelos adultos (os professores com o maior número de ocorrências, 87 e os políticos com 7) e o marcador “*né?*” que foi utilizado exclusivamente pelos estudantes, com 54 ocorrências. Esses marcadores também são chamados de requisitos de apoio discursivo (RADs), que é um grupo (ou uma subcategoria) dos MDs (MACEDO; SILVA, 1996), (FREITAG, 2008), (VALLE, 2001, 2014, 2020) e (ALCÂNTARA, 2018). Dessa forma, podemos estar diante de um processo de mudança linguística, pois o marcador parece seguir o percurso “*não é?*” > “*né?*” que é o de locução para a redução frasal (URBANO, 2015) e (FREITAG; SILVA; EVANGELISTA, 2017).

É possível verificar que os marcadores “*ah não!*” (02), “*oh pá!*” (01), “*ah!*” (12), “*olha*” (07), “*olhe*” (01), “*repare*” (02) e “*veja*” (05) que tem a função de fático de natureza imperativa e entonação exclamativa são exclusivos dos falantes adultos (ou seja, os estudantes não utilizaram esses marcadores), sendo os políticos o grupo que mais utilizam os MDs com essa função, com 21 ocorrências, e os professores com 09, dessas o marcador “*ah não!*” foi utilizado por um professor duas vezes (INF23).

Quanto ao marcador discursivo interacional “*ya*”, foi utilizado exclusivamente pelos estudantes, com um total de 13 ocorrências. Assim como conseguimos observar *in loco* e com a análise dos dados, esse marcador não está presente somente no PCV, mas também na LCV, usado principalmente pelos mais jovens. Ressaltamos que embora não seja o principal foco deste trabalho, não conseguimos constatar, até o presente momento, a origem desse elemento.

O “*ya*” também é utilizado com muita frequência em Angola, no português falado em Libolo. Neste caso, esta palavra foi levada para a Angola pelos alemães, a partir de 1921, e é mais utilizado pelos jovens angolanos (FIGUEIREDO, 2016 *apud* OLIVEIRA; ZANOLI; ANDRADE, 2018).

No caso do “*ya*” presente nas línguas caboverdianas, embora o arquipélago tenha sido uma importante rota do tráfico de escravizados, é pouco provável que o “*ya*” utilizado no país tenha origem do alemão ou da influência das línguas usadas em Angola, pois, historicamente o arquipélago recebe pouco fluxo migratório da Alemanha ou da região africana da qual a Angola faz parte. A nossa hipótese, é que o “*ya*” utilizado em Cabo Verde tem origem da língua inglesa, uma vez que o país desde o século XIX mantém um fluxo migratório para os EUA, país esse que tem o maior contingente de caboverdianos fora do arquipélago. Ou seja, nossa hipótese é de que o “*ya*” é um empréstimo do inglês, na LCV e posteriormente da LCV para PCV.

Percebemos que os estudantes utilizaram 09 MDs interacionais que são: “*ahn*”, “*ahh*”, “*né?*”, “*hmm*”, “*aham*”, “*uhum*”, “*ãh?*”, “*ya*” e “*entendeu?*” e tem um número maior de ocorrências (412), ou seja, eles fazem o uso dos mesmos marcadores por mais vezes. Seguindo dos professores, que utilizaram 10 marcadores: “*não é?*”, “*olha*”, “*a:/ah*”, “*ah!*”, “*não?*”, “*mhm mhm*”, “*mhm*”, “*está a ver?*”, “*veja*” e “*ah não!*” com um total de 119 ocorrências, enquanto os políticos utilizam 14 MDs, que são: “*não é?*”, “*olhe*”, “*olha*”, “*ahn?*”, “*ah é?*”, “*a:/ah*”, “*ah!*”, “*não?*”, “*repare*”, “*mhm*”, “*está a ver?*”, “*veja*”, “*está a compreender?*” e “*oh pá*” com 65 ocorrências. Posto isto, os políticos têm uma maior variedade de marcadores discursivos interacionais e o menor número de ocorrências.

Quanto a posição na frase, nas duas amostras, os marcadores discursivos interacionais tiveram um número mais elevado de ocorrências no meio da frase, mostrando essa tendência posicional desses elementos linguísticos nos *corpora*. No *corpus* de Veloso (2018) do total de 412 ocorrências, 58% os marcadores apareceram no meio da frase, sendo o marcador “*ahn*” o mais recorrente e no *corpus* de Lopes (2011) das 184 ocorrências 69,6% estão no meio da frase, sendo o marcador “*não é?*” com o maior número de ocorrências. Com isso, é notável que devido a característica principal dos marcadores discursivos interacionais que é manter o processo comunicativo entre os interlocutores, chamando a atenção do ouvinte para o que está sendo dito ao longo do discurso, ter um número maior de marcadores no meio da frase nos mostra/comprova a preocupação do falante na construção do seu enunciado.

Quanto aos Manuais Escolares que trouxemos (na subseção Estigmas) o único marcador que encontramos nesses livros ao compararmos com as amostras, foi o marcador “*olha*”, que está no Caderno Experimental de Língua Portuguesa 6 ° ano (2019, p. 166), que segundo o livro, esse marcador desempenha a “*intenção de manter o contato com o receptor*”, ou seja, basicamente a mesma função.

Importante ressaltar que, como destacamos na terceira seção deste trabalho, os MDs são elementos linguísticos multifuncionais, isto é, eles desempenham diferentes funções de acordo com o contexto em que estão inseridos que são “*determinantes, como entoação, posição e articulação com os enunciados que escopam ou que lhes são adjacentes*” (URBANO, 2015, p. 480), (GUERRA, 2007). Com isso, as formas que elencamos desempenham principalmente essas cinco funções, não impossibilitando esses (21) marcadores de exercerem outras funções, ou funções simultâneas.

5.4 OS MARCADORES DISCURSIVOS SEQUENCIADORES

Embora não seja o foco principal deste trabalho, fizemos um breve levantamento de alguns MDs sequenciadores nas duas amostras, constatando que os dois tipos marcadores, tanto os interacionais, como os sequenciadores são utilizados pelos diferentes falantes da amostra analisada, como destacamos no quadro (10), necessitando de uma análise aprofundada em pesquisas futuras. Esses marcadores caracterizam-se por desempenharem o papel de sequencialização tópica (RISSO, 2015).

Quadro 10: Marcadores Discursivos Sequenciadores nas duas amostras

MARCADORES	ESTUDANTES	ADULTOS	TOTAL
<i>bom</i>	27	94	121
<i>bem</i>	1	3	4
<i>mas pronto</i>	0	15	15
<i>pronto</i>	3	17	20
<i>mas prontos</i>	0	1	1
<i>agora</i>	3	40	43
<i>aí</i>	28	45	73
<i>tipo</i>	26	1	27
TOTAL	88	216	304

Fonte: Elaboração própria

Como verificamos no quadro (10), foram encontrados 08 MDs sequenciadores nas amostras, com um total de 304 ocorrências, dessas a maior parte pelos falantes adultos (políticos e professores) com 216 ocorrências, o que corresponde a 71,05% e os estudantes utilizaram 88 vezes, que equivale a 28,95%. Podemos destacar, que dos 08 MDs sequenciadores encontrados, alguns tiveram um elevado número de ocorrências como:

- (a) o marcador “*bom*”, que tem o maior número de ocorrências entre os falantes, foi utilizado 94 vezes pelos adultos e 27 pelos estudantes;
- (b) o marcador “*aí*” com 45 ocorrências pelos adultos e 28 pelos estudantes;
- (c) o marcador “*agora*” que foi utilizado 40 vezes pelos adultos;
- (d) e o marcador “*tipo*” que foi utilizado 26 vezes pelos estudantes.

Em seguida, observamos alguns exemplos desses marcadores nas amostras:

- O marcador “*bom*”

(45)

ESV: é o que você acha das músicas caboverdianas as antigas e as atuais?

AL08: *bom*. eu adoro as musi/ muito muito as músicas caboverdianas.. também é minha música né? mas acho eu que as músicas antiga.. entre aspas é:: os os as músicas antigas de Cabo Verde são mais bonito mais bem cantado.. mais bem produzido

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 138)

(46)

AML: E escrever e ler?

NF16: *bom* - escrever é em língua portuguesa -- e ler também - eu gosto de ler livros em língua portuguesa//

(CORPUS LOPES, 2011, p. 235)

(47)

AML: E actualmente, em casa com os seus familiares, com os seus amigos colegas mais próximos?

INF14: com colegas mais... *bom* - depende -- também em casa é crioulo//

(CORPUS LOPES, 2011, p. 339)

Nos exemplos (45), (46) e (47), o marcador “*bom*” aparece tanto no início da frase, como no meio, representando 39,80% das ocorrências.

- O marcador “*ai*”

(48)

AL10: *ai* Bella... fica apaixonada por aquela família... então um dia *ai* e:: A/ Alice Alice é a irmã do Edward ela é a mais esquisita

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 147)

(49)

INF14: [...] estou mais ou menos numa fase em que estou a utilizar até se calhar mais o crioulo do que o português - do que habitualmente *ai* há uns anos//

(CORPUS LOPES, 2011, p. 348)

Esse marcador corresponde a 24,01% das ocorrências, sendo o segundo marcador mais utilizado na amostra, como observamos nos exemplos (48) e (49).

- O marcador “*agora*”

(50)

AML: E em termos de escrita, escreve mais em crioulo ou em português ou os dois?

INF9: e:: depende -- se escrevo coisas minhas faço em crioulo - normalmente - raramente - muito raramente - em português -- *agora* se estamos a tratar de coisas

oficiais - infelizmente a língua oficial só temos uma - por enquanto -- então eu tenho que escrever em português [...]

(CORPUS LOPES, 2011, p. 320)

(51)

AML: Continua a ser mais crioulo?

INF16: sim mais crioulo - porque há assuntos... há assuntos de conversa - já são assuntos mais divertidos - quando assuntos são divertidos eu prefiro falar crioulo - para contar anedotas - não é? coisas do género - quando estamos... num meio assim de divertimento - prefiro falar a língua crioula - agora - sempre quando o assunto é sério - normalmente eu gosto de falar a língua portuguesa//

(CORPUS LOPES, 2011, p. 242-243)

Esse marcador corresponde a 14,14%, sendo a maior parte produzida pelos falantes adultos, equivalente a 13,16% das ocorrências, como verificamos nos exemplos (50) e (51).

- O marcador “*tipo*”

(52)

ESV: o que que acontece?

AL09: tipo é na história assim e:: vários turistas vão para o mato assim visitar

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 142)

(53)

ESV: conta a história desse filme por favor

AL03: tipo:: existe um palhaço que mora debaixo.. no esgoto... e:: um dia o:: o rapaz estava andando na chuva e o barco foi parar no esgoto... e:: o palhaço viu ele:: depois um grupo de adolescentes se juntaram e foram atrás do palhaço... pra tentarem matar e:: o rap.. o rapaz... então acontece muitas coisas bizarras nesse filme

(CORPUS VELOSO, 2018, p. 123)

O marcador “*tipo*” foi utilizado 26 vezes pelos estudantes, o equivalente a 8,55% das ocorrências, como podemos constatar nos exemplos (52) e (53).

Posto isto, os trechos destacados acima, ilustram o funcionamento dos MDs sequenciadores nos enunciados, que desempenham basicamente a função de dar continuidade ao que está sendo dito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar os marcadores discursivos interacionais em 26 entrevistas do *corpus* de Veloso (2018) e 08 entrevistas do *corpus* de Lopes (2011) no português caboverdiano da ilha de Santiago, Cabo Verde, com o intuito de fazer uma análise comparativa entre os marcadores utilizados pelos diferentes falantes, de acordo com a ocupação social: estudantes, professores e políticos. Para isso, nos baseamos nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista.

Para tal, foi necessário fazer um breve panorama histórico e linguístico de Cabo Verde, com o intuito de descrever como ocorreu o povoamento desse país e, com isso, o surgimento da sociedade caboverdiana e o contexto linguístico que é marcado pelo contato linguístico com diferentes línguas oriundas da costa ocidental africana e do português europeu, tendo como principal fruto, duas línguas, a LCV e o PCV (embora atualmente não são as únicas línguas presentes no arquipélago).

Existe uma diversidade de trabalhos que abordam sobre esses elementos textuais no PB e no PE, que podem ser denominados também de articuladores argumentativos, marcadores conversacionais, entre outros. Constatamos que os marcadores são analisados em diferentes perspectivas, escolhemos a perspectiva textual-interativa, que é responsável por estudar as particularidades que auxiliam os interlocutores na construção do texto falado, por acreditarmos que essa perspectiva é a que melhor explicaria o funcionamento dos MDs no português caboverdiano.

Constatamos que embora existam diversos trabalhos sobre os marcadores nas diferentes variedades do português, como no PB, Marcuschi (1997), Risso, Silva e Urbano (1995, 2015), Valle (2000), Freitag (2007, 2008); no PE Macário Lopes (2014), Macário Lopes e Carapinha (2017), e Teixeira, Ribeiro e Salgado (2016) e nos PALOP, os trabalhos de Sousa (2016), Santos (2017), Oliveira, Zanoli e Andrade (2018), Veloso (2018) e Santos e Veloso (2020), os MDs ainda são tratados como vícios de linguagem e não estão presentes nas gramáticas normativas. Além disso, constatamos, em uma breve pesquisa nos Manuais de Língua Portuguesa de Cabo Verde, nos 6º, 7º e 8º anos escolares, uma estigmatização do uso dos MDs na linguagem oral, aconselhando os alunos a evitarem a repetição desses elementos nos seus discursos.

Percebemos através da análise das amostras que os marcadores discursivos interacionais apresentam um número mais elevado de ocorrências no meio da frase. A utilização desses elementos linguísticos entre os grupos ocupacionais ocorre da seguinte forma: (i) os estudantes

utilizaram 09 marcadores e tem um número maior de ocorrências (412), ou seja, eles fazem o uso dos mesmos marcadores por mais vezes; (ii) os professores utilizaram 10 marcadores com um total de 119 ocorrências e (iii) os políticos utilizaram 14 MDs, com 65 ocorrências. Posto isto, os políticos têm uma maior variedade de marcadores discursivos interacionais e o menor número de ocorrências.

Com isso, conseguimos perceber que os estudantes foram os que mais utilizaram os marcadores discursivos interacionais na amostra, o que confirma a nossa hipótese inicial, de que os jovens tendem a utilizar mais marcadores do que a população adulta, embora percebemos que os políticos e os professores fizeram o uso mais diverso.

A função que teve o maior número de ocorrências, entre as ocupações sociais foi a de retardador de resposta/comentário, com 370 ocorrências, o que equivale a 62,08% do total de MDs interacionais nas amostras, desses o maior uso foi pelos estudantes com 322 ocorrências, os políticos com 28 e os professores com 20. Ao compararmos somente os marcadores utilizados entre os professores e os políticos, a função que teve o maior número de ocorrências foi a de fático de natureza ou entonação interrogativa com 105 ocorrências, dessas os professores utilizaram o marcador “*não é?*” 87 vezes. Convém realçar a multifuncionalidade dos marcadores, ou seja, apesar de no contexto em que analisamos esses marcadores desempenhar determinadas funções conforme descrevemos, não impede que os mesmos exerçam em outros contextos outras funções.

Foi possível identificar que alguns dos MDs interacionais com baixo número de ocorrências nos *corpora*, utilizados no PCV são comuns em pesquisas sobre os marcadores no PB, como por exemplo, os marcadores “*veja*”, “*olhe*”, “*olha*” e “*entendeu?*”, já os marcadores que também fazem parte de diversas pesquisas no PB que teve um número elevado de ocorrências foram: “*não é?*” e “*né?*”. Quanto aos marcadores que mais são analisados no PE, não encontramos nenhum trabalho que tenha pesquisado os MDs interacionais e sim os marcadores sequenciadores.

Por outro lado, o marcador “*ya*” chamou nossa atenção pelo fato de só estar presente no grupo de estudantes, não tenha sido identificado nos estudos sobre os MDs tanto no PB, como no PE, mas é um marcador que aparece frequentemente nos estudos sobre os MDs no português falada nos PALOP, especificamente em Libolo.

Quanto ao breve levantamento que fizemos dos marcadores discursivos sequenciadores nas amostras, foram encontrados 8 MDs, são eles: “*bom*”, “*bem*”, “*mas pronto*”, “*pronto*”, “*mas prontos*”, “*agora*”, “*ai*” e “*tipo*”, com um total de 304 ocorrências, constatamos a tendência de um uso mais elevado desses elementos pela população adulta (políticos e

professores) do que pelos jovens (estudantes). Desse modo, percebemos que os MDs interacionais têm um número maior de ocorrências com os estudantes, enquanto os MDs sequenciadores são mais utilizados pelos professores e políticos. A nossa hipótese inicial foi que a ocupação social e a faixa etária influenciam o tipo de marcadores a serem usados pelos falantes (sequenciadores e interacionais). Essa hipótese apesar de não ocupar a centralidade na presente pesquisa ela foi preliminarmente confirmada, porém será necessária uma análise aprofundada dessa relação nas futuras pesquisas sobre esse tema.

Devido às diversas limitações encontradas na elaboração deste trabalho, cabe destacar algumas pistas a serem seguidas nas futuras pesquisas, visando aprofundar/complementar a presente pesquisa. Constatamos a necessidade de (i) aprofundar a análise dos contextos em que ocorre o uso de cada marcador discursivo no enunciado; (ii) comprovar se os marcadores “*não é?*” e “*né?*” indicam o processo de mudança linguística; (iii) especificar a origem do marcador discursivo “*ya*” e (iii) analisar os marcadores discursivos sequenciadores.

Por fim, acreditamos que esse trabalho, seja uma contribuição, mesmo que modesta, para o melhor entendimento e a valorização do português falado em Cabo Verde. Quanto aos MDs ao apresentar a funcionalidade que esses elementos desempenham no processo comunicativo, independente da língua que o falante utiliza, a nossa pretensão foi de reforçar a importância da inclusão dos marcadores discursivos nos manuais didáticos de Cabo Verde, não para ensinar aos estudantes como utilizar esses elementos linguísticos, mas para que os alunos consigam distinguir as múltiplas funções dos marcadores, já que são elementos indispensáveis para a comunicação entre os interlocutores.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Nélia. Aquisição de Português L2 em Cabo Verde: alguns aspectos morfossintáticos do contato. In OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte; ARAUJO, Gabriel Antunes (org.). **O português na África atlântica**. São Paulo: HUMANITAS/FAPESP. 2018, p. 139-164.
- ALEXANDRE, Nélia; GONÇALVES, Rita. Language contact and variation in Cape Verde and São Tomé and Príncipe. In: LÓPEZ, Laura Álvarez; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito Ornelas de (orgs.). **The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins Publ. 2018, p. 237-265.
- ALEXANDRE, Nélia; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de. Caboverdiano e Português: cotejando estruturas focalizadas. In OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte; ARAUJO, Gabriel Antunes (org.). **O português na África atlântica**. São Paulo: HUMANITAS/FAPESP. 2018, p. 165-190.
- AMORIM, Cláudia; FISCHGOLD, Christian; TRINDADE JUNIOR, João Olinto; MATOS, Mayara. **Literaturas Africanas I**, v 2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2018.
- BATISTA, Magno. Marcadores discursivos: revisitando os conceitos e a análise linguístico-discursiva em gêneros de esfera jornalística inseridos no manual didático. Ilhéus, 2014.
- BOTASSINI, Jaqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum**, Londrina. Vol.18 (1), p. 102-131, 2015.
- CABO VERDE, Constituição. **Constituição da República de Cabo Verde**. 4ª ed. 2ª revisão extraordinária. Praia, Santiago: Assembleia Nacional, 2010.
- CABRAL, Amílcar. **Unidade e Luta: A Arma da Teoria**. Praia, Fundação Amílcar Cabral, 2013.
- CABRAL, Iva. Ribeira Grande: Vida urbana, gente mercancia, estagnação. In SANTOS, Maria Emília Madeira (org.). **História Geral de Cabo Verde: Volume II**. Lisboa; Praia: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga; Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, 1995, p. 225-274.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- CASTELLO BRANCO, Luzia Kátia. **As línguas de Cabo Verde – o caboverdiano e o português: lugar onde joga o equívoco**. In: Maria Célia Lima-Hernandes; Maria João Marçalo; Guaraciaba Micheletti; Vilma Lia de Rossi Martin. (Org.). **A língua portuguesa no mundo: Simpósio Mundial de Língua Portuguesa**. 1 ed. São Paulo: Editora da FFLCH-USP, 2008, v., p. 91-110.
- CASTILHO, Ataliba T de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- CASTILHO, Ataliba T de. Apresentação da coleção. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, v.1, São Paulo: Contexto, 2015, p. 9-26.

CASTILHO, Ataliba T de. Gramática do Português Brasileiro: fundamentos, perspectivas. **Cadernos de Linguística**, São Paulo. v. 2, n. 1, p. 01-17, 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. 1. ed., 4ª reimpressão São Paulo: Contexto. 2021.

Cabo Verde. Constituição da República de Cabo Verde, 1992.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FERNANDES, Gabriel Antônio Monteiro. **Entre a Europeidade e a Africanidade: Os marcos da colonização/descolonização no processo de funcionalização identitária em Cabo Verde**. 184 N° folhas, 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis.

FIORIN, José Luiz. As relações de poder entre as línguas e a dimensão política de seu uso. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Língua Portuguesa e Lusofonia**. São Paulo: EDUC, 2014.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem! Interdisciplinar - **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, [S.l.], v. 4, p. 21-32, jul. 2007.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcadores discursivos interacionais na fala de Itabaiana/Se. **Revista do GELNE**, Rio Grande do Norte. Vol. 10, N° 1/2, p. 21-32, 2008.

FREITAG, Raquel; SILVA, Rosângela Barros da; EVANGELISTA, Flávia Regina de Santana. Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados. **Diacrítica**, Braga. Vol 31. n°1. p. 55-75, 2017.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Documentação sociolinguística [recurso eletrônico]: coleta de dados e ética em pesquisa**. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

GUERRA, Alessandra Regina. Funções Textual-Interativas dos Marcadores Discursivos. São José do Rio Preto, 233p. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, 2007.

HERNANDEZ, Leila Leite. **Os filhos da terra do sol: formação do estado-nação em Cabo Verde**. São Paulo: Selo Negro, 2002.

INE: Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde. Anuário Estatístico. Praia, 2019.

JUBRAN, Clélia Spinardi. **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**, v.1, São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, v.1, São Paulo: Contexto, 2015, p. 39-46.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIMA, Adelaide Tavares Monteiro. **A língua cabo-verdiana e a política linguística no país** – Cabo Verde. 101 N° f, Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas). Rio de Janeiro, 2007.

LOPES, Amália Maria Vera-Cruz de Melo. **As Línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística**. 586 N° f, 2011. Tese (Doutorado em Linguística - Sociolinguística). Universidade de Lisboa. Lisboa, 2011.

LOPES, Amália Maria Vera-Cruz de Melo. Cabo Verde: Portraying a speech community. In: LÓPEZ, Laura Álvarez; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito Ornelas de (orgs.). **The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins Publ. 2018, p. 135-168.

LOPES, Francisco João. **Análise morfosintática das construções-wh no português falado em Cabo Verde**. 367 N° f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

LOPES, Francisco João; OLIVEIRA, Márcia S. Duarte de. Estudos sobre o português falado em Cabo Verde: o "estado da arte". In OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte; ARAUJO, Gabriel Antunes. (org). **O português na África atlântica**. São Paulo: HUMANITAS/FAPESP. 2018, p. 101-138.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (orgs). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 101-124.

MACÁRIO LOPES, Ana Cristina. Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos 'quer dizer', 'ou seja' e 'isto é' no português europeu contemporâneo. **Diacrítica**, Braga. v. 28, p.33-50, 2014.

MACÁRIO LOPES, Ana Cristina; CARAPINHA, Conceição. Por outras palavras e digamos: marcadores de reformulação? **Revista Galega de Filoxía**, vol 18. p. 115-131 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores Conversacionais. In: JUNIOR, Benjamin Abdalla; CAMPEDELLI, Sueli. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 61-74.

MARTINS, Amarilis Barbosa. **Relações entre Portugal e Cabo Verde antes e depois da independência**. Lisboa, 2009.

MELO, Girleide. **Marcadores Discursivos: interface português-espanhol – análise dos valores semântico-pragmático**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2018.

MONIZ, Elias Alfama Vaz. **Africanidades versus eurocentrismo: pelejas culturais e educacionais em Cabo Verde**. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Praia, 2009.

MONTEIRO, João Paulo. O processo de construção da identidade e do estado-nação em Cabo Verde. In: Revista Científica **Vozes dos Vales**, N° 06, Diamantina, UFVJM, 2014.

MOREIRA, Marciano. Betú ataka alfabetu kabuverdianu ofisial. In: A Nação, 26 de Dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.anacao.cv/noticia/2021/12/26/betu-ataka-alfabetu-kabuverdianu-ofisial/>

OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ZANOLI, Maria de Lurdes; ANDRADE, Giovana Merighi de. Marcadores Discursivos no português falado em Angola, subvariedade Libolo um estudo inicial de base prosódico pragmática. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 20, Num. Esp., p.159-186, 2018.

PANDIN, Gildaris Ferreira. O valor das línguas na realidade de ensino-aprendizagem em Cabo Verde. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, vol. 14, n. 4, p. 1087-1101, out.- dez. 2020.

PENHAVEL, Eduardo. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum? **Revista (Com)textos Linguísticos**. Vitória. V. 6, N°7, p. 78-98, 2012.

PEREIRA, Daniel. A Cultura caboverdiana no processo de integração das comunidades emigradas, **Cultura**, Vol. 2: p. 77-83, 1998.

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. Humanitas FFLCH/USP, 5° ed, 2001.

REIS, Elvira; CARDOSO, Teresa. **Caderno Experimental de Língua Portuguesa 6° ano**. Direção Nacional de Educação. Gráfica da Praia, 2019.

REIS, Elvira; CARDOSO, Teresa. **Linguagens: Língua Portuguesa 8° ano**. Direção Nacional de Educação, 2021.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 391-452, 2015.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de O. e; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo:Contexto, 2015, p. 371-390.

ROST-SNICHELOTTO, Cláudia Andrea. Correlação entre sequências discursivas e marcadores discursivos de base verbal: um caso de variação estilística ou de motivação semântico-pragmática? In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete L.; SOUZA, Christiane Maria N. de. (orgs.). **Variação Estilística: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Insular, 2014, p. 225-244.

SANTOS, Kátia Roseane Cortez dos. O elemento portanto nas variedades brasileira e africana do português: valores semânticos e relações retóricas. **Cad. Letras UFF**, Niterói, v. 27, n. 55, p. 159-183, 2017.

SANTOS, Margarida; SANTIAGO, Rosa. **Língua Portuguesa: Por Novos Caminhos - 7° ano de escolaridade**. Direção Nacional de Educação. Ministério da Educação, Cabo Verde, 2020.

SEIBERT, Karl Gerhard. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: divergências históricas e identitárias. **Afro-Ásia**, n° 49. p. 41-70, 2014.

SEMEDO, Eliane Cristina Araújo Vieira; MOREIRA, Ana Karina Tavares. A gênese linguística das ilhas de Santiago e Fogo - Cabo Verde. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades**, ISSN 1982-8640. p. 111-121, 2020.

SOUSA, Benedita Maria do Socorro Campos de. A polidez em entrevistas de falantes de língua portuguesa de Cabo Verde e Timor Leste. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2016.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

TAVARES, Fernando Jorge Pina. Educação bilíngue e os desafios da inclusão da língua nativa cabo-verdiana nos processos de ensino e aprendizagem - Estados Unidos da América. **Capoeira** - Revista de Humanidades e Letras. São Francisco do Conde. Vol 6, nº 1, p. 152-175, 2020.

TEIXEIRA, Cristiana Filipa Silva; RIBEIRO, Elisabete Pinto; SALGADO, Sara Raquel da Silva. Marcadores discursivos na oralidade. **Revista eletrônica de linguística dos estudantes da Universidade do Porto**, Porto, v.5, s/n, 2016.

URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, v.1, 2015, p. 453-482.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino.(Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 5º ed, 2001, p. 81-103.

VALLE, Carla Regina Martins. Marcadores Discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização. **Working Papers em Linguística**, UFSC, vol.4, n. 1, p. 104-113, 2000.

VALLE, Carla Regina Martins. Marcadores Discursivos e Multifuncionalidade: atuações textuais de itens voltados para a interação. **Work. Pap. Linguíst**, Florianópolis, 21 (1): p. 197-219, jan./jul., 2020.

VEIGA, Manuel. O crioulo e o Português em Cabo Verde. In Sibila: **Poesia e Crítica Literária**, 01 de abril de 2009. Disponível em <<http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/ocrioulo-e-o-portugues-em-cabo-verde/2753>>.

VEIGA, Manuel. Cabo Verde: da Diglossia à Construção do Bilinguismo. **PAPIA**, São Paulo, 25(2), p. 177-187, 2015.

VELOSO, Emilly. **Marcadores discursivos no português de Cabo Verde**: uma descrição preliminar. 56 f. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa). São Francisco do Conde.

VELOSO, Emilly Sampaio Silva; SANTOS, Eduardo Ferreira dos. Marcadores discursivos no português falado na ilha de Santiago (Cabo Verde). **Inventário**, Salvador [S.I], n. 26, p. 311-331, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/38423>.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].